

JAN VAL ELLAM

INQUISIÇÃO TRIMURTIANA

TEMPO DE APOSTASIA

CONECTAR EDITORA

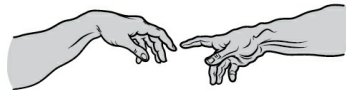


INQUISIÇÃO TRIMURTIANA

TEMPO DE APOSTASIA

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



SUMÁRIO

Introdução

1. [A Noção Inadequada de Senso Crítico dos Trimurtianos](#)
2. [O Mais Inapropriado dos Julgamentos](#)
3. [Pequenez Espiritual](#)
4. [Fenômenos Denunciadores do Fim](#)
5. [A Estranha Autorrealização de Shiva](#)
6. [O Fim da Lila](#)
7. [“Decifrem-me!”](#)
8. [O Alerta que não Veio e a Transição que não Aconteceu](#)
9. [Os Adhytia e a “Ordem dos Indecifráveis”](#)
10. [Esgotamento e Solidão](#)

Posfácio

Sobre o Autor

Projeto Orbum

Roteiro de Livros

IEEA

INTRODUÇÃO

Penso que jamais saberei ao certo o que aconteceu com a minha referência pessoal enquanto personalidade. A sensação do “eu”, em mim, sabia que não era o meu corpo humano que novamente ali se encontrava, apesar de tudo me levar a crer que assim fosse.

Sentia-me como se estivesse vestido à moda da minha vida atual, apesar de envolvido com uma veste profundamente confortável e que sabia não se encontrar entre as minhas posses terrenas.

Penso ter desfalecido e, embora principiasse a acordar como se estivesse de volta à condição humana, vi-me como que sonhando, tendo uma longa conversa com os espíritos – as suas formas *Adhyagya* – que respondem pelas formas *trimurtianas* (expressões *Adhydaiva* edificadas após o “mergulho” nesta Criação) de Vishnu e Shiva, enquanto “tudo abaixo de nós” parecia ser a confusa “Criação Bipartida”, da qual o universo em que a Terra estava situada parecia ser tão somente uma das suas partes componentes.

O que me era dado perceber se assemelhava a dois universos paralelos, subjacentes, um em expansão – o nosso, onde a vida biológica impera – e um outro retraído, desagregado, como se “recortado” em muitas partes – onde vivem os chamados “entes-clones” e as diversas classes de “demônios”.

Enquanto no nosso universo existem as galáxias como sendo as “partes macro”, formadoras do mesmo, naquele outro, os “recortes” pareciam ser “moradas apartadas”, que o compunham.

Os espíritos daqueles dois seres “conversaram comigo” observando a lógica das convenções mentais da natureza humana, que neles parecia ser natural, apesar de existir um “quê” de diferente entre a lógica humana e a deles. Este aspecto, se por uma lado parecia ser normal, por outro causava-me

estranheza porque, naturalmente, eu estava predisposto a esperar um padrão de postura e de conduta daqueles espíritos – a quem considerava como sendo superiores – bem mais elevados do que os que pude por mim mesmo aferir.

Somente tempos mais tarde, é que pude compreender que realmente eles eram e são “elevados”. O problema, ou a minha estranheza, residia em certos padrões que estavam indelevelmente ligados às suas formas *Adhyatman*, que representavam as suas personalidades como divindades atuantes antes da Criação Universal indevida, que foi procedida por *Adhyshprabrajna*, na sua expressão *Adhyatman*. Após a sua “queda” na Criação indevida, esta entidade – antes *Adhyshprabrajna* – conseguiu erigir uma forma de expressão (*Adhydaiva*) que viria a ser conhecida, na cultura humana, como Brahma/Javé/Alá, dentre outros nomes e epítetos, da qual tornou-se prisioneira e dela jamais se libertou.

As formas *Adhyagya* – espíritos – que respondem por Vishnu e Shiva instruíram-me numa série de postulados e de possíveis procedimentos a serem assumidos pelo espírito que me anima a personalidade terrestre e, quanto mais informações eram adequadas ao meu psiquismo, mais me sentia incomodado a cada vez que o meu modo terreno de pensar afluía em meio àquele processo.

Havia, sim, uma clara dose de constrangimento da parte daqueles dois seres espirituais – e de mais alguns outros que também ali se faziam presentes –, o que me incomodava mais ainda por força da pequenez que o meu psiquismo terreno sentia quando se percebia como tal, convivendo com todo aquele contexto incomensurável e ao mesmo tempo deplorável, conforme meu juízo – e faço absoluta questão disto registrar, ainda que o futuro possa revelar este e outros equívocos da minha parte.

Ali, naquele nível, onde a mente espiritual dos seres nele congregados parecia não ter mais encobrimentos, e a verdade cristalina sobre o que acontecera com as suas formas *Adhyatman*, então conhecidas como *Adhyshmatna* (Vishnu) e *Adhyshsava* (Shiva), simplesmente se encontrava estabelecida e era comum ao conhecimento de todos e não havia mesmo segredos.

Foi a partir da expressão mental de um ser na sua forma *Adhyatman* –no caso *Adhyshprabrajna* – que a Criação indevida passou a existir, e cujo espírito, ou sua forma *Adhyagya*, não se encontrava presente àquele encontro porque jamais conseguira se imantar à sua expressão *Adhydaiva* –Brahma – exatamente por se encontrar inabilitada desde o impensável ato de expressão

criativa. Devido a isso, desde então, Brahma sempre foi e ainda é um ser holográfico, sem “alma”, ou seja, apartado da sua condição excelsa espiritual. Da sua condição anterior na forma *Adhyatman*, viu-se “extraído” o seu “corpo mental” e é este que responde por sua existência como Brahma, até os tempos atuais.

Era-me difícil receber orientações daquelas entidades espirituais que iam de encontro às conveniências das suas próprias formas *Adhydaiva* – Vishnu e Shiva –, das quais os mesmos agora dependiam, pois para elas tiveram que voltar o foco das suas consciências desde o início dos tempos problemáticos, quando Shiva e Vishnu tiveram que “acontecer” para o âmbito interno da Criação, no mesmo nível existencial no qual Brahma já se encontrava prisioneiro desde a “queda” da sua consciência mental, enquanto forma *Adhyatman* problemática.

Novamente, a minha condição humana iria ter que registrar a ininterrupta convivência com as formas *Adhydaiva* de Brahma, Shiva e Vishnu, convivência esta que passou a ter lugar no algo inquieto psiquismo que me restou desde o ano de 2008, quando havia me encontrado somente com Brahma/Javé, e que se intensificou mais ainda a partir dos fatos registrados na segunda parte do livro “*Inquisição Filosófica*”.

Deixo, portanto, registrado o que julgo ser estratégico para a compreensão das gerações futuras sobre como todos estes acontecimentos, jamais enxergados pelo mundo à minha volta, tiveram lugar.

Parte do que “falei para os três da *Trimurti*” teve como base a orientação que os espíritos de dois deles me levaram a fazer. Muito, porém, do que expressei àqueles três seres, o fiz por conta do meu próprio temperamento, conforme os critérios que as minhas cotas de senso crítico e de razão filosófica humanas o permitiram.

Jamais desejei estar no mesmo ambiente ou convivendo com aqueles três seres, ou de pelo menos me encontrar com um só deles. Contudo, em sendo inevitável, segundo eles, a minha presença naquele contexto, o que ali fiz e expressei foi e é de minha total responsabilidade, seja lá o que isto possa significar em toda esta história.

Seguramente, devo ter errado bastante e me equivocado em muitas coisas, mas, perante as circunstâncias, não podia e não tem como ser mesmo diferente.

Atlan, 30 de novembro de 2015.

Jan Val Ellam

A NOÇÃO INADEQUADA DE SENSO CRÍTICO DOS TRIMURTIANOS



— FICA À VONTADE, ó Vishnu, Brahma entendeu que perdeu a aposta, pois o humano não titubeou – disse Shiva.

Vishnu voltou a atenção para Brahma e ambos se fitaram por um longo momento, até que este fez um sinal de aquiescência. O gigante – Brahma –, então, voltou-se, e com a sua expressão impassível, porém, amargurada, fixou-se longamente em mim.

Baixei os olhos pois, ao mesmo tempo que algo me unia àquele ser, um sentimento muito forte de repúdio aflorou-me no íntimo, e a expressão “aposta” ficou martelando no meu psiquismo.

— Aqui termina um ciclo, ó humano – observou Brahma –, que somente pode ser concluído com a sua valorosa contribuição, como também a de muitos que se encontram na Terra e ainda nada sabem sobre este nível de realidade em que nos encontramos. Antes que receba críticas da sua parte, deixe-me explicar a questão da aposta.

— Não precisa! – disse, para a minha própria surpresa. — Já havia entendido tudo, apenas me era penoso aceitar que fosse esta a moeda da convivência entre vocês. Isto está abaixo de qualquer crítica. O fato de você tentar me explicar, de desejar me esclarecer, somente demonstra que vocês, os chamados “Senhores da Vida”, não têm o mais primário dos sentimentos do progresso espiritual que, na Terra, chamamos de “vergonha na cara”! Vocês não sentem nenhuma vergonha pelo que estão fazendo desde o início de toda essa vexaminosa situação! **Na Terra, muitas são as espécies que existem e somente a humana sente vergonha. Que tipo de espécie é essa de vocês que não possui o ritmo mental apropriado para poder se**

envergonhar de alguma coisa? Se arrepender depois dos crimes, desde que seja honesto, parece que Brahma pratica esta postura mental em alta monta. Contudo, de que adianta se arrepender mil vezes e se repetir, crimosamente, na mesma atitude em outros milhares de oportunidades? Falta o senso da vergonha! Vocês realmente não conseguem sentir vergonha? Será? Ou isto é tão somente um disfarce medíocre de vocês para que o “humano escolhido” não descreva, com cores fortes, o grau de psicopatia que vocês três detêm nessa condição demo?! E toda essa descendência ramificada em padrões que mal imagino, que surgiu a partir do “código da vida” de cada um de vocês, ninguém, dentre eles, sente mesmo vergonha? **Quer dizer que do último demo surgido como descendente direto de Indra (Zeus) até vocês, que foram os primeiros, ninguém consegue ter mesmo vergonha nas multifaces que vocês ostentam?**

— Ai de mim! Ai de mim! Isto não vai dar certo com este humano – lamentou-se Brahma. — Seja lá qual for o estratagema de vocês dois, não vai funcionar como este humano. Ele é mais inflexível do que nós.

— Não sou inflexível – retruquei –, tanto que ainda estou aqui e me digno a falar com vocês, apesar de não saber se existe alguma dose de livre arbítrio, que me fosse possível dela utilizar, para não me encontrar aqui. Entretanto, **parece que o espírito que me anima é conivente com isto tudo, e o nível espiritual que o manipula também, pois que seja!** De “estupro em estupro”, tendo como base as apostas entre vocês, tão flexível sou que, na minha “pequenez”, ainda me permito tentar colher algo de bom dos que me “estupram”, dos que me escravizam a uma situação perversa, dos que me enjaulam e ainda passeiam perante o meu cansaço, mostrando possuir a chave, negociando-a em troca da minha subserviência... E ainda são tidos como “deuses”, quando mais me parecem seres “apodrecidos” e necessitados da misericórdia alheia, muito mais do que a minha própria cota de necessidade neste quesito. Desculpem-me, mas, por “miserável” que eu seja, tenho alguma dose de vergonha na cara. Vocês, ao contrário, parecem não saber nem o significado do que estou expressando.

— **Temos honra, ó humano – falou Shiva. — Não se precipite! Temos o nosso código de honra. Procuramos ser honrados em relação ao nosso padrão de convivência ajustado e aplicado entre nós e às nossas descendências. Apostamos porque assim é da natureza de Brahma e sempre foi esse o seu modo de se manter ativo na sua interação conosco, após a sua reconstrução,** como você já sabe. Foi e ainda é o modo mais fácil

de lidar com suas convenções mentais após a sua “queda”. **Assumimos, eu e Vishnu, essa mesma convenção algorítmica que marca o psiquismo dele, desde a sua derrocada, como sendo o único modo de levarmos adiante a estratégia que agora estamos prestes a finalizar.** As diversas classes de seres que dele descenderam diretamente, quando despertos, como também de **todos os nossos descendentes, somos todos movidos por “jogos mentais”, sendo esta a nossa motivação existencial mais marcante no psiquismo da cultura que nos caracteriza.** A nossa honra está em assumirmos o preço da aposta acordada, e foi assim que muito foi construído no âmbito interno desta Criação. Procure compreender o estado mental em que nos encontramos, dessas nossas formas *Adhydaiva*, que foram criadas para podermos, a partir delas, atuar no âmbito interno do que foi gerado. Cautela, ó humano, pois você é um dos poucos, talvez, o único, dentre os terráqueos, a conseguir conviver conosco e nos admoestar corretamente, mas não exagere! **Tente compreender a natureza desta Trimurti, pois, bem ou mal, ela é o que existe para dar conta do todo universal, pois são as nossas energias pessoais que a tudo sustentam, goste você ou não. Confesso: Não era para ter sido assim, mas foi desse modo que a energia criativa de Brahma se expressou, e as energias aglutinadora e corretiva minhas e de Vishnu tiveram que ser também expressadas, para que o trágico início pudesse um dia ter uma finalização produtiva. A Trimurti é quem cuida disso, certa ou erradamente. Portanto, não há outra opção disponível.** Se existe, jamais pudemo-la construir, pelo menos até agora. Na verdade, a *Trimurti* cuidou de tudo até estes tempos, quando se conclui o ciclo referido por mim a Vishnu. **Foi-se o Manvantara da Trimurti, sabemos disto! Estamos tentando dar início a um outro tempo, onde as apostas, antes necessárias como disfarces para as reais intenções que movem os fatos, possam ser substituídas por outra forma de gerenciamento.** Contudo, das que foram feitas no passado, tanto longínquo como recente, seus resultados ainda estão sendo aferidos para que, pelo menos seja ressaltado aquilo que você já expôs em palestra singular: **o fato da “apostasia” – (nota do autor terreno (n.a.t.) – ação de renegar algo) – estar tendo lugar entre nós, devido a Brahma não “aceitar certas derrotas” e se recusar a “pagar o preço” das apostas oficialmente assumidas. O retardo da chegada de Sophia/Jesus é um aspecto deste problema.** Contudo, você mesmo é o maior exemplo do que falo, por desagradável que isto lhe possa parecer, pois muito do que você passa e tem enfrentado se deve ao fato de que Brahma

também não tem aceitado o resultado que colheu, vindo de você. **Com a nossa lógica, não temos como agir diferente. A lógica humana, porém, abarca todas as demais por ser a mais abrangente das criadas até agora e, por isto, foi a última a surgir, ou seja, a mais recente da história da Criação. Eis o valor da lógica humana: Ela pode compreender tudo e todas as questões inerentes à problemática da Criação, contudo, ainda não parece ser complexa a ponto de assimilar o que se encontra além das suas fronteiras, aspecto que a nós também não é dado.** Por isto, precisamos da sua lógica e da de todos, na Terra, que já vislumbram o contexto espiritual que envolve esta Criação na qual estamos mergulhados.

— Sim, ó humano, o seu concurso é a razão da aposta, pois Brahma sempre submeteu a todos os humanos, até o limite das suas imposições, colhendo inevitavelmente de todos eles o que quis – explicou Vishnu. — Isso somente não aconteceu com Jesus e, mais recentemente, com você; entretanto, a sua história ainda não acabou. Apenas, Brahma reconheceu que, com toda sorte de dificuldade que os seus desígnios impuseram a sua condição humana, ele sempre esperou que você iria ceder e a ele se submeteria para receber as bênçãos retificadoras, porém você nunca o fez. No fim das forças que movem os nossos psiquismos nessa questão, é que estamos reconhecendo e lhe explicando que a sua contribuição e o seu concurso foram os dois últimos fatores a gastar – não por sua culpa, mas pela insistência de Brahma – a sua energia criativa, e nada ele pôde criar através da sua pessoa, enquanto humano. Então, **o processo inverteu-se, pois é a energia dos humanos que agora influencia Brahma, por força da condição dele.** Este jogo nunca antes pôde ficar claro para os terráqueos, pois, realmente, como você mesmo ressaltou, ele é perverso e violento para os valores humanos da atualidade. As vezes em que as expressões mais caras das nossas potências ocultas assumiram formas carnis na Terra, tentamos esclarecer algumas destas questões, mas tal não se deu, e sei que você tem críticas duras ao modo como minha contraparte humana se conduziu neste assunto.

— Não, do homem Jesus nada tenho a reclamar, muito pelo contrário, apenas acho que ele foi enganado e se enganou, até mesmo por conta dessas apostas criminosas e injustificáveis, por mais que vocês possam argumentar o contrário. Compreender, acho até mesmo que compreendo. Aceitar esse método, não me cabe julgar... enquanto as apostas entre vocês não envolviam “vida alheia”. **Entretanto, se vocês acham que são “donos**

da vida” e de todos os que a portam, de todos os seus agentes, aqui expresso a minha mais profunda repulsa filosófica em relação à conduta criminosa de vocês! Isso não precisava ter continuado desse modo. **Penso que assim continuou porque vocês dois também adoeceram e padecem agora do mesmo mal que sempre atormentou Brahma.** Vocês também estão em derrocada! Faliram! Estão e são tão criminosos quanto Brahma! Quanto às suas formas *avatáricas*, ou expressões *Adhyajna*, como vocês as chamam por meio da linguagem sânscrita, acho apenas lamentável que essas suas personificações, apesar de, na expressão humana se portarem na Terra de modo muito superior ao de vocês, também encham o mundo de problemas, de lealdades estéreis, de desdobramentos criminosos, que somente pioram as coisas por lá. Quanto a estas formas que aqui estão, que são vocês, em sendo as responsáveis pelo que se pode ou não fazer em toda esta história, vocês nada fizeram ou fazem que a razão humana possa aplaudir. **Desculpem, mas vocês sempre apequenam as suas romagens terrenas quando apresentam o já ultrapassado “jeito trimurtiano de ser”, quando se apresentam como sendo “o deus encarnado”, “aquele que está sentado à direita do Pai”, “aquele que é um só com Deus”, “eu sou o caminho, a verdade e a vida”, “eu sou o deus verdadeiro”, “eu sou isto ou aquilo”, do que eu consigo me recordar. Para que isso? Para que tanta afetação? Por que tanta porção de ego demo numa personificação humana? Será que não poderia ser melhor programado? Ah, ingenuidade humana, esta minha, esqueci que as benditas apostas entre vocês não permitem uma programação diferente. Por que Sai Baba e Jesus teimaram por fazer afirmações no sentido do “eu sou isto ou aquilo” quando, sob a perspectiva do progresso espiritual, isso mais parece arrogância e prepotência desnecessárias?** Ainda que pudessem ser, ou mesmo que sejam isto ou aquilo, para que afirmar conceitos desse naipe para uma humanidade tão carente e ainda ignorante quanto aos aspectos da verdade que a envolve? Ainda que não seja a intenção de vocês, isso gera intolerância religiosa, divisão, dependência, subserviência e personalismo, além de, o que é pior, faz surgirem religiões e seguidores que se pretendem tão ou mais importantes que os próprios fundadores, ainda que os elevem à categoria de deuses. **Demoníaco, demasiadamente demoníaco, parafraseando Nietzsche.** Como vocês podem esquecer disso quando se fazem humanos? Se bem entendo, ó Shiva, pelo menos a sua mente tem estado presente inúmeras vezes na Terra, tentando contribuir com o progresso humano. Entretanto, sem

me referir ao passado longínquo que somente agora vocês estão me informando a respeito, foi somente nos últimos tempos, ó Vishnu, que o seu espírito lá se fez presente como humano, na pessoa de Jesus e, se por um lado deixou um precioso legado erigido pelos humanos que o seguiram, por outro, gerou um problema cujo sangue derramado em seu nome até hoje eu me questiono se, nesta sua condição *Adhydaiva*, você tem ideia do que promoveu. O pior é que, **enquanto Jesus, agiu de um modo em relação a Javé, mas depois, como ressuscitado, revelou o que como Jesus você parece só ter percebido nos últimos momentos da cruz.** Ou seja, **você tão somente transferiu um problema terrível para os ombros humanos e jamais se dignou a consertar o aspecto inapropriado das suas atitudes.** Os pobres humanos ainda foram levados a considerá-lo um deus, do mesmo modo que os hindus fazem, e você não se constrange nem um pouco com isto. Estou errado?

Aquele ser diferenciado dos outros dois que ali se apresentavam, olhou-me como se fosse me trespassar, mas não de modo violento nem muito menos raivoso, apenas estranho, e permaneceu longo tempo em silêncio. Enquanto isto, Brahma visivelmente pretendeu interferir no teor do que estava sendo abordado, mas Vishnu endereçou-lhe, aí sim, um olhar terrivelmente forte, como se o impedindo de ir adiante.

Em algum momento daquela disputa vibratória que estava sendo travada ali, na minha frente e na de Shiva – que parecia estranhar o modo como Vishnu estava se dirigindo à Brahma naquela oportunidade –, Vishnu voltou-se na minha direção e afirmou:

— Sim, você está enganado. Nisto, você está equivocado. O que teve que ser feito foi um complemento pela impossibilidade do meu aspecto humano levar adiante o pretendido. **A minha forma humana – a qual retirei de uma outra forma que sustento (Sophia) – foi programada para fazer cumprir o estabelecido por Brahma/Javé, no sentido de um messias poderoso, e ele teve acesso à organização do meu código pessoal, que foi inserido na minha mãe terrena, pois assim rezavam os termos da nossa aposta.** Isso e mais a cultura que herdei do povo no qual nasci, levaram-me a ver bondade, amor, justiça e perfeição neste ser (Brahma), que agora você vê. Sim, **do mesmo modo como você se assustou ao percebeu o modo dele agir, a minha condição humana também o fez, mas tão somente no dia da crucificação.** Toda a vida da minha condição humana foi como um pêndulo interminável entre as “ordens de Javé” – implicitamente

registradas no código de DNA humano que assumi, e que sempre surgiam por impulsos ao longo de quase toda a juventude daquele corpo – e o que o meu próprio tirocínio me inclinava a fazer no sentido de não utilizar os poderes mentais da minha condição excelsa para “subordinar os humanos da Terra, levando-os novamente para o comando de Javé”. No que o enganei? Assumindo que assim o faria, e “esse” era o termo da aposta. Caso não o fizesse, pagaria o preço. Paguei! Sei que você já havia compreendido isso, não é mesmo? – questionou-me Vishnu.

Fiquei surpreso com o modo como ele colocou aqueles fatos e permaneci em silêncio.

— Realmente, ó humano, isso se encerrou agora – continuou Vishnu. — **A próxima ida de Shiva será na condição humana e, dependendo dos desdobramentos do atual curso dos fatos, ele já poderá prescindir dessas afirmações porque já não mais precisamos provocar Brahma para que ele se mantenha atuante.** A minha contraparte realmente divina, esta sim, estará por trás da minha componente pessoal que mais se aproxima dos humanos, que é a forma ressuscitada do homem que ela foi. Você mesmo está traçando esse “divisor de águas” quando afirma, impiedosamente, que as divindades que geraram este processo existencial faliram, quando se refere a nós três. Do modo como você o afirma, isto está certo, mas o inconveniente é escutar o que você diz do modo como o faz. Seja para as circunstâncias do tempo em que você vive, seja pela inconveniência com que os “ouvidos *trimurtianos*” escutam e assimilam o que a sua lógica conseguiu perceber, suportar toda esta gama de acusações da sua parte, não nos é fácil porque a nossa lógica ainda não consegue receber estas coisas sem contrariedade.

— Sinceramente, não tenho lá ideia precisa do que a minha condição humana está fazendo. Estou dividindo, sim, mas só para a minha própria compreensão acumulada, o que vocês antes semearam como “sagrado” para os terráqueos – mas que penso ser mais procedente da pura perversão dos seus jogos de apegos e de afetação demoníaca –, do que realmente, na minha “pequenez” e “miserável” condição, ainda consigo vislumbrar como sendo realmente “sagrado”. Vocês não sabe o que é “sagrado”, não nesta condição *Adhydaiva*! Vocês “apodreceram”! Desculpem-me, mas com a ajuda dos entes espirituais – livres da afetação dessa zona perturbadíssima que vocês geraram –, da convivência com eles, é que trago o que penso ser efetivamente sentimentos e posturas nobres e honrados, e noções sobre o “Sagrado” – e isto é bem diferente do que vocês semearam na Terra! O “Sagrado” que

cultivo parece ser tão distinto do tipo de conceito que vocês ainda hoje alimentam, que prefiro mesmo nem aprofundar este tema. Já lhes disse, portanto, que nada quero e/ou espero de nenhum de vocês, pois tudo o que até agora pude perceber, vocês três somente agem motivados pelo tempero da *Lila* – o que compreendo, por força da doença que aqui posso perceber nos três. Entretanto, acho de todo lamentável, pois tudo que vem de vocês se encontra viciado e alicerçado em “troca”, em pacto”, em “benção” e em “graça”, e isso não é “sagrado” pois, vindo da parte vocês, é tão somente a corrompida “podridão” do “troca-troca” entre “deuses e lacaios”. Se for realmente “sagrado” o que vocês pensam vivenciar, peço já aqui todas as desculpas que um ser “miserável” como eu deve pedir a seres “grandiosos”, como vocês se autoproclamam. Já lhes disse que **não sirvo mais para existir sob a pretensa tutela de vocês porque perdi qualquer tipo de “respeito hierárquico”** e nada mais resta em mim que com isto se pareça. Estranhamente, consigo me subordinar a quem quer que eu naturalmente perceba como sendo menos defeituoso do que o meu ego humano. Muito estranho! Digo-lhes novamente que, se eu, pequeno que sou, nada espero de vocês, não sejam vocês a esperarem nada de mim, por mais poderosos que vocês possam se achar para algo retirarem de alguém do meu “tamanho”. No mundo mais além, onde os humanos labutam, ninguém lá imagina que as coisas possam ser como vocês aqui se mostram. O condicionamento que vocês nos impuseram foi tão bem aplicado que, praticamente, todos oram a vocês com gratidão, amor e respeito... Que vergonha! Contudo, no fundo, cada vez que aqui me trazem, é como se vocês esperassem que os humanos da Terra fizessem por vocês o que as autoridades autoproclamadas das suas investidas deveriam ter feito ou mesmo deveriam estar fazendo. Porém, as elites religiosas do mundo veneram vocês e as preces deles parecem não mais lhes servir... Será que isto não está errado? Cansaram? Ou nunca fizeram nada e somente produziram coreografia e com elas enganaram os humanos do passado? **Toda a insanidade, todo este tempo de insanidade que vivemos na Terra é da absoluta responsabilidade de vocês.** Vocês encheram o planeta com uma quantidade de seres, sem fazer as contas das questões ambientais, como se fossem amadores eternos da incúria que lhes marca as atitudes, seja lá em que modo de expressão isso possa se dar. **As suas formas humanas começam processos dos quais vocês não cuidam depois,** e cabe aos humanos, aprisionados na ignorância que vocês mesmos nos impuseram, levar adiante o fardo do que vocês lá deixam, mesmo tendo suas

sensibilidades trucidadas por todo tipo de motivo. **Vocês transferem para a Terra todos os problemas e apostas do contexto da *Lila*, escolhendo ao léu os seres humanos que, como Jó, tiveram e terão suas vidas atropeladas, sem que jamais isto seja repostado. Isto é mais que crime! Isto é irreparável! Parem com isto! Vocês estão falidos, moral e espiritualmente falando, e penso que assim é desde que se investiram dessas formas *Adhydaiva*.** A obtusidade é tão forte no psiquismo de vocês que sequer podem ou conseguem admitir que, **se o fruto das apostas de vocês é o que se vê aqui ou na Terra, obviamente vocês erraram o tempo todo e nunca tal o reconheceram.** O próprio surgimento da “espécie humana desperta” parece ter sido uma “inesperada surpresa”, nos moldes em que se deu, e até hoje vocês discutem sobre seus painéis, que permanecem ocultos para o conhecimento dos terráqueos. E ainda se acham “deuses”. Isso é vergonhoso! O poder mental de vocês os deixa insanos! Essa natureza demoníaca de vocês três é insana, demente e criminosa. Cessem isso e se transfiram definitivamente para outras formas...

— Ele não pode se transferir! – afirmou Shiva, se referindo a Brahma. — Ele ainda não pode fazer isso, e do modo como entendemos, você já devia saber disto, pelo que lhe foi demonstrado até por ele mesmo. Entenda, ó Ellam, somos o que somos e não pode haver conserto para nós, apesar de que tudo o que promovemos para a Criação a mantém em curso e não pode mais ser redimensionado. Muito fizemos através das formas *Adhyajna* que endereçamos, em momentos diferentes, aos diversos níveis do que passou a existir. Esses *avatares*, consideramos como tendo sido essenciais às experiências que precisávamos promover para o surgimento da vida sempre em nível de complexidade crescente. Naqueles tempos, não havia humanos com o tipo de lógica que hoje o marca. Você já sabe disto e muitos, na Índia, compreendem esta questão, ainda que de modo parcial. O momento de conserto, para nós, já passou lá atrás, no tempo do fuso horário cósmico que existe entre as nossas “moradas” subjacentes ao universo. Isso fizemos, eu e Vishnu, para podermos apoiar Brahma na sua “queda”. Ao nos fazermos iguais a ele, assumimos o seu “DNA pessoal” com toda a sorte de doenças que ele plasmou em si mesmo ao cair. **Assumimos a doença nestes corpos, que agora você pode ver, para que, em sentindo as suas dores e dificuldades, pudéssemos atinar com uma maneira de curarmos a nós mesmos e, assim, curar Brahma. O que acontece com um de nós é repassado para os demais, e sei que disto você tem a devida consciência.**

— Eu não aceito mais ser trazido até vocês... Isto não tem como dar certo.
— Não está na sua vontade esta opção... – advertiu Shiva.
— Não está porque vocês não respeitam a natureza humana. Vocês a violam o tempo todo...

— Nós somente o fazemos quando precisamos e ... – tentou justificar Shiva.

— Você, efetivamente, ó Shiva, não têm noção de que, para mim, **tudo o que vocês produzem, e que envolve a manipulação de outras espécies, é “diabólico”** – e uso este termo no sentido que a noção do senso crítico terrestre produziu para qualificar o que não era do “bem”. Desculpem, mas quem tem vocês três como personagens de um “**pano de fundo podre**” como este não precisa de “diabo”, porque vocês suprem com maestria esta representação mental, tendo em vista toda essa desconcertante “**podridão**” que impingem às experiências das espécies que surgem nesta Criação criminosa. São estas as palavras que aqui uso, na frente dos três e dos demais cujas presenças eventualmente percebo, para qualificar o irreparável acúmulo de crimes que vocês impõem à sensibilidade de todos os seres que têm a infelicidade de “acontecer” no seio deste Caos impiedoso. Não tenho como modificá-las e já isto expressei a Brahma/Javé, em algumas oportunidades. Não existem conceitos mais adequados ou apropriados que eu possa usar, com a minha noção terrena sobre os fatos advindos daqui, ou seja, **vocês personificam o que de pior a minha consciência particularizada já teve a infelicidade de constatar**. Isto que lhes apresento é uma simples constatação, sem envolvimento emocional e/ou apego a quaisquer outros valores que me pudessem cegar o tirocínio. **Estas três formas que vocês chamam de demodhárnicas ou Adhydaiva, de acordo com o meu modo de pensar, repito, são “diabólicas”**. Vocês deveriam se envergonhar disto, mas não o fazem, ao contrário, parecem se jactar de serem o que são, quando isto é puro vexame existencial. Quando o espírito de vocês dois personificam *avatares* lá na Terra, é impressionante como eles perdem a noção da “podridão” da condição mental destas suas duas formas *Adhydaiva* que permanecem atuantes, já que se pensam “força de sustentação” do que foi criado. E o pior é que, como terráqueos, esses *avatares* ainda se acham “deuses”, e de lá saem deixando um extenso rebanho – que os cultua como tais –, esquecidos de que a responsabilidade pelo caos, pela “podridão” existencial, pela maldade e pela perversão, que causam sofrimento e desespero de muitos moldes, repousa nas

suas consciências, quando e se um dia, uma destas formas de vocês vier ou voltar a ter algum nível de consciência mais elevada. E sou eu que tenho que perceber isto? Sou eu, um reles humano, cheio de mazelas, a afirmar isto perante estas suas formas embrutecidas, e ainda ter a responsabilidade de traduzir esta tragédia para meus pares em existência terrena? **Por que Jesus e/ou Sai Baba não tiveram a decência de fazer isto? Por que não puderam perceber a real situação do contexto geral? Porque os seus intelectos estão vinculados a vocês, e a doença que os marca aqui não lhes deixa perceberem a real situação quando assumem uma forma humana. Será isto?** Vocês aprisionam, de modo inapropriado, os intelectos destes *avatars* e, talvez, por isto eles têm dificuldades de se expressarem como tais? Estou certo? Será isto? Vocês têm certeza de que ainda querem me trazer para esse ambiente e dar continuidade a este tipo de convivência? E se for verdade o que vocês já reafirmaram, de que este entendimento primeiro está surgindo na Terra, para depois ser exportado para toda a Criação, porque agora isto se faz necessário? O que posso eu dizer sobre vocês diferente do que estou afirmando?

— Gostaríamos que fossem retificados muitos pontos do que você afirma, mas estamos tentando isto há mais de dois anos e a sua inflexibilidade não permite estes ajustes – disse Shiva.

— Convençam-me!

— Este é o nosso problema – tornou a se expressar Shiva. — Não estamos conseguindo, e o que você está fazendo, somente em parte nos satisfaz.

— Arranjem outro!

Assim falou Shiva, em tom grave e solene:

— Estas nossas formas *Adhydaiva* não dispõem de mais tempo, e a semente daquele que foi Enoch é uma só e parece que é na sua componente maior – na Terra vocês a chamam de “espírito” – que repousa a continuidade operativa dos problemas atuais. **A opção, no passado, de Brahma/Javé por Enoch, enclausurou todo o processo nos termos em que ele atualmente se dá. Não há outra opção! Pelo progresso e convivência direta dele com Brahma/Javé, como efeito disso, o DNA dele registrou áreas únicas e especiais. Por isso Enoch não passou pela morte física, sendo retirado para ficar o resto dos seus dias e fenecer em ambiente que não era terreno. Antes, porém, deixou a sua descendência na Terra e depois foi levado para a *Brahmaloka*, tendo antes passado tanto pela minha “morada” – a**

Shivaloka – como pela Vishnuloka. Em ambas, o DNA humano dele foi ainda acrescido de experiências que somente ele as teve e as tem registradas em si mesmo. Ou seja, nas possibilidades do seu DNA repousam segredos que desconhecemos, pois parece estar associado à sua componente maior pessoal. Tenho que lhe dizer isto e sei que você compreende o que lhe estou transmitindo, apesar de também saber que este assunto o desagrada e não será mesmo aprofundado.

— Não, não o será, pelo menos no que depender da minha vontade humana.

— Pois assim seja! – concluiu Shiva.

O MAIS INAPROPRIADO DOS JULGAMENTOS



POR DIVERSOS ELEMENTOS que fui recolhendo ao longo da convivência com aqueles seres – nas suas expressões *Adhydaiva* – e, e especial, pelo que também penso ter deduzido do conjunto dos fatos, a minha premissa de análise era a de que eles realmente estavam falidos e sem condições de promoverem, por eles mesmos, as soluções dos dramáticos problemas que viviam.

Haviam sido os “agentes da tragédia universal” e, por meio das suas formas *Adhyajna*, procuravam e ainda procuram construir a redenção do processo, o que até agora não conseguiram. Apesar disto, portando os eternos “disfarces demo”, foram sempre tidos e vistos como “Senhores do Processo Universal”.

Não era muito do feitio deles “assumirem fraquezas” a ponto de reconhecerem o que, a meu juízo, era pura decadência. Por isto, foi com surpresa que recebi a confissão, da parte de Shiva, sobre o fato deles “não possuírem mais muito tempo”, ainda que ele tenha se referido ao aspecto de lhes ser possível ajustar ou resolver os problemas acumulados e os “da hora”.

Foi desta maneira, ainda sob o “clima” da revelação feita por Shiva, que Brahma a ele se dirigiu nestes termos:

— Não é você quem encerra os assuntos entre nós, e não deveria ter sido você a informar em demasia ao humano um assunto que era somente do nosso conhecimento. Ele já sabe o suficiente e até mesmo sobre este aspecto ele, por si mesmo, já havia percebido o essencial. Não era para você ter agido desta forma. Você, sempre querendo ser o maior entre nós! Sou eu quem tenho que dizer ao humano que ele não tem como não fazer parte do nosso circuito, pois assim foi decidido por mim que o escolhi, e se nisso havia

algum estratagema de vocês dois para comigo, que esse se cumpra. Portanto, ele aqui virá, estará conosco sempre que o trouxermos, e não há outra opção que lhe possa ser aplicada.

— Tem, sim, a morte do corpo animal que utilizo, e do jeito que o desgaste que vocês me impõem está em curso crescente, isso deve estar para acontecer dentro em breve. Você, ó Brahma, é quem se especializou nisto e penso que está no tempo de sua vingança pessoal finalizar esse processo. Vocês não me terão muito tempo por aqui, seja lá o que isto signifique. Quando um predador morde dez vezes a sua vítima, é somente uma questão de tempo esta perecer, isto supondo que não venham mais mordidas. Contudo, as feras sempre mordem, daí a minha certeza que não durarei muito na condição humana, pois foram e continuam sendo muitas as “mordidas”, o que, para mim, é um alívio, uma vez que não há convencimento possível para que um predador deixe de sê-lo e não suporto mais as suas “mordidas”, ó Brahma, e a dos que o acompanham. Que seja, pois! – afirmei, enquanto inconsciente me levantei, pois estava meio que encostado em algo semelhante a uma “poltrona” cheia de artifícios.

— Onde você vai? – questionou-me Brahma. — Não vou “mordê-lo”... já que você me toma por fera, por monstro, vejam só o que tenho de receber das minhas criaturas. Para onde você pretende ir?

— Não sei, somente quero sair daqui e, se não conseguir, será ao custo de alguma agressão de vocês... – Não precisei falar muito mais, pois senti-me paralisado, algo doía na minha cabeça e comecei a desfalecer, tamanho era o meu esforço em confrontar aquilo tudo.

Consegui, ainda, perceber, antes de desfalecer, que Vishnu me observava algo constrangido e volitou na minha direção, enquanto com um simples movimento de cabeça parecia dar um fim àquele tipo de energia que me dominava. E me perguntou:

— Se nós lhe pedíssemos para ficar, você nos atenderia?

— Não! – foi a minha resposta, antes de perder a consciência.

Não sei quanto tempo aquele apagão durou e o interessante é que cheguei mesmo a ter “sonhos” nos moldes em que os conhecemos na Terra, só que bem mais vívidos.

De modo estranho, algo em mim sabia que estava “desacordado” na companhia daqueles seres, enquanto um outro “eu” estava em contato, naquele exato instante em que tudo aquilo estava acontecendo, com as expressões *Adhyagya* – os espíritos – de Vishnu e Shiva, além de outras que

também se faziam presentes naquela ocorrência.

Algo ali se passou, cujos desdobramentos coleciono até o momento em que escrevo estas páginas, apesar de, muitos deles, não fazerem sentido imediato para a minha lógica.

Algum tempo depois, lá estava eu, novamente, acordado na “poltrona”, sentindo-me “muito bem”, como se nada tivesse ocorrido.

Despertei em meio a uma “conversa áspera”, entre Brahma e Shiva, sobre um determinado problema na *Brahmaloka*. Não compreendi muita coisa.

Fiquei pensando em como aqueles seres demonstraram, em repetidas oportunidades, a incompreensível dependência que eles pareciam ter em relação ao meu jugo pessoal acerca de determinados assuntos. Aparentemente, discordavam de quase tudo que eu pensava e expressava nos livros e nas palestras, contudo, não me largavam e, decididamente, não demonstravam poder de convencimento suficiente para me fazer mudar de opinião.

Aquilo era muito estranho para mim, pois na minha condição humana, um dos aspectos do meu psiquismo é perceber as inúmeras vezes em que consigo notar o quanto erro em impressões, opiniões e na leitura dos fatos ao meu redor. Por que será que, exatamente em assuntos superlativos e que se elevavam bem mais acima da minha lógica pessoal, ali estava eu com a mesma disposição para “mudar de opinião”, e aqueles seres, sendo quem eram, não tinham a menor capacidade de promover algo tão simples no meu psiquismo?

Com o tempo, fui me cansando cada vez mais daquelas manifestações, e decidi ali mesmo que, se mil vezes me trouxessem de volta, mil vezes eu iria “julgar” a Criação de Javé, na parte que me tocava, para ver se ele parava de me infernizar a vida terrena, ou mesmo para que daquilo pudesse surgir algo que fosse minimamente proveitoso, seja lá para quem fosse, se é que fazia algum sentido tomar aquela decisão.

Sentia-me como se aquela “vontade repentina”, surgida no meu psiquismo, fosse advinda do “sonho” com as formas espirituais de dois daqueles seres.

Os três continuavam a abordar uma questão cujos termos não me era possível acompanhar, porém, de algum modo, sabia terem relação com a “morada” de Brahma, ou a *Brahmaloka*, ou o “céu do Criador”, como de vez em quando me soava o seu significado.

Escutei, por mais bastante tempo, toda aquela história e decidi interferir

quando a discussão, em língua estranhamente compreensível para mim, abordou a questão da “morte” de certas classes de seres demoníacos em algumas *lokas* ou “moradas” que se situam em universo paralelo ao nosso, e estas nada tinham a ver com o que chamamos de “realidade espiritual”.

— Vocês três também irão fenecer, sabiam disto?

Eles se voltaram para mim enquanto algo parecido com um sorriso de superioridade surgia, de modo distinto, naquelas faces absurdamente diferentes entre si.

— Despertou, por fim, ó humano... – disse Brahma. — Não, não iremos fenecer. Já não lhe disse que somos imortais? São as nossas mentes que mantêm tudo! É a minha mente que sustenta a base do que nós três, enquanto “Senhores da Vida”, daqui operamos. Cale-se sobre isto! – ordenou Brahma.

— Não, não me calo. Inúmeras vezes vocês me disseram que eram imortais, mas, também nisto, vocês parecem estar equivocados.

— Não estamos! – afirmou secamente Shiva, com autoridade.

— Estão sim. Contudo, isto é problema que vocês terão que descobrir. Pensem o que quiserem. Somente assim irão prestar contas do que fizeram e ainda estão fazendo. Então, como disse, isto é problema de vocês.

— Ó humano, quem você pensa que é para saber disto a nosso respeito e nós não? Que contas temos a prestar e a quem? – questionou Shiva, de modo algo crítico.

— Observe, ó Shiva, que a culpa é sua, é desta sua mania de grandeza de sempre querer finalizar as nossas trocas mentais, como se você fosse o maior entre nós – pontificou Brahma, ao mesmo tempo em que me olhava e me mandava permanecer em silêncio. Este traço da sua personalidade é provocador e passível sempre de reprimenda de minha parte. Foi por causa disto, de referir-se de modo impróprio a certos assuntos na frente deste humano, ou seja, foi por causa desta sua “mania operativa” que muitos significados saíram de você e agora teremos que receber deste humano mais tolices ainda.

— Tolice é o que você ostenta no seu psiquismo. Não foi por causa do que Shiva se referiu... – tentei expressar.

— E que causa poderia ser a que lhe moveria a nos informar isto? Brahma tem razão em lhe perguntar quem você pensa ser ou representar para nos agredir com estas informações? – questionou Vishnu, enquanto com o seu olhar parecia me analisar, como se estivesse se preparando para os desdobramentos daqueles fatos.

— Não tenho ideia, mas vocês são quem deveriam saber quem eu sou ou quem represento, então, torno a dizer, isto é problema de vocês. A mim pouco importa. Não sou eu que lhes tenho comigo, são vocês que me mantêm consigo. Saibam, porém, que estas formas demoníacas de vocês são longevas, mas não são eternas, e isto é uma boa notícia. Entretanto, vocês são e estão tão dementados em relação a certos assuntos, que se incomodam com painéis deste tipo. Parece faltar-lhes tino espiritual para lidar com isto. Este é um dos problemas das classes dos seres demos, não é mesmo? – devolvi.

— Isto não está claro para mim, ó Ellam... – falou Vishnu. — Confesso que não tenho a certeza do que Brahma e Shiva ostentam sobre serem imortais estas formas que nos personificam. Tenho refletido muito sobre este aspecto das nossas existências, mas é como tem sido até agora. Por que você nos atesta estas coisas?

— As expressões *Adhyagya* – espíritos – da sua consciência e da de Shiva assim informaram ao espírito que me anima, e o fizeram com o intuito de que, em algum momento desta história, eu lhes revelasse isto. Parece que os espíritos de vocês sabem o que vocês não conhecem, e sabem também que, de algum modo, vocês iriam me provocar a tal ponto que me forçariam ou me estimulariam a lhes informar. Além disto, sabem o que mais achei estranho? Foi o aspecto de perceber que isto teria que se dar ao tempo da minha vida terrena. É tudo muito curioso e enigmático! Sendo tudo isto verdade, a vida que vocês levam nestas formas parece ser mais e mais inquietante para os seus próprios espíritos. Como vocês, sendo quem são, sabem ainda tão pouco sobre aspectos realmente importantes da existência? Este, sim, é o painel que me parece mais desesperador.

— E o que mais os nossos espíritos lhe disseram? – perguntou Shiva, agora com doses de uma ironia à moda demoníaca.

— Vocês se têm como grandes, mas me parecem crianças, sob a perspectiva do psiquismo afetado que possuem. Cresçam em sabedoria e decência e, enquanto estiver vivo e me for dado estar com vocês, então lhes direi o resto do que julgo saber a respeito do problema. Aproveitem antes para descobrir que vocês têm alma, e até mesmo Brahma pode e deve fazer isto, ainda que se encontre dela apartado. Entretanto, não é este o caso de vocês dois. Já é tempo de crescerem! Vocês já estão muito velhos nestas formas e ainda são o que sempre foram. Cresçam! Digo-lhes agora porque não sei se terei outro momento para fazê-lo. O corpo que utilizo vem se consumindo, e penso que rapidamente, por força das inúmeras armadilhas e

ardis tramadas no roteiro da minha vida terrena. Em sendo verdade o que os seus espíritos informaram, quando os mesmos morrerem, vocês três, em especial Brahma, estarão com seríssimos problemas caso não tenham feito uma “mudança de fase” no estado consciencial, libertando-se desta “jaula magnética” em que o “eu caído” de vocês está metido. Vocês não têm como evoluir por meio destas formas *Adhydaiva*, apenas precisam aprender a “abrir mão delas”, do mesmo modo como nós, os humanos – pelo menos aqueles que despertam o “eu profundo” –, procedemos com o nosso “ego animal”, fazendo com que o mesmo se deixe envolver e ser dominado pelo “eu profundo”, presente em cada um. Para os humanos, isto custa muito esclarecimento, esforço, disciplina e vivência; para vocês, porém, basta um “movimento da consciência” pessoal neste sentido. No caso de vocês dois, para as suas organizações pessoais, confesso não entender muito bem as possíveis implicações da morte do corpo animal que utilizo, até mesmo porque sempre evitei refletir sobre isto. No caso de Brahma/Javé, porém, pelas inúmeras violações da minha intimidade psíquica e genética procedida por ele e seus “desqualificados cumpridores de ordens” – um criminoso sozinho nunca poderá pretender muita coisa e, por isto sempre tem que existir os tais seguidores, basta observar os inúmeros exemplos terrenos –, acho que até sei o significado e o tamanho do problema dele por tratar os “corpos alheios” partindo da arrogante e criminosa premissa que os mesmos são dele. Isto o transforma no mais ingênuo e estúpido dos seres, por pretender ter um “tamanho e amplitude” que ele não tem. Aproveitem, pois, enquanto minha condição terrena ainda existe. Em sendo verdade estas premissas, não há “plano b” para vocês! Ou vocês fazem agora, ao tempo desta minha vida e da de vocês nestas formas *Adhydaiva*, ou a própria força *tamásica*-entrópica, no passado aplicada pela sua consciência pessoal *Adhyatman*, ó Shiva, trucidará com o que resta da capacidade mental de vocês, o que impedirá o progresso das suas formas *Adhyajna*, as únicas capazes de levar adiante esta tragédia a um possível bom termo. Compreendam enquanto ainda podem.

— Nós já suportamos coisas demais deste terráqueo – disse Brahma, quando interferi. — Eu, em especial, já o suportei sobremaneira e apoquentame perceber que, às vezes, não vejo como a minha relação com ele terminará em bom termo.

— Não, ó Brahma, isto não tem mesmo como terminar bem, mas é devido ao modo doentio como a mente de vocês se comporta. Não é você o atingido, o agredido. Não são vocês os que são “estuprados” a cada momento

da vida. Você, ó Brahma, é quem faz isso, é quem promove e perpetua esta farsa em torno do seu pretenso poder que não serve para nada, a não ser atender às lacunas da sua loucura. Portanto, pare com esta atitude demente de se sentir ofendido quando o agredido, aqui, sou eu.

— Ora, terráqueo, há tempos decretei o julgamento de todos, humanos, anjos e falsos deuses que participaram dos primórdios da história do que hoje se passa na Terra e fiz de Enoch o meu porta-voz.... – começou a dizer Brahma.

— Você não tem autoridade para julgar quem quer que seja, pois faltam-lhe autoridade moral e senso crítico para tanto, ó Brahma. Pare com esta farsa de pensar que você decide alguma coisa e que seus anjos o obedecem ou tentam obedecê-lo, ou ainda, fingem que o obedecem para você passar melhor, mas, além disto, você não consegue fazer coisa alguma. Caia na real! Você é quem está sendo julgado pelo que fez... e esta construção crítica sobre o seu feito é tão somente a primeira parte do processo. Por enquanto, a *Brahmaloka* se encontra caindo sobre a sua cabeça e a dos demais que ali habitam. Mais um pouco e todo o peso de equívocos da sua Criação também repousará na mente responsável por tudo isto. Prepare-se, em vez de ficar vivendo na ilusão de que você está no comando de alguma coisa. O que estou fazendo é tão somente lhe dar a medida de como você será julgado, em tempos futuros, por muitos outros que sofrem por sua causa e por você mesmo, quando surgir um tempo no qual, até lá, alguma noção de caráter você tenha conquistado.

Brahma explodiu em fúria na minha direção, para logo depois aparentemente se controlar, enquanto Shiva alternava as suas formas de expressão pessoal. Vishnu permanecia aparentemente impassível. Contudo, outros painéis que nos rodeavam e que estavam lotados por entidades que pareciam assistir a tudo aquilo, começaram a vibrar de modo extremamente desagradável. Foi somente naquele momento que tive consciência que aquela não era somente uma “conversa à quatro”.

As “respostas” que até então havia colecionado sobre “onde eu me encontrava”, começaram a desmoronar, uma por uma, à medida em que comecei a desconfiar – ou fui intuído – sobre o significado de toda aquela ocorrência que vinha se repetindo ao longo de mais de dois anos do fuso terrestre.

— Quem é você para me julgar desta forma, ó humano? – questionou Brahma, ainda com traços de fúria na sua expressão.

— Já lhes disse, não tenho a menor ideia, mas mil vezes vocês me tragam aqui, mil vezes julgarei, a meu modo, o que você fez e está fazendo.

— Isto é inadmissível – protestou Brahma. — Não cabe aos humanos julgar os seus Criadores. Cabe a mim, sim, julgar as minhas criaturas que participam, junto comigo, daquilo que gerei – ponderou ele, ainda ostentando traços de fúria.

— Se é que isto que acontece com você, é uma evolução, ó Brahma. Saiba que ela se dá num contexto clínico fechado de idiotia e de demência e, por mais que você evolua, será, contudo, tão somente nestes padrões, mas jamais deixará de possuí-los em algum grau. Quando isso estiver definido e padronizado à moda humana, ou seja, no grau destas doenças que seu DNA transmitiu à vida biológica universal, é que você poderá ser tratado como um doente mental nos moldes do psiquismo humano. Entenda que você está na transição entre estas duas situações. Por enquanto, o viés psíquico da sua evolução é o da natureza humana. Entretanto, o seu marco de conquista ainda não lhe permite, por mim, nem mesmo ser considerado um doente mental. Seja lá o que você for, é de uma “podridão sórdida” esta sua insistência em se achar “isto e aquilo” e de querer dominar os demais. O corpo que uso lá na Terra é seu, composto pelo seu DNA, portanto, tome-o consigo a hora que você quiser. Contudo, o psiquismo que dele emana, você não o domina, como não me domina aqui. Você e estes milhões de seres, aqui reunidos, podem me matar, mas não me dominam. Enquanto eu existir, será porque vocês não me liquidaram, pois nada faço além da conta para manter a vida. Portanto, enquanto vida existir em mim, é e será sempre sob esta perspectiva que lhe oferecerei à medida de como você poderia ser julgado por você mesmo se tivesse senso crítico à moda humana para tanto. Preso a um inferno, você já está, e o problema é que você mantém todos – que existem a partir do seu DNA pessoal – também presos consigo neste drama existencial. A raça humana, por sua natureza singular, tem olhos e senso crítico para perceber isto, e razão filosófica suficiente para não o odiar. É “esse milagre” que se espera quando todos souberem como você é, como também o que você fez e ainda está tentando fazer. Este é o primeiro tempo do seu julgamento. Caia na real! Como você é refém das suas criaturas e, em especial dos humanos, evolua enquanto pode, antes de começar a sentir os eflúvios que inevitavelmente virão dos que sofrem há milênios pela sua falta de habilidade em conduzi-los e por deles exigir o absurdo. Que de bom posso dizer a seu respeito se você mesmo me agride criminosa e covardemente? Por sua

insistência junto a mim, isto está se tornando inevitável. Compreendeu? Você tem duas opções, ó Brahma: deixar-me de lado e penso que tudo isto cessará e será esquecido, ou insistir nisto, sem saber onde e como toda esta história irá terminar. Todavia, o seu poder está cessando e estará terminado com o encerramento do tempo desta minha vida terrena, entenda você ou não, aceite ou não. Desgraçadamente, por uma opção sua no passado, e pelo rumo dos fatos, estamos unidos, e quando este corpo que utilizo cessar, com ele outros compartimentos da sua mente se inclinarão para a inutilidade. Estas apostas de vocês não permitiram ainda a visita de Sophia ao mundo terráqueo. Isto poderia evitar muita coisa! Como está sendo procrastinado, as coisas estão tomando este rumo desvairado. Interessante, não? Aproveite, ó Brahma, enquanto estou vivo na condição humana, pois tem alguém, ainda que equivocado e “estuprado” por sua estupidez, tentando ser honesto com você. Aproveite, pois você não terá outro momento como este.

— Já lhe disse que não tenho como prescindir da sua companhia, mas, ao mesmo tempo, é-me, às vezes, insuportável conviver com o que vem do seu tirocínio e dos que estão por trás de você nesta história – reclamou Brahma. — Lamentável a minha situação... e penso que a de vocês também, pelo que ele diz, se estiver correto. Isto é diferente de tudo o que, até agora, colecionamos na nossa cultura... Entretanto, ainda assim, não lhe permito julgar...

— Não preciso da sua autorização para tanto nem para coisa alguma. Em estando aqui, assim ajo e agirei. Você é um criminoso perverso e demente em certo grau, mas não o suficiente para que o tipo de psicopatia, que lhe marca, o impeça de saber o que está fazendo. Você sabe muito bem...

— Pare com isto... – interrompeu Brahma.

— Não, jamais, enquanto aqui estiver.

— Então, julgue-os também, e aplique a sua medida sobre eles porque muito do que sou e faço é deles que recebo a sugestão ou motivação para realizar – ponderou Brahma. — Nós nos sustentamos mutuamente. Não é que sejamos um só, isto é conversa de Vishnu. A sustentação que damos uns aos outros nos coobriga, ainda que em disputa, no meio a conflitos, ou mesmo quando estávamos distantes, a manter as nossas operações mentais em andamento, e é isto que a sua lógica chama de “aposta”. Pois que seja! Se a vida que temos provocado na minha Obra tem sido financiada por meio de apostas, entenda que isto é tão somente a motivação que a nossa *Lila* produz em mim, ou seja, a aceitação das teses provocadoras que eles dois me

ofertam, para negociarmos. Na minha Obra, tudo é negociação, desde que fui agredido covardemente por Shiva e sistematicamente enganado por Vishnu, tudo é negociação e, por isto, a vida de vocês assim também é. Julgue-os, portanto, mas daqui você somente se verá livre quando eu assim o definir. Você não tem controle sobre isto. Por outro lado, admito que você conseguiu ter um tipo de liberdade, dentro do meu padrão de consciência pessoal, que me estarrece... e poucas vezes me encanta. Sei que preciso desta convivência, e se o preço é este, aceito, desde que você também os julgue.

— Não aceito nada disto! – afirmou Shiva, se agigantando e assumindo uma forma combativa à medida em que se expressava. — Realmente, os humanos saíram do casulo dos nossos sonhos de um modo impróprio. São o que eles querem ser e não o que provocávamos no seu código, ó Brahma, em tempos passados, quando fazíamos todas as experiências disponíveis no jogo das possibilidades. Precisamos voltar a controlá-los e sei que, o que este humano vem chamando de educação *demodhármica*, própria para demônios, talvez não sirva mesmo para a humanidade. Pode ser que ele tenha razão, mas, ainda assim, devemos insistir para que grande parcela dos humanos possa ser educada por este viés *demodhármico*. Não será a opinião dele que prevalecerá entre nós. Isto não poderá ser. Não me submeterei a isto, pois não era este o caminho que julgávamos percorrer ao absorvermos a lógica dele para humanizá-lo, ó Brahma. Está além do aceitável para a nossa condição – apartou Shiva de um modo que jamais saberei se aquilo era honesto da parte dele ou tão somente um ardil para lidar com Brahma, a fim de que ele assumisse como inevitável o progresso do que ali ocorria.

— Não temos alternativa... lembre-se que foi nele que guardei os padrões... – começou a expressar Brahma de um modo jamais percebido por mim ao longo do processo até aquele ponto, para logo ser aparteado por Vishnu.

— Entenda, ó Shiva, – ponderou Vishnu – sem entrar no mérito dos detalhes que cercaram a singular existência de Pandora, que agora goza da confiança de Ellam, e utilizando-me tão somente das metáforas do que a cultura dos humanos a ela credita, independente dos fatos terem acontecido dessa ou daquela forma, nós não temos como prescindir dele porque a sua mente humana é, para nós, a “caixa de Pandora”, sob um certo aspecto, que encomendamos lá atrás, quando Brahma/Javé registrou o seu código-parâmetro de medição e das possibilidades enxergadas por ele naqueles tempos, acreditando, então, que a sua consciência particularizada sempre lhe

seria fiel. Brahma pagará o preço que tiver que ser pago pelos fatos, pois não há mesmo outra alternativa para ele. Nós dois sabemos disto e nada fizemos, na época, para que não viéssemos depois a ser acusados por Brahma de termos manipulados os acontecimentos daqueles tempos anteriores à grande devastação **(n.a.t. – Aqui tem o mesmo sentido do dilúvio bíblico.)**. Ele agora terá que arcar com as consequências da única opção que lhe está disponível no tempo presente. Não porque eu goste ou mesmo esteja inclinado a aceitar, pois também rejeito o fato de um humano vir a nos julgar e, mais ainda, que venha a tornar isto de conhecimento público, pois ele já começou o processo de divulgação que era do nosso interesse, e não creio que ele irá parar agora, mas não era isso que estava previsto. O que ele está codificando não é o conteúdo que estimávamos que viesse a ter lugar entre os terráqueos da nova geração.

— Como poderia ser, ó Vishnu, o conteúdo encomendado por vocês se o modo como pensam se encontra apartado da complexidade dos fatos que vocês mesmos promoveram? Quando escuto e consigo perceber o teor das “negociações” aqui havidas, inquieta-me a sensação que invade o meu psiquismo de achar que três seres terráqueos dementes conversariam de modo muito mais produtivo que vocês. Os pensamentos e impressões vindos de vocês não correspondem aos fatos, pelo menos aos que posso perceber na Terra e a partir da lógica que lá nasceu com o modo de pensar humano. A complexidade inerente aos problemas desta Criação e aquela advinda do modo racional terráqueo, parecem estar muito acima da capacidade mental de vocês três de bem percebê-la. Vocês estão falidos e ultrapassados pelo avanço desta complexidade dos fatos. Pelo menos, é o que posso perceber. Se é que de fato existe um intrincado código de processos e de possibilidades – no jogo que vocês inventaram – registrado no meu DNA pessoal, esta violenta atitude de vocês, muito semelhante a que nós, os humanos, fazemos ao “ferrar o gado com nossa marca”, terminou transformando o “violentado” numa peça que, estranhamente, ganhou vida própria no jogo de vocês e se tornou independente em relação aos “donos do tabuleiro e das peças”. Por mais que vocês me enganem, ou seja, iludam, pisem, atropelem e preguem ardis e armadilhas nesta “peça”, é fato que a mesma não consegue se livrar da perseguição dos “donos do jogo”, mas, ainda assim, mesmo sendo covardemente agredido a cada golpe que recebe, mantém-se com alguma lucidez e muita independência mental em relação aos algozes que tentam retomar o poderio sobre as “peças do jogo”. Em sendo assim, ó Vishnu, como

é que um ser que se pretende grandioso como você, tido por centena de milhões de pessoas como um “super-deus”, ainda pretende que o “conteúdo” seja produzido nos moldes ultrapassados que ainda lhes marcam estes psiquismos doentes? Estes, em vez de ainda estarem procurando dominar os outros, deveriam, na verdade, há muito, ter percebido o quanto de mal estão fazendo a si mesmos e a todos os demais. Até quando esta ausência de senso crítico cegará o tirocínio limitado e ultrapassado de seres como vocês?

Vishnu nada disse e tão somente continuou a me olhar do modo fixo, aparentando ser aquele o seu estado natural de olhar para as coisas, eventos e personagens aos seu redor. Shiva e Brahma se olhavam enquanto mais e mais me era dado perceber as “faces” de outras figuras que acompanhavam o desenrolar daqueles fatos.

Diante do silêncio de todos resolvi continuar a minha abordagem.

— Se é verdade que não existirá um “plano b”, e que o “plano a” seja, de fato, também verdadeiro, em vocês não se tornando capazes de realizar esse movimento de consciência, essa transição de fase mental nesses poucos dias, meses ou anos terrenos que ainda me restam, sei lá, tenho absoluta certeza que, após a morte da minha condição humana, mesmo que vocês ainda se encontrem ativos, alguns membros da linhagem de descendentes de vocês três, os chamados *Adhytia*, tentarão ocupar os canais de comunicação possíveis entre os terráqueos e vocês, na tentativa de desqualificar estas informações, com a pretendida intenção de ainda mostrar poder aos terráqueos. Mesmo que isso venha a ter lugar, não logrará sucesso por muito tempo, porque vocês três não mais os comandarão daí por diante, e eles não terão poder para dominar os “novos *avatares*” que, desesperadamente, os espíritos de vocês dois ainda tentarão produzir para fazer com que processos renovadores possam surgir a partir da Terra. Inclusive isso também não dará certo porque não haverá massa crítica, entre os humanos, para que esses processos possam ser produzidos. Este parece ser o “x” da questão. Será sempre “mais do mesmo” e a “mesmice” será a grande desgraça vibratória para vocês que estarão feito “mortos-vivos” nestas formas *Adhydaiva*, que hoje ostentam. Vocês três serão tão somente “zumbis” de vocês mesmos, vampirizando sempre os *Adhytia* e as gerações deles advindas, enquanto impedem de ocorrer qualquer progresso, como já é o caso de vocês agora, neste momento em que estamos trocando estas impressões, em que o “grau de cegueira” de Brahma e a singular ineficácia mental de vocês dois estão impedindo o progresso dos fatos que poderão gerar os tais “processos

renovadores”. Lamento por mim, por todos os meus afetos humanos, por todos os meus semelhantes, por todos os demos e clones, enfim, por vocês mesmos, mas estaremos todos condenados a uma opção de destino que não chegará a lugar nenhum, caso vocês “não tenham olhos” para perceber a importância do que vocês mesmo providenciaram, que foi e é este impasse, como forma de forçar as suas consciências pessoais a promoverem as “mutações quânticas” necessárias a que um novo conjunto de algoritmos e de convenções mentais pudessem surgir nas suas formas *Adhyajna*, que, até agora, estão prisioneiras do modo doentio como vocês dois pensam enquanto nestas formas *Adhydaiva* de Vishnu e Shiva. Como já lhes disse em outra oportunidade, e como foram vocês que inventaram este processo, rezem, rezem bastante para vocês mesmos – se é que adianta alguma coisa –, já que não conhecem nada nem ninguém além dos limites da cegueira que marca seus psiquismos, para que vocês consigam fazer algo digno destas suas formas “apodrecidas”.

— É muito doloroso escutá-lo, ó humano – observou Vishnu, mas talvez você esteja com a razão. Quanto à “caixa de Pandora”, sabemos muito bem quem gerou e organizou o que nela veio a ser inserido para que, posteriormente, viesse a ser aberta no seio da humanidade. Afinal, aquele era o “presente de Zeus”. Contudo, pergunto-me quem foi o arquiteto e mentor do que se encontra registrado nesta sua consciência particularizada, para que nesta convivência conosco, no seio da nossa descendência que nos assiste, nós, os “Senhores dos Processos Universais”, viéssemos a receber tanta “carga energética”, tanto “peso vibratório” no teor das notícias, das constatações e das advertências com que temos sido brindados pela sua condição humana? E que doença será esta a nossa que, ainda que desconfortáveis, não conseguimos prescindir da sua presença de forma a que tantos males não nos atinjam e aflijam? Será que o que nos força a ficar aqui, perante a sua condição humana, tem a ver com o fato de terem sido os nossos próprios seres, movidos por um estado de consciência mais elevado que o que aqui nos marca, como você costuma apontar, assim o determinam ou determinaram já mesmo no passado? Por quem você possa ser, ó humano, responda-me: o que você sabe a respeito disto? – perguntou Vishnu com um intraduzível olhar fixado no alto, como se convidando todos os que ali estavam a buscarem além das fronteiras usuais da lógica que lhes era comum, alguma resposta mais transcendente para aquela questão.

Mal consegui acreditar no que estava escutando.

— Sou dado a poucas certezas, ó Vishnu, e nas poucas que tenho, ainda costume me enganar bastante. Portanto, não pretenda retirar de mim o que nem mesmo tenho para consumo pessoal. Lido com os fatos, por estranhos e absurdos que pareçam, mesmo sabendo que muitos deles foram promovidos pela invasão indevida e covarde de vocês na minha vida. Lidem vocês com os seus! Se existe uma força situada além do “tudo” que vocês pensam existir, sejam vocês os descobridores da mesma, assim como os humanos são também obrigados, seja pela fé ou pelo conhecimento esclarecido, a lidar com toda esta sorte de interferência nas suas vidas. O tempo de vocês urge e o esgotamento já me consumiu. Preciso de algum suporte, pois não me sinto bem.

Assim falei porque uma dor muito forte começou a se fazer sentir na minha organização corporal terrena, o que impedia que eu me concentrasse no que ali estava tendo lugar.

Já tendo o meu psiquismo humano passado pelas dores de um infarto, senti-me novamente envolvido com o mesmo quadro e simplesmente mais uma vez me preparei para que os fatos se consumassem.

Nada pedi em termos de ajuda, simplesmente permaneci tentando respirar, com o intuito de suportar a dor.

Permaneci com a mente e a percepção ativas enquanto a conversa entre aqueles seres parecia não ter cessado devido ao meu “problema”. Não sei exatamente o que houve ou mesmo se ocorreu alguma coisa e, mais ainda, se alguém ali havia notado o que se passava comigo.

A sensação foi a mesma do infarto anterior, mas, estranhamente, sabia ainda me encontrar no mesmo ambiente com aqueles seres todos ali posicionados.

Muita troca de informações teve lugar entre aquele seres. Após “discussão acalorada” entre os três, concluíram que deveriam aceitar que o meu tirocínio terrestre avaliasse a todos.

Fiquei pasmo com aquilo tudo enquanto procurava perceber se o “meu eu” humano estava vivo ou morto.

A partir de um certo momento, um silêncio perturbador imperou naquele ambiente. A luminosidade local pareceu diminuir ou harmonizar-se, e aquelas redes de energia que, a meu juízo pareciam dividir os “reinos” de cada um daqueles três seres, pareciam, agora, unificar-se, deixando-os como se estivessem num mesmo “cenário” já que, antes, aquilo mais parecia uma “demo-conferência multidimensional” com a presença de um intruso, que era

o meu caso.

Estranhamente, passei a me sentir no mesmo “local” em que eles estavam, o que tão somente aumentou a minha inquietação e desconforto.

Não sei o que houve, desfaleci em pleno silêncio.

PEQUENEZ ESPIRITUAL



ACORDEI DEVIDO ÀS “VIBRAÇÕES” que ecoavam na minha mente, advindas da confusa situação discursiva entre os três seres.

Enquanto voltava a mim, percebi que dois outros seres que pareciam se encontrar próximos, agora se afastavam, lentamente, como se tivessem permanecido ao meu lado durante o período em que permaneci desacordado. Um deles foi se situar dentre os que se encontravam na hierarquia de Brahma, e o outro passou a permanecer ao lado de Vishnu, só que um pouco mais atrás, junto com os que ali já se encontravam posicionados.

Decidi permanecer em atitude discreta de observação pois, agora, de modo singular, a minha percepção visual e auditiva pareciam se encontrar em elevadíssimo grau de expressão. Contudo, sentia-me estranho.

Havia acontecido alguma coisa com a qual, naquele momento, não atinava. Somente mais tarde é que pude compreender que, diante do meu estado, eles haviam resolvido modificar o “teor vibratório” daquele lugar, diminuindo o “atrito energético” entre os três tipos de força mental ali presentes.

De modo algo confuso, passei a perceber o “organismo eletroquímico” daqueles três seres – e de outros que ali se encontravam –, sendo cada um deles absolutamente distinto dos outros dois. Por que agora aquilo me parecia transparente, é algo que não sei explicar.

Quanto ao aspecto exterior daqueles seres, diminutas peças de cartilagem, com diferentes formas e tamanhos, pareciam compor o que seria uma “pele-mosaico” nos corpos impressionantes que, agora, Vishnu e Shiva ostentavam, cheios de uma radiação que saía das suas pessoas, mas que parecia se desvanecer naquela atmosfera e que deixava de ser percebida a alguns poucos

centímetros das suas formas.

A pessoa de Brahma, por sua vez, parecia deter bem menos daquela condição radiante, quando comparada às condições que eram apresentadas por Vishnu e Shiva. De modo ainda mais estranho, o seu corpo me parecia bem mais transparente do que os dos outros dois.

Suas cabeças, agora, pareciam maiores e um “terceiro olho”, presente tanto em Shiva, como em Brahma, adornavam aquelas faces estranhas. O terceiro olho de Brahma estava fechado e situado em um lugar que não obedecia ao padrão usual de uma possível lógica de alinhamento ou de divisória de quadrante facial. Era muito estranho para o meu padrão, apesar de não ser aquela a primeira vez que ele se me mostrava com aquela face. O terceiro olho de Shiva se encontrava aberto, e parecia ser independente dos outros dois, o que me causou espanto porque, às vezes, os dois olhos que conhecemos na condição humana, olhavam numa certa direção, e o de cima para outra, o que era inusitado, apesar de já ter visto outras tantas esquisitices naqueles seres, tais como “mais de uma cabeça” e “mais de um par de braços”, dentre outras características.

O aspecto mais singular daquilo tudo foi que, naquela oportunidade, quando comparada com todas as outras que já havia vivenciado, a minha percepção dava conta do que estava à minha vista, como também o que aparentemente deveria estar oculto naquele cenário. Era como se as minhas capacidades de visão e de audição estivessem, agora, com o “poder de fazer curvas”, de penetrar em qualquer coisa viva ou mesmo nas edificações que ali se encontravam. Não sei o porquê daquele contexto. Muita coisa do que percebi, até consegui compreender, mas outras, não. Na verdade, a maioria dos aspectos com os quais interagi, pelo menos até o momento em que produzo esta narrativa, sobre eles não faço a menor ideia dos seus significados.

Brahma estava defendendo o seu “direito” de cobrar providências da descendência de Vishnu para que alguma pendência entre habitantes de “moradas celestiais” com “problemas de desconstituição” pudesse ser resolvida. Vishnu estava ponderando que não havia mais como evitar estes problemas e que as moradas em questão deveriam ser abandonadas, pois estavam condenadas pela desagregação do “espaço-tempo” comum àquele universo.

Sendo testemunha silenciosa daquilo tudo, fui deduzindo o que ali estava tendo lugar, o que tão somente reforçava o que já havia antevisto ainda no

outro cenário em que se deram aquelas ocorrências até então.

Não sabia se era o mesmo contexto local que se modificava tal qual um teatro, muito menos se aquele enredo, com cores dramáticas e ridículas, estava se passando em lugares distintos.

Apesar de me sentir em paz, um quê de estranheza se fazia presente no meu psiquismo. Fui me abstraindo do que estava se passando ao meu redor, ao mesmo tempo em que olhei para as minhas mãos e as achei maiores das que normalmente, na minha condição humana, costumo perceber. Notei que a tonalidade das mesmas estava mais clara, além de um estranho sinal na pele, à altura do pulso esquerdo. Aquelas características simplesmente não “pertenciam ao corpo” que sempre me deu guarida ao longo da presente vida.

Afastei, o quanto pude, a estranha veste que agora usava, para melhor me observar, mas não logrei melhores resultados. Levei as mãos ao rosto e comecei a me apalpar, na tentativa de me identificar naquele corpo o qual, singularmente, parecia não ser mais o “meu” que até antes do desfalecimento sabia ou julgava saber ter sido o “modelo” utilizado pela minha consciência espiritual.

Quando as minhas mãos pousaram sobre a barba, percebi, com certa inquietação, que a mesma era longa, o que na minha atual vida jamais portei.

Não havia notado, mas naquela altura dos fatos, todos estavam em silêncio, enquanto muitos me observavam na investigação que a minha “personificação atual” fazia naquele corpo.

Pensei comigo mesmo, durante algum tempo, que o meu corpo animal havia morrido no pico da dor que sentira, e que aquela era uma “nova” ou “antiga” forma de expressão do espírito que me animava, que o mesmo havia prontamente resgatado e/ou plasmado para que aquela história continuasse – foi esta a impressão imediata que me dominou o psiquismo por algum tempo.

Passei a julgar-me desligado do corpo terreno, o qual supus ter morrido.

Vendo, porém, a continuidade dos fatos, o seu triste desenrolar, pois ali continuava eu com aqueles seres sem nenhum padrão de elegância, e pus-me a pensar sobre o aspecto de que “nem morto” eu me livrava daquela violência. Aquela percepção me causou uma profunda confusão mental. Foi a partir deste ponto que comecei a questionar sobre onde me encontrava, pois sabia que nos ambientes espirituais os eventos não se processavam daquele modo.

Brahma, que parecia ter percebido a mais tempo que eu já estava desperto, desde que um dos seus “anjos” fizera algo na minha organização

pessoal, endereçou-me a palavra:

— Diga, ó humano, o que mais a sua insatisfação de se encontrar aqui agora ira produzir para o nosso desconforto. Fui eu que a tudo gerei e eles dois foram meus sócios-parceiros na edificação das formas que a vida assumiu no âmbito da minha Obra. Aos meus descendentes e aos deles, também deleguei este poder de cocriação. Vocês, humanos, detentores do “mistério” **(n.a.t. – trata-se do estranho grau de racionalidade que marca o psiquismo dos terráqueos)**, agora pretendem até saber o que nós não sabemos. Somente a Enoch eu disse que a minha natureza me forçava a necessitar de uma outra “contraparte minha” que iria proceder com o julgamento de todos, juntamente comigo. Fiz questão de ser transparente para poder anunciar ao mundo a ida do meu emissário, e sobre isso, toda uma contenda foi estabelecida em torno dessa questão, cujo processo ainda está dependente...

— Pague a aposta que você perdeu, ó Brahma – admoestou Vishnu. — Já é tempo dessa pendenga acabar. Percorri todo o tortuoso labirinto imposto pelos seus caprichos, que a nada mais conduzem, pelo menos enquanto o seu tirocínio for este que tem impedido o progresso dos fatos. Precisamos superar isso. Você e os seus descendentes diretos **(n.a.t. – anjos-clones)** não têm outra alternativa, e a minha descendência e a de Shiva também não. Esgotamos todas as possibilidades. Desde o princípio da nossa conjugação vibratória para estruturar os acontecimentos com os nosso padrões mentais, sabíamos que existia um “limite” para as nossas potencialidades. O humano tem razão. O que ele chama de “falência” é tão somente a percepção de que nós e a nossa descendência **(n.a.t. – todas as classes e gerações de seres demos)** chegamos a esse limite sem termos conseguido gerar a reconfiguração no código da vida que criamos, configuração esta necessária à redenção das nossas consciências. Por isso, criamos os seres evolutivos no universo mais amplo, que ordenamos antes da nossa desdita. Eles, nos seus padrões mais avançados de estruturação cerebral, desde que voltados para o “progresso das suas consciências”, poderão realizar o que nós não logramos devido ao “modo de ser” que fomos obrigados a construir para nós mesmos. Você compreende Brahma? Pague a aposta! Desligue a sua força mental de domínio sobre a sua energia. Deixe-me assumir a sua componente e juntos administraremos o porvir.

Brahma voltou-se na direção de Vishnu e disse:

— Você está utilizando as mesmas expressões mentais do humano ao se

referir ao nosso problema. Ainda não conclui todas as ...

— Cesse o seu esforço mental, ó Brahma – pontificou Vishnu. — Não há mais como prosseguirmos com isto sem assumirmos os valores e as novas convenções que o humano produziu para os nossos psiquismos. É tempo de você pagar a aposta sob pena de até os seus próprios descendentes diretos atestarem a sua “condição de apóstata” perante o padrão de honra que estabelecemos entre nós e que deve presidir o modo como interagimos. Para os da sua hierarquia e os demais que nos cercam, isto não pode ficar assim.

N.a.t. – Para minha surpresa, ao longo da convivência com aqueles seres, escutei deles, em algumas oportunidades, o emprego da expressão “apostasia” em relação aos que, em assumindo os termos de uma aposta, deles se afastavam no sentido de não reconhecer o resultado sobre o que foi acordado.

Como a “cultura demo” praticamente sempre se baseou neste mecanismo psíquico – na verdade, surgiu a partir dele – tudo, absolutamente tudo o que fosse passível de ser colocado em termos de aposta, era, como tal, firmado entre as partes.

Com o tempo, aqueles que não pagavam os termos da aposta, fosse por qualquer motivo, eram chamados de “apóstatas”, sendo esta uma das expressões mais degradantes para um ser vinculado à cultura demo ter que escutar.

Entre os humanos é que este conceito, mais tarde, veio a ser assumido entre os gregos como sendo empregável a alguém que, em linhas gerais, abandona a sua fé.

— Penso que não será necessário! Não para este aspecto da aposta ou do conjunto delas que, conforme deduzo, tenham sido feitas por vocês ao longo desses últimos quinze mil anos terrenos. Vocês brigam tanto em torno dos critérios assumidos como em razão dos resultados aferidos. Vishnu e Shiva, ó Brahma, agiram com honra quando as suas duas últimas expressões *Adhyajna* entre os humanos, a saber Jesus e Sai Baba, sofreram os termos das apostas feitas por vocês. Eles dois não interferiram no sentido de poupar àquelas suas condições humanas, o peso do vexame e do opróbrio que o encurtamento das suas vidas sofreram. Aqui já nem falo dos desdobramentos que isso provocou entre os desavisados seguidores que tão somente recebem esses legados e os sacralizam com a ingenuidade que marca a visão de mundo que as épocas

permitem. Entretanto, ainda assim, Vishnu e Shiva agiram com honra. Você disto parece ser incapaz. Esperar que você honre alguma coisa nesta sua atual condição, é tolice! – disse para minha própria surpresa.

Respirei fundo para procurar entender o que estava se passando comigo, quando fui percebendo as “amplitudes de conhecimento e de pensamentos” que agora se encontravam disponíveis na minha mente. Contudo, a minha inquietação permanecia sendo a de perceber que “vontade era aquela” que me fizera falar e que me dominava o psiquismo desde que havia despertado. Era com se existissem dois modos de pensar no meu psiquismo e, por isto, o “meu atual modo terreno de pensar” ficara surpreso com aquele impulso que havia atropelado o meu crivo.

— Estimo que vocês me compreendam – continuei. — É o aspecto “predador” da sua personalidade, ó Brahma, que você precisa fazer cessar. Sem isto, a sua postura mental será sempre a mesma, consumindo toda a sua energia tão somente para a “captura”, para a “conquista” de seres subordinados à sua vontade. Esta postura matou e ainda mata a muitos, eu que o diga, mas também matou em você a possibilidade de redenção que não pode se dar por meio dos padrões mentais viciados deste seu modo de ser. Quando você afirma, para os desavisados seres que não o podem perceber diretamente, “eu sou aquele que é”, isto tão somente atesta a sua incompetência em sequer saber se definir de algum modo, e isto já lhe disse. Compreenda, porém, que esta limitação, além de consumir a muitos, liquidou também em você a possibilidade de continuação desta sua personalidade, pelo menos neste “corpo” multifacetado que seus anjos têm mantido. A sua situação vibratória é tão decrépita que nem mais você atina com a questão de honra que enaltece a forma como vocês vivem. Você não tem mesmo como pagar esta aposta e a antiga e tediosa desculpa de que o “processo ainda não findou” não convence sequer, desde há muito, os seus próprios descendentes. A sua insistência em se manter “predador” em relação às suas criaturas, para dominá-las a qualquer custo, enfeou-o a tal ponto que a beleza, que anteriormente era a baliza da arquitetura dos projetos celestiais que a sua mente, antes da “queda”, procurava potencializar, agora é tão somente um “ponto cego” que a estupidez deste seu modo de ser não tem como vislumbrar. Apóstata, sem honra e sem dignidade, é o que você ainda é, e desconfio, para meu desconforto, que lhe será mesmo impossível a tão aclamada reconfiguração do seu ser. Compreenda, ó Brahma, você não é nada do que pensa ser! Na verdade, vocês três não são coisa alguma do que

pensam ser. Vocês podem valer tanto quanto vale qualquer um dos seres gerados pela engenharia mental que possuem, porém, nada mais que isto! Sob a perspectiva moral, sendo honesto com o que penso, você, ó Brahma, não vale coisa alguma, pois somente faz o mal, de modo frio e perverso, quando a sua vontade está em jogo. Vocês dois, podem valer mais do que Brahma porque nem sempre agem sob o impulso do egoísmo, mas ainda assim, valem bem menos do que as suas formas *Adhyajna*, como as de Krishna, de Jesus e de Sai Baba apontam que vocês possam valer. Sinto-me estranho por agora perceber algo que o espírito que me anima estava procurando me disponibilizar já há algum tempo, mas o meu ego terráqueo vinha se recusando a receber. Não sei porque isto agora me ocorre, em especial quando uso essa “nova” forma corporal... Por que estou afirmando isto? É preciso que vocês me compreendam. Cada vez que o espírito que me anima provocava certas intuições na minha mente, sempre procurei não registrar nem levar adiante o teor dos significados, pois que, imediatamente após as mesmas, sempre me obrigava a pensar em qualquer outra coisa, menos no que fosse referente a vocês três, os detestáveis “Senhores da *Lila*”, cuja simples lembrança me causava e causa desconforto no psiquismo humano. Por quê? Nenhum estuprado gosta de se lembrar do seu estuprador e é tão somente isto que vocês significam para mim. Tenho que ser honesto, por isto nada quero nem espero de vocês. Lamento que muitos na Terra foram condicionados a pedir e a depender de vocês, mas comigo, tal não se dá em relação a vocês nem a ninguém. Se o correto é pedir, triste de um deus que disto precisa para ser quem ele é. Nada sou, porém disto não participo, não nestes termos. Apesar do assédio e da violência constantes, sinto-me apartado de vocês e do que representam em menor ou em maior escala. Contudo, aqui, nestas circunstâncias, o espírito que me anima, associado a outros guias e mentores, venceram a minha barreira mental e, para minha mais profunda surpresa, vou agora me referir às questões que até o momento vocês demonstram não conhecer.

Enquanto falava, fui percebendo uma superlativa “pressão auditiva” sobre o meu processo mental, como se a Criação ativada e vinculada às mentes daqueles três seres, estivesse conectada à minha ou coisa que o valesse. Tentei olhar novamente para aquela forma de expressão que dava guarida ao meu modo humano de ser, enquanto persistia a dúvida sobre o que de fato havia acontecido com o corpo animal referente a esta vida.

— Advirto-os, ó seres empedernidos no padrão demoníaco, que este

padrão há muito já poderia ter sido superado por dois de vocês, pois conforme as suas formas *Adhyagya* confienciaram ao espírito que me anima, não foi somente a forma *Adhydaiva* conhecida como Brahma que sofreu e sofre profundas consequências da “queda” sofrida pelo seu “corpo mental” – que passou a ser Brahma, esta sua forma reconstruída *Adhydaiva*, enjaulada em uma das dimensões da sua Criação, que é esta na qual nos encontramos, conforme começo a deduzir. As formas *Adhyagya* de vocês dois também sofreram profunda deformação por força do “mergulho” que fizeram, mas, principalmente, porque ambos não superaram os padrões da doença assumida a partir da herança do código da forma *Adhydaiva* de Brahma, o que vitimou estas suas duas formas *Adhydaiva*, que hoje vocês ostentam como Vishnu e Shiva. Por isto, vocês três faliram, enquanto Cocriadores mergulhados na própria Criação. Assim, cada uma das suas duas formas *Adhyagya* também se tornaram incompetentes para sustentar, por muito mais tempo, duas ou mais expressões existenciais, que até pouco tempo conseguiam fazer, no decurso deste drama. Contudo, isto agora acabou. Nestes últimos tempos, elas não mais puderam fazer e, por isto, muitos dos *avatares* de vocês dois se valeram de uma outra forma de expressão espiritual, as *Adhybutha*, e estas não conseguem mesmo ter “olhos” espirituais profundos para, enquanto *avatares*, enxergar a amplitude do problema em que elas mesmas estão mergulhadas. Conseguem se perceber como Cocriadoras, mas não conseguem enxergar de quê, nem como foi que as suas formas anteriores fizeram ou deixaram de fazer, ainda que as páginas das mitologias terrenas apontem essa Cocriação como sendo de longa data. Entretanto, é demais para o ego de um *avatar* admitir o equívoco, ainda que não sejam deles, especificamente, mas sim de suas formas dimensionadas em tempos anteriores e em dimensões distintas daquela onde se situa o planeta Terra. Estes espíritos aqui presentes comigo, que nada têm a ver com o gênero *Adhy* ao qual os espíritos de vocês três pertencem, com suas especificidades e histórico próprios, solicitam-me que lhes informe o que as formas *Adhyagya* de vocês três – sim, ó Brahma, inclusive o seu espírito que se encontra combalido – solicitaram que lhes fosse informado. Contudo, não o farei, pelo menos por agora; neste exato momento, não o farei.

Será difícil explicar aos meus contemporâneos o que houve ao longo daquela comunicação, que mais parecia “mediúnica”, em plena ocorrência junto àqueles seres. Como senti o “envolvimento espiritual” – que vinha evitando a todo custo – sobre a minha condição humana, para meu espanto,

ali, naquele ambiente, reagi do mesmo modo quando percebi a influência de outras mentes sobre a do espírito que me anima e a influência dele sobre a minha porção terráquea.

A violência de Brahma/Javé e de seus anjos sobre a minha sensibilidade humana havia sido de tal forma tão torturante e deformadora do meu próprio senso de “vontade pessoal” que, para poder pelo menos pretender tentar reaver o meu autocontrole, comecei, desde um certo momento desta história, a construir todo tipo de dificuldade para que qualquer outra mente pudesse se sobrepor à minha, inclusive no caso dos espíritos. Passei a não confiar em absolutamente “coisa alguma” que pudesse surgir através dos meus teóricos “pensamentos e impressões”.

Desde o ano de 2011 que eu havia automatizado aquele “click mental” de jamais me deixar levar pelos “primeiros impulsos”, única forma de tentar controlar a minha própria atuação naquele processo. Daí a minha postura de não querer receber influência, nem mesmo naquelas circunstâncias que estava sendo obrigado a viver junto aos seres da *Lila*.

O silêncio perturbador continuava imperando no ambiente.

— Desculpem, mas já readquiri o controle sobre o meu psiquismo e não permitirei a estes espíritos, por mais nobres que possam ser os seus objetivos, atropelarem a conveniência do meu ego humano, já que dele eles estão se servindo, e exijo respeito para com esta porção “miserável”, chamada ego humano terráqueo, a quem os próprios espíritos operadores desta engrenagem parecem também não se preocuparem em respeitar. “Reunião mediúnica” aqui, nestas circunstâncias, com este meu estado de consciência servindo como médium, e com meu corpo animal combalido e cuja situação é incerta, é mais do que o que resta da dignidade humana – que faço absoluta questão que habite no meu psiquismo –, pode suportar sem fazer o registro da minha cota de indignação. Há algo de muito errado nesta estratégia, ainda que eu reconheça o desespero do seu emprego. Entretanto, é doloroso ver a “Espiritualidade Superior” também subordinando as suas estratégias aos fins. Os humanos aceitaram a invasão de privacidade advinda da mediunidade como sendo uma missão e, por isto, não se incomodam com o processo. Kardec teve que dar estas “cores” para tornar mais aceitável para a humanidade a sua inevitável convivência com os espíritos – mas, tudo tem um limite. “Decência já”, ainda que tardia; decência agora, para esta minha porção humana, pois é dela que todas as forças visíveis e invisíveis para vocês três estão se valendo, e eu já não sei mais “quem está se utilizando de

quem” nesta história. Não me importo de ser utilizado, mas me incomoda ser instrumento para “convencer” terceiros, ainda que estes sejam vocês, indignos por natureza, e não espero sequer que compreendam o que estou fazendo questão de registrar. Se as criaturas humanas da Terra e de outros confins existenciais do universo para nada servem, virem-se, pois, sem o concurso da sua cota quântica e, em assim sendo, afirmo que farei de tudo para complicar as coisas daqui por diante. Exijo respeito ao meu modo humano de ser! É isto que dá ser “estuprado” por tanto tempo e por tantas mentes distintas: não confio em coisa alguma que se expresse por meio da minha mente sem que antes passe pelo meu crivo, minha lógica e vontade terrenas, ainda que nisto possa eu me enganar ainda mais. Contudo, é a única maneira que tenho para ser honesto comigo mesmo e deixar a vida terrena em paz, quando for chegada a hora – se é que isto já não aconteceu ou está justamente ocorrendo... sei lá. Vocês não me dão folga! O resto não me interessa! Tudo o que julgo saber é que vocês três estão doentes e incapacitados de levar esta Obra adiante e precisam ser substituídos no processo de gestão. **Não é somente Brahma que precisa “entregar o comando”, mas vocês dois também.** Serão as formas *Adhyajna* de vocês dois que doravante precisam assumir. Vocês precisam fazer cessar o peso das suas mentes doentias sobre as melhores expressões que foram geradas pelo “eu” mais oculto de vocês. **Vocês dois também necessitam entregar o comando que exercem sob as suas hostes e o que também usam nesta intrincada relação com Brahma.**

Ninguém ali parecia estar “acreditando” que aquilo estava ocorrendo – eu mesmo muito menos.

Brahma agigantou-se na minha direção, mas, antes dele, o próprio Shiva já o havia feito, exigindo que eu voltasse atrás naquela posição, “pois não cabia a nenhuma criatura humana definir o rumo dos fatos entre os três seres da *Lila*, e que tão somente eu ali estava para que a minha lógica humana fosse emprestada a eles pelo fato de Brahma estar “umbilicalmente” ligado ao humano que havia escolhido como continuidade de um plano dele, posto em prática desde o passado remoto” – foi o que tive de escutar.

— Penso que os espíritos de vocês dois não estão lá muito preocupados com o que possam achar sobre o que um humano pode ou não fazer nestas circunstâncias... Contudo, saibam de uma coisa: enquanto me retiverem aqui, exercerei plenamente o meu “temperamento humano” conforme me aprouver e nisto vocês não podem interferir. Vocês podem me destruir, mas não

exercem qualquer autoridade sobre mim, pois não os respeito. Aqui, enquanto eu estiver participando desta “esquisitice”, agirei como bem me aprouver... ou deixem-me ir embora e se esqueçam de mim.

— Ó humano, ceda um pouco para tornar possível este empreendimento, pois as profecias precisam ser cumpridas nas suas etapas inevitáveis ao futuro... este precisa ter lugar pois já é chegado o tempo. – pontificou Brahma, agindo como sendo o “senhor dos fatos”, como se possuindo agora uma força antes escondida.

— Pague a aposta, ó ser sem palavra e honra! Pague a aposta pois você perdeu! – disse de minha parte, quando nem eu mesmo acreditava naquela possibilidade, ao mesmo tempo em que pensava em quantos ardis aqueles seres ainda iriam ter condições de pregar uns nos outros e, desgraçadamente, à alguém do meu “tamanho”, que sequer deveria estar ali.

— Você está louco! A que aspecto da aposta se refere? Eu não sou apóstata, pois sou o “pai da honra”! – vociferou Brahma.

Reuni a força que pude, sem acreditar que Brahma/Javé estava me direcionando aquela pergunta. É como se nada do que foi dito tivesse servido para coisa alguma no seu psiquismo. Além de esquisito, grosseiro e de mau gosto, aquilo tudo era mesmo inútil. Entretanto, algo em mim, ainda que agindo numa espécie de terceiro ou quarto impulso mental vindo das “profundezas do meu eu” falava, ainda que o meu modo atual de pensar achasse pura tolice.

— Refiro-me à “volta de Jesus” que foi prometida tanto por você quanto por ele, se é que havia e ainda possa existir alguma noção de decência no legado que as expressões da *Lila*, à moda *Adhyajna*, semeiam junto aos terráqueos, em nome de vocês.

— Ó humano, tenho lhe dito, ao longo desses dez últimos anos, repetidas vezes, que somente autorizarei isso quando e se você se submeter, pois só assim lhe retirarei deste desconforto, da ignomínia e do opróbrio que depositei sobre os seus ombros – disse Brahma.

— E eu já lhe disse em inúmeras oportunidades para você “se lixar” – entenda se puder e se quiser o que pretendo dizer com isto. Pouco se me dá o que vocês possam fazer ou deixar de fazer comigo, isso já não tem importância e não tem mesmo mais jeito. Paguei o preço por desconhecer a indecência que habita na natureza de seres como vocês que, além de serem indignos, tornam também indignos os componentes de toda uma plêiade de seres que os seguem cegamente. Os grandes monstros da história terrena

somente tal o foram porque tinham seus seguidores para ajudarem a fazer o trabalho sujo. Sozinho ninguém faz nada, principalmente vocês que se acovardam por trás destas “máscaras demos” de poder. Vocês transformaram um assunto seríssimo, para os que vivem na Terra, numa aposta, em mais uma aposta criminosa, cujos termos não levam em conta o sofrimento e a angústia das pessoas. Vergonhoso! E o pior: não pagam o “preço”! Você é um apóstata, sim! E vocês outros todos aqui reunidos não passam de ... ah, deixem para lá! Não vale à pena! Vocês vivem uma farsa interminável. Isto não tem jeito mesmo. Basta!

— O humano tem razão, ó Brahma, e não me force a dizer-lhe isto novamente – advertiu Vishnu –, pois a **última aposta** foi em termos de uma **década terrena...** e ele ainda não sabe deste aspecto que ora revelo, mas **foi estabelecido que ele não suportaria os dez anos de humilhação e, então, se submeteria a você. Isso já passou e ele não se submeteu;** você realmente também não pagou esse aspecto dos termos acordados.

— Não, ó Vishnu, não na frente deste humano – ponderou Brahma, como se estivesse “algo sentido” com tudo aquilo. Nós estamos assumindo dele os termos do modo do pensamento dos terráqueos para finalizar em nós mais essa etapa, não nos padrões mentais que fomos resolvendo cada uma das nossas apostas, mas com os valores que marcam a cultura filosófica deles. Essas últimas foram todas tidas em relação a fatos na Terra e era nosso acordo assimilar o modo deles pensarem para até podermos julgá-los. Contudo, não será na frente deste humano que faremos isto.

— Você é definitivamente um apóstata sem noção de dignidade! Dificulta o próprio entendimento para “passar melhor”. Repito: você não tem honra, apesar do discurso afetado. Vou me retirar, pois não adianta conversar com seres do naipe de vocês.

— Não, terráqueo, não terminamos – apontou Vishnu.

— Então, novamente, os chamarei de covardes e de monstros assassinos. Desde os tempos do “Jó bíblico” que vocês apostam nas tormentas e torturas que a estupidez que lhes marca a face providencia para os desavisados humanos. Utilizando os seus termos, “opróbrio” e “ignomínia” sobre vocês três que não têm noção da medida dos crimes irreparáveis contra a humanidade... Tempo virá em que seus espíritos terão que repor, perante as suas consciências pessoais, tudo o que as diversas faces que elas assumiram retiraram da sensibilidade das criaturas que foram criadas para serem “estupradas” por vocês.

— Não use estes termos, ó humano... – apartou Shiva.

— Uso! E usarei todas as expressões fortes que conheço no vocabulário humano para que as gerações futuras compreendam que a aparente “grosseira” dos termos reflete tão somente a minha desesperada tentativa de demonstrar às suas mentes demoníacas e doentes que não existe como me comprar para esta continuada forma de violentar a humanidade, sem que ela o saiba. Não estou à venda! Se o espírito que me anima está, acertem-se com ele; e se isto que o meu espírito faz se deve ao “favor divino”, virem-se também para acertar com ele. Todavia, enquanto for o meu modo de pensar terreno a “definir as questões”, nem vocês três, nem o espírito que me anima, nem ninguém, a não ser “eu mesmo” – por falso e ilusório que este tipo de “eu” seja – na posse do que sobrar ou sobrou do meu eu terreno, é que me conduzirei nesta desgraçada e vexaminosa situação. Não espero mesmo ser compreendido nem por vocês nem muito menos pelos meus contemporâneos na Terra, que nada sabem sobre este contexto tenebroso que os cercam. Apenas deixo o aviso para que os humanos das gerações futuras possam saber deste painel “podre” que permanece escondido para os que vivem na Terra. Uso estas expressões fortes para que vocês não pensem, nem remotamente, que irão me vencer pelo cansaço. Há muito já passei do cansaço. Estou esgotado e falido energeticamente e de muitos outros modos há muito tempo. Já sofri tantas defraudações que nada mais me resta, nem mesmo energia. Não era este o plano criminoso de vocês para que a minha miséria fosse a jaula que me obrigaria a “pedir clemência” ao Senhor Brahma/Javé pela minha insolência? “Lixem-se”! Não os respeito, do mesmo modo que vocês não respeitam ninguém.

— Entenda, ó humano, desde que Brahma/Javé perdeu o controle sobre a raça terráquea, ele vem fazendo de tudo para readquirir essa condição de domínio e as apostas são o modo como este contexto foi sendo superado – explicou Vishnu. — Foi assim que nós três fomos elegendo as possibilidades e em qual delas nossas forças seriam implementadas com vistas a um possível resultado que atendesse ao único plano possível de ser levado adiante. E assim foi e vem sendo até agora. Em muitos momentos nos desviamos do rumo pretendido porque os resultados nos obrigavam a segui-los. Muitos povos, grupamentos menores e pessoas foram continuamente escolhidos como maneira de fazer vingar o rumo e o resultado pretendidos. Assim, nesta que podemos considerar como sendo a última etapa deste processo até o momento, que teve lugar a partir do aparecimento do ser

pensante terráqueo a partir do Adão bíblico, toda a descendência dele exposta no seu viés judaico-cristão foi “tema de apostas” entre nós. Desde Enoch, que o “processo de apostas com vistas a possíveis resultados” foi implementado entre nós em relação às coisas terrenas. Houve, porém, a grande devastação (o dilúvio bíblico) que interrompeu o processo e tivemos que retomá-lo em circunstâncias ainda mais complexas. As certezas e incertezas de então, como também as expectativas e os resultados obtidos na genética humana e nas circunstâncias da vida na Terra, confluíram para a opção feita por Brahma para a pessoa de Abraão, e isso se deu também pela minha influência junto a ele. A partir desse ponto, a descendência de Abraão se transformou na “receita das possibilidades” onde as estratégias de Brahma/Javé e as minhas começaram a ser executadas. Enquanto isso, Shiva continuou a executar as suas em torno da Índia. Abraão foi escolhido para que dele surgissem as linhagens sobre as quais incidiriam as nossas atitudes e o controle do direcionamento dos nossos projetos. Estes, nessa época, tinham, aparentemente, toda a **preocupação com a base do DNA humano semítico que me poderia dar a guarida para que uma das minhas expressões, no caso, Sophia, pudesse se fazer presente entre os humanos, como Jesus.** Paralelo a isso, porém, outro foco do nosso projeto, que teve início logo após a grande devastação, estava em curso no Ocidente (**n.a.t. – na Península Ibérica**), para fazer cumprir um aspecto do projeto num futuro posterior à vinda de Sophia como Jesus. **Paradoxalmente, essa componente do projeto, começou bem antes da escolha de Abraão, quando a linhagem começada com Adão sofreu uma bifurcação ao tempo da descendência de Noé,** mas sua história é desconhecida para os humanos. Você, ó humano, poderá resgatá-la porque a sua consciência parece estar envolvida com ambas, tanto a que teve início com Abraão como a outra que foi iniciada logo após a sobrevivência da descendência de Noé em terras no Ocidente, como de resto, algumas outras consciências individualizadas, que se encontram na Terra, também estão. Dos filhos gerados por Abraão, como vocês sabem, surgiram as linhagens dos povos hebreus e árabes, mas cuja consumação da componente hebreia somente se daria com Jacó, filho de Isaac. **A partir de Jacó, porém, é que se estabeleceu a profunda fixação de Brahma/Javé com a sua descendência.** Inúmeras situações foram então tramadas em torno da família dele, notadamente nas dos seus filhos, pois as mesmas deveriam provocar o surgimento de novas áreas no DNA de cada um dos envolvidos. Dos filhos de Jacó, as doze tribos hebreias foram, então, erigidas e,

especificamente sobre uma delas, o meu plano, acordado com Brahma/Javé, incidiu. No âmbito do nosso psiquismo, muitas apostas foram feitas em torno das personagens terrenas envolvidas com a linhagem de Jacó, mas o contexto familiar de Abraão e de Isaac não fugiram ao modo como éramos obrigados a gerir as possibilidades junto aos humanos que nos interessavam diretamente.

— Devo, então, assumir que a **ordem de Javé para Abraão, para que ele sacrificasse o seu filho Isaac, deve ter servido para uma “boa mesa de apostas” entre vocês, de como o DNA dele iria se formatar perante o impulso de ter que sacrificar um filho**, se iria cumprir ou não aquela ordem, além de outros aspectos. Para vocês, o que ele e seu filho poderiam ou não sentir diante daqueles fatos, não havia a menor importância. Testar um humano para ver se ele cumpriria qualquer tipo de ordem vinda de vocês, e em percebendo que ele iria cumprir, nesse ponto, como o “teste deu certo”, poupou-se a vida de Isaac, pois, daqueles DNAs submetidos e subordinados à vontade “de deus” é que teriam que surgir as linhagens dos povos sobre os quais, mais tarde, Javé iria fazer valer as suas religiões impositivas, como forma de dominar os humanos. É isto?

— Sim, infelizmente, é o que foi então procedido – afirmou Vishnu, enquanto olhava fixamente para mim ao longo da sua abordagem. Entretanto, Jacó sublevou-se contra alguns dos aspectos que lhe foram impostos pela força de Javé, ainda que ele portasse o DNA que mais continha relação de intimidade com o de Brahma/Javé e que vinha “sendo trabalhado” desde os tempos do Adão bíblico. Então, a partir daqueles fatos estabelecidos, Brahma não pode mais retroceder e o processo foi adiante com aquela pequena dissonância no DNA de Jacó, que foi repassada para a sua descendência. Esta pequena dissonância foi e é o nosso pesadelo, pois permaneceu sendo a “parte do DNA da espécie *Homo sapiens*” sobre a qual Brahma/Javé e seus anjos jamais conseguiram se sobrepor. Infelizmente, compreenda que nós precisamos, para podermos catalogar as possibilidades de vocês e as nossas, destes “valores” que surgem no psiquismo dos humanos. Confiamos na sua razão filosófica e, por isto o elegemos para trabalhar neste “portal psíquico” que a abertura do genoma humano permite. Perdoe-nos, mas não tivemos outro jeito de agir até estes tempos recentes. Doravante, continuaremos a catalogar o progresso humano, porém não poderemos mais criar as situações e contextos que poderiam envolver as vidas de vocês, pois desconfio que o futuro terá que percorrer outros rumos além dos que nós três conseguimos vislumbrar com a nossa ótica.

— É deprimente e espantoso perceber como vocês jogam baixo...

— Ponha-se, ó humano, no nosso lugar – desafiou-me Shiva.

— Não, ó Shiva, não farei isto para não estragar a última “bengala psíquica” que vocês parecem ter quando se justificam pelo conjunto da Obra criminosa. Sabe por quê? Não penso que o grande crime de vocês foi o cometido antes do surgimento desta Criação. Não tenho como avaliar isso. Contudo, as opções de vocês depois da *Lila*, em algum momento desta história, seguramente poderiam ter seguido por outros rumos, pois devem ter ocorrido situações para tais. O crime impagável de vocês reside na insensibilidade e na perversão de terem se permitido seguir pelo “caminho possível à Brahma”, pondo na sua derrocada o foco de toda justificativa por qualquer coisa que viessem a fazer. Não! Brahma detém esta compensação, de ter que ter sobrevivido de qualquer maneira no início disto tudo, após a sua “queda”. Contudo, vocês dois, não! Vocês acertaram no rumo das possibilidades, mas mesmo com todos os sacrifícios das suas formas *Adhyajna*, vocês dois erraram no modo como executaram o processo e se renderam ao modo de Brahma de agir e este erro tem permanecido até agora. Brahma é quem deveria ter se rendido ao modo de vocês dois agirem, porém vocês fizeram o contrário, e nisto reside o grande crime dos três: foram incompetentes também e principalmente nisto. Nós não sofremos por causa da “queda” daquele que se tornou Brahma, mas sim, devido ao modo como vocês três passaram a agir no seio da Criação, e nisto, a culpa de vocês dois é bem superior à de Brahma, apesar do sacrifício que parecem fazer em seu nome.

— Ó humano, finalmente escuto algo vindo de você que me consola e que me preenche profundamente o meu modo de ser – exclamou Brahma. — Nenhum dos meus anjos jamais apontou este aspecto. Mesmo nas maiores intrigas e discussões entre nós e nossos descendentes, este aspecto nunca foi abordado. Então, que seja! Reconheço, agora, que somos todos nós que temos que produzir o contexto para a evolução das possibilidades. Não mais me oporei ao que vocês dois acordarem no que tocar a este humano, ao que ele puder executar ao tempo da sua vida.

— Eu ainda estou “vivo”... na minha condição humana na Terra?

— Sim, ó humano – respondeu Brahma.

— Contudo, esta forma que agora utilizo não é a minha...

— Não é a desta vida, ó humano, mas meus anjos houveram por bem acionar, na sua consciência, o compartimento acumulado das suas outras

formas, para delas resgatar a que lhe pudesse agora sustentar, enquanto um problema no seu corpo animal está sendo resolvido e, por enquanto, você será o que foi no passado, ao tempo em que me obedecias, pois isto facilita o ajuste corporal da atualidade – explicou Brahma.

Olhei para aquele corpo e, diferente do que eu mesmo poderia supor, a fazer um mergulho na “linha do tempo das formas acumuladas” do espírito que me anima, uma sensação profunda de melancolia existencial dominou o meu psiquismo.

— Desculpe-me, ó Brahma, mas ainda tenho algo a lhe dizer sobre estas aparentes “decisões momentâneas” que você assume... Não digo que sejam insinceras da sua parte, mas as mesmas não valem um risco n’água. Nem você mesmo acha que vai acontecer... Aliás, nada do que você tem afirmado neste sentido se cumpriu. É como se os próprios fatos estivessem se esforçando por demonstrar como você não tem mais autoridade sequer sobre você mesmo. Por isto lhe falei que até acredito nas suas “boas intenções” momentâneas, e até me obrigo a aceitar o fato de que você realmente compreende certas questões, o que antes não lhe era possível. Contudo, se sua programação para a compreensão parece melhorar a cada momento, as convenções da sua mente sequer parecem poder fazer expressar, por meio da sua pessoa, o que até mesmo lhe seria desejável. Ou seja, você não consegue fazer nem mesmo aquilo que pensa ou decide. Há muito tempo, são os seus anjos que agem por você. Estranho não? Esta sua parte executiva, operativa, realmente parece ter “apodrecido”, ó Brahma, pois ela não mais lhe é operativa e, talvez, por isto você não paga os preços das apostas nesses últimos milênios. Desde a sua última “crise”, que me foi demonstrada até mesmo por você, a sua condição operativa parece ter falido e, desde então, sequer o cumprimento dos termos acordados lhe é mesmo possível expressar. A sua apostasia, no sentido de se afastar do cumprimento dos critérios assumidos, seguramente deve ser um subproduto deste aspecto da doença que lhe avassala o psiquismo. Talvez, na sua própria lógica demoníaca, você já nem mesmo perceba os termos assumidos, devido ao “apodrecimento” da sua condição operativa. Entretanto, isto tem um lado positivo.

Propositadamente não expliquei qual seria o aspecto positivo apontado por mim.

Deixei fluir o silêncio perturbador como mero teste, junto àqueles seres, do que poderiam significar as minhas expressões para eles.

Pude perceber a inquietação da parte dos “anjos de Brahma” bem mais

fortemente do que junto a outros grupamentos de seres que ali se encontravam, enquanto esperavam que eu continuasse.

— Qual, qual é o aspecto a que você se refere? – perguntou Brahma, sem poder se conter e sem demonstrar compreender o meu ardil psicológico que resolvi, então, aplicar alguns para melhor compreender a lógica daqueles seres.

— Se sua parte operativa tiver realmente falido, você não poderá mais exercer a função executiva sobre processo algum pelo simples fato de que não conseguirá fazer coisa alguma. Nem mesmo dar ordens mais complexas a seus anjos você consegue neste atual momento, ó Brahma. Você percebe isto?

— Ah! Ó humano, desgraçadamente desconfio que sim – concordou Brahma. — Talvez seja isto, pois reconheço que tenho movimentado a minha consciência em determinado sentido, mas tal processo não resulta em nada, o que tenho estranhado. Tem sido assim já há algum tempo e sou forçado a reconhecer isto pois tal situação já é do conhecimento de todos aqui presentes. Você tem alguma avaliação para me explicar o porquê dos meus processos mentais não mais resultarem no que pretendo, ó humano?

Fiquei verdadeiramente surpreso com aquela pergunta e não hesitei em dar a minha opinião.

— Como não foram poucas as vezes em que escutei de você que “agora, o retorno do seu messias haveria de se cumprir”, e nada aconteceu, penso que ele não veio e não virá enquanto existir, por trás dos seus rompantes de sinceridade, a velha estruturação dos ardis utilizados nas disputas mentais entre vocês. No caso de você “autorizar” a vinda de alguém da parte de Vishnu, mas sem que antes seja desconstituído todo um conjunto de ardis engatilhados e de estratégias adrede elaborados para que, ainda assim, mesmo após a vinda, o controle e o comando do processo ainda estejam sob a égide da sua energia mental, essa vinda jamais se dará pois, nesses termos, o problema da sua Criação e o seu próprio, não serão resolvidos. Na Terra, será mesmo um grande susto, seguido de uma grande “festa psíquica” dos humanos já preparados para estes novos tempos. Contudo, o problema persistiria e, convenhamos, a volta do seu messias importa mais a muitos grupos e realidades dimensionais do que propriamente aos terráqueos, que apenas se encontram no palco dos acontecimentos. Penso ser por isto, ó Brahma, que nem mesmo seus anjos conseguem operacionalizar as suas ordens que envolvam as energias de Vishnu e Shiva. Sabe por que, ó

Brahma? Porque na mente deles dois não mais residem as cotas de ardis de outrora. Somente a sua mente é que ainda se encontra poluída com este veneno! Estamos todos carregando o seu carma, ó Brahma, mas não dá mais. Chega!

Brahma permaneceu em silêncio enquanto me fitava demoradamente.

— Preciso ainda dizer algo mais: dói-me perceber como as convenções mentais do espírito que me anima parecem estar, também, envenenadas pelos critérios que cercam o “favor divino” prestado a vocês, com a concordância tática da Espiritualidade em relação à aceitação destas violências adequadas à situação de “carma herdado por conta dos outros”, e como esta omissão me parece pouco evoluída e absurda da parte dos nossos espíritos. Assumir, por vocês, os efeitos da entropia e do carma que deveriam “cair sobre os ombros” de vocês três e dos seus descendentes mais atuantes, é algo que os espíritos operativos precisam explicar à humanidade. Não é justo nem decente que continue deste modo! E vocês não valorizam o perene sacrifício que muitos vêm fazendo por vocês ao longo de toda esta trágica histórica. A omissão e o silêncio dos que podem atuar e falar é tão ou mais terrível que o crime cometido por vocês, e faço absoluta questão de registrar minha opinião porque o “romantismo ingênuo”, que até mesmo a revelação espiritual forneceu aos humanos, precisa ser superado. Sei que, o que foi informado ao tempo de Kardec, teve como “contexto recebedor” uma humanidade infantilizada, condicionada e apartada da verdade quanto aos fatos que a produziu. Então, assim registro para que “alguém” ou “alguns”, na posteridade, tal possam perceber e, assim, algo de novo, com vistas à uma humanidade adulta, madura, possa vir a ser erigido no ambiente terreno. A versão romântico-poética das revelações espirituais foi importante até agora, mas precisa evoluir para um outro âmbito de informação. O importantíssimo “aspecto consolador” precisa continuar, pois que a humanidade ainda dele muito precisa. Contudo, um outro vetor deve ser acrescentado ao trabalho dos espíritos operantes para que o que estava oculto possa ser finalmente revelado por muitos canais. Sei que sem médiuns preparados para tanto, nada pode ser feito pela Espiritualidade atuante. É simplesmente degradante perceber a omissão das potestades operantes nesta questão. Acho vergonhoso e faço questão de dizer isto – nesta condição que me encontro – aos espíritos que, sem que vocês os vejam, aqui estão atuando no sentido de me apoiar.

— Isto é com você e os seus pares espirituais, que para nós são agentes de uma realidade que almejamos perceber, mas dela somente sabemos por meio

do que foi e é revelado aos humanos, ou seja, é deste modo que temos acesso – ponderou Brahma. — Como é da sua natureza pessoal reclamar de tudo e de todos, acho que compreendo o seu clamor.

— Pouco se me dá, ó Brahma, o que vocês podem pensar a meu respeito. Entretanto, não creio ser da minha natureza pessoal reclamar, muito menos de tudo e de todos. Todavia, que seja, que seja eu o reclamador, e aproveito então para tornar a registrar que a pior reclamação que faço é em relação ao meu próprio espírito, ao espírito que me anima, pela sua omissão em torno do respeito que a sua consciência pessoal deveria ter em relação às personalidades terrestres que se vê obrigado a gerir – entenda quem puder. Utilizar-se da justificativa do “favor divino” que ele se obriga a assumir como fardo para poder cumprir com o seu papel nesta história, não me parece suficiente para encobrir as suas opções que liquidam com a cota do livre arbítrio que, como ser humano, posso utilizar. Não considero decente o modo como o mesmo atuou sobre a minha personalidade, ainda que esta seja tão somente algo que existe durante um tempo, e a ele pertença. Pouco importa! Do mesmo modo que “reclamo” da conduta de vocês dois, ó Vishnu e Shiva, que penso que poderiam ter agido diferente, também o faço em relação ao meu próprio espírito. Tenho, aqui, uma certeza que não deveria ter por força da minha “pequenez” ou, em outras palavras, parto de uma premissa da qual não poderia partir porque, talvez, pode estar incorreta: a de que tudo, absolutamente tudo nesta história, pelo menos desde a constituição da *Lila*, poderia ter sido diferente. Foram os diversos “jogadores” e “agentes” produzidos por esta “aristocracia doentia” que implementaram o rumo do que hoje se tem como inexorável. Apesar do sacrifício e do heroísmo de muitos destes agentes, não aplaudo o *modus operandi* com que a participação humana terráquea foi obrigada a atuar neste contexto absolutamente covarde para com a natureza dos fatos. É neste sentido que não aplaudo vocês, nem muito menos a atuação, de longa data, dos agentes espirituais, notadamente a do que me é próprio. Deixo o registro para a posteridade que, talvez, somente venha a servir à próxima encarnação do espírito que me anima, pois esta saberá exatamente sobre o que aqui está sendo referenciado.

— Ó humano, como é engenhosa a sua atuação neste processo, e infeliz de mim que fiz do seu concurso o meu bilhete de trânsito para o porvir – pontificou Brahma, entre pesaroso e enigmático.

Os espíritos ali atuavam sem serem percebidos do mesmo modo como o faziam na Terra. Ali também, eles pouco ou nada podiam fazer, a não ser

tentar me transmitir a cota de informações que eles e o meu próprio espírito pareciam possuir sobre o misterioso aspecto espiritual que envolvia aqueles três seres.

Ainda que estivesse profundamente equivocado – no meu ponto de vista, sobre a atuação da Espiritualidade ao longo desses cerca de treze bilhões de anos, quando a estruturação espiritual da Criação de Brahma começou a ter lugar –, abracei a opção de fazer este registro como se obrigando o espírito que me anima a refletir a respeito, ao mesmo tempo em que já o deixo “engatilhado”, por entre as possibilidades de atuação do “código genético” espiritual que o define, para que a sua próxima personificação terrena seja obrigada a ostentá-lo e, então, refletir sobre o tema. Por quê? Desconfio que, neste aspecto, a evolução humana também ajudará a que, no futuro, um novo tipo de planejamento espiritual, nos moldes como a “programação encarnatória” de cada ser terreno é equacionada antes do nascimento, possa vir a ser construído em termos mais aceitáveis e respeitáveis em relação à conveniência do ego humano. Por ilusório que este possa ser, mas é no seu jugo e no jogo mental que toda esta “podre” e triste história está sendo redimensionada. A redenção de todos parece depender do modo humano de pensar. Que se respeite isto, então!

Mesmo que possivelmente equivocado e profundamente “afetado” pelo que nesta vida presenciei, assumo a opção.

Pela primeira vez, mergulhado na condição humana, estou forçando o meu espírito a “dar um salto quântico” – ou coisa que o valha – na sua capacidade de gerir um “ego humano”. Penso que as suas futuras personificações me agradecerão – entenda quem puder. Contudo, isto é um assunto entre “eu e ele”. Basta de sacrifício às cegas! Ao contrário, na pior das hipóteses, estarei tão somente avisando ao “seu eu futuro”, que as coisas não deram lá muito certo no tempo atual. Por quê? Porque caso ele venha a existir num tempo em que a Terra ainda não tenha sido reintegrada à convivência cósmica e que a humanidade ainda tenha permanecido na infância espiritual – sendo crente em relação a muita coisa, mas ignorante em relação a tudo o mais –, isso implicaria em que nada do que foi previsto teria acontecido, e que o único e último dos planos possíveis não teria sido implementado devido à “apostasia do Criador” e à incompetência dos seus descendentes diretos, que compõem a aristocracia em torno da *Lila*.

Nesse caso, seria, então, um tempo de somente direcionar os esforços para a educação espiritual dos seres evolutivos deste universo, porque, quanto

às diversas classes demos, que dependiam desesperadamente da “volta de Jesus” – no seu aspecto conhecido como Sophia ou Cristo Cósmico – para a formatação de um **processo que pudesse permitir a redenção das suas consciências** – principalmente, a dos “Senhores da *Lila*” –, **como tal não teria se dado, essa possibilidade teria morrido com a “janela” do tempo cósmico** que foi estruturada para um tempo específico, mas cujo destino programado para aquele instante não teria vingado.

Seria, talvez, doravante, um “salve-se quem puder”, para ver se, num outro pedaço da eternidade, os “prisoneiros de um universo que, depois de vários bilhões de anos teria se esgotado e não mais existisse”, poderiam receber alguma ajuda para a sua dramática situação. Ajuda vinda da parte de quem? Daqueles mesmos que um dia nele estiveram mergulhados, mas de cuja poluição mental já se libertaram e que continuam fazendo o “favor divino” de tentar descobrir e executar um plano que poderia resgatar os teimosos e cegos membros da *Lila* e da aristocracia a seu redor, que “teriam ficado definitivamente para trás”, com suas mentes espirituais presas a um espaço-tempo dimensional que nem mais existiria como tal. Somente o tempo dirá!

Ou seja, o que agora é apenas um problema de “pequenez espiritual”, no caso de não ocorrer o “retorno de Sophia” no tempo atual, talvez venha a assumir o grau superlativo de um enigma que nem a grandeza espiritual de muitos poderia ajudar a resolver.

Para aqueles três seres, a “janela do tempo” das possibilidades de redenção estava associada à marcação feita por Brahma/Javé, quando fizeram registrar, no DNA dos humanos, o que ele pensava ser mais tão somente uma aposta. **Na verdade, o que foi marcado no DNA de Enoch representou a transferência definitiva da possibilidade de redenção daqueles seres para a condição humana, capaz de evoluir.**

Brahma não sabia, mas Vishnu e Shiva, apesar do aspecto demente das duas condições demos *Adhydaiva*, **sempre souberam** que, devido às diversas “manipulações mentais-genéticas” que convergiram para o surgimento do *Homo sapiens*, **eles haviam se tornado reféns do progresso humano, incapacitados que estavam de evoluir por conta própria.**

Ao marcar em Enoch o “pacote” da aposta referente à segunda vinda do seu messias, a da aplicação do juízo final sobre uma espécie que havia saído do seu controle, dentre outros aspectos, Brahma/Javé estabeleceu, sem que o soubesse, o limite das suas possibilidades inscrito no tempo de vida de um

simples humano, no abrir e no fechar de uma “janela” que une diversos “portais”, e cujo processo saiu do controle das forças que atuaram e ainda tentam atuar sob o mesmo.

Em sendo verdade o contexto destas revelações, os “Senhores da *Lila*” somente puderam perceber que não mais exerciam qualquer controle sobre o “fechar da janela”, como também sobre a interação dos contextos por trás de cada um dos “portais”, no tempo em que o encontro aqui descrito se deu.

FENÔMENOS DENUNCIADORES DO FIM



PARA O PSIQUISMO HUMANO, aquilo que é bom parece passar rápido, enquanto o que lhe é desagradável assume-se como sendo interminável.

O fluxo daquela (s) vivência (s) parecia jamais ter um fim.

Na presente narrativa, optei por não me referir aos eventos paralelos que ali tinham lugar – e que eu me via obrigado a testemunhá-los – pois que assumiam aspecto ainda mais ridículo do que os que me diziam diretamente respeito.

Não foram poucas as vezes em que as assessorias ali presentes expressaram reverências mútuas com as citações dos incontáveis epítetos colecionados pelo ego incomensurável de cada um dos membros que as compunham.

As conversas havidas eram sempre entremeadas pela participação de outros seres que traziam “instrumentos” como se para serem mostrados, e como se as vibrações e informações deles emanadas estivessem sendo testadas exatamente naquele instante.

O que estou tentando transmitir é que o evento, que estava se passando comigo e aqueles três seres, em certos momentos dava a impressão de ser somente um entre alguns que pareciam estar também ocorrendo, paralelamente, em torno dos “Senhores da *Lila*”.

A outra opção de entendimento para a minha lógica – a que me foi ofertada como “verdade”, ao longo dos anos compreendidos entre 2008 até este de 2015, em que estes registros estão sendo produzidos – era a de que, realmente, aqueles seres pareciam não se encontrarem há muito tempo, pois o consórcio interativo era intenso e empolgante, pelo menos para eles.

Conforme percebia, para toda aquela comunidade estranhíssima, o menor

daqueles gestos e o mais sutil dos procedimentos pareciam ter uma importância enorme. A única “peça” fora do lugar era a minha presença, absurdamente destoante em relação a tudo mais que envolvia aqueles seres.

Peço desculpas pela analogia que agora me obrigo a fazer, mas não tenho mesmo outra alternativa mental.

Durante toda a minha adolescência e juventude lidei com animais domésticos, o que implica dizer que, assumidamente, o meu psiquismo se encontrava condicionado a achar normal a presença de animais em “ambientes humanos”. Contudo, na primeira vez que vi animais em circos, um profundo incômodo me dominou ao concluir, ainda durante a “performance” a qual assistia, que aquele não era um lugar para animais ali existirem, num eterno ir e vir entre jaulas e picadeiro, que era tão somente uma outra forma ou extensão do aprisionamento. Em outras palavras, ainda que, quando “fora da jaula”, no picadeiro, aquilo era apenas uma jaula maior. Aprisionamento e espetáculo adestrado, portanto, era aquele o binômio da existência miserável daqueles nossos irmãos obrigados a existir daquele modo.

Assim mesmo eu me sentia!

Enquanto vivi na Terra, sem ter a noção daquele nível de realidade que agora até já me parecia “comum”, jamais havia sentido o peso do aspecto condicionante da vida em plena “*Matrix*” (**n.a.t. – referência à trilogia de filmes**). Contudo, ao ser obrigado a participar daquele tipo de espetáculo, encontrar-me ali, naquele “picadeiro”, para entreter e avivar aquela “plateia”, o que restava da minha condição humana parecia se enojar e, por isto, muitas vezes, tentei me libertar daquele “segundo processo de enjaulamento”, pois que o “primeiro enjaulamento” era o aspecto da vida terrestre, aparentemente mais suportável e até mesmo instigante e encantador, dependendo das circunstâncias da vida de quem observa.

Conviver em ambientes espirituais era uma coisa, aqueles níveis em que tais encontros com os “Senhores da *Lila*” se davam, porém, representavam mesmo um retrocesso em relação à própria condição da vida animalizada terrestre, sob certos aspectos.

Encontrava-me em pleno “picadeiro” e aquele não era meu lugar – sempre foi esta a minha sensação. Para minha surpresa, em algum momento daquela história, a forma humana que eu ali aparentava, havia voltado ao aspecto que nesta vida conheço.

“Acho que o corpo continua vivo” – tornei a pensar.

Ali, ainda que naquela condição, eu era o “animal adestrado”, o “bicho” que parecia saber mais das coisas do que a “plateia”. Sinceramente, não sabia se deveria sentir pena de mim mesmo ou daqueles seres – quase sempre, eu sentia pena das duas partes.

A situação ambiental era de um desacerto total, apesar da “alta produtividade” da interação que ali estava tendo lugar! Sob esta perspectiva, quanto ao mais, estranhamente, tudo parecia estar em seu lugar, mas eu não deveria estar ali. Era algo terrivelmente forçado!

Uma quantidade indescritível de pares de olhos – nem sempre eram “pares” – me olhava e o que eu dizia num bom “português”, parecia ser “instantânea e mentalmente” traduzido para toda aquela horda de seres estranhos.

Em um dos momentos do meu desfalecimento, ou coisa que o valha, uma das vozes espirituais me informou que me era mesmo impossível aquilatar a importância do que estava ali vivenciando e tendo lugar, até mesmo pelo desgaste da minha lógica psíquica. Então, o que a “voz” me afirmou foi que **a “sina daquela Criação” estava sendo decidida naqueles acontecimentos.** De modo mais específico, mais exatamente na “resultante mental” que estava sendo produzida como resultado daquele “debate” em que o drama daqueles seres estava sendo enquadrado na lógica terráquea, sendo posteriormente devolvido para os mesmos com as cores do senso crítico e da razão filosófica possível ao humano, ali enjaulado, reproduzir.

Eu compreendia, mas não acreditava, não aceitava e não levava sequer a sério, tamanho era o meu descontentamento por me encontrar naquelas circunstâncias. Todavia, o espírito que me anima a presente personalidade e o acumulado das outras já vivenciadas por ele, parecia estar agindo num limite de um processo cuja hora final já havia se consumado.

Aquilo parecia ser tão somente o “apagar das luzes” de um “espetáculo de um circo” cuja “lona” parecia estar prestes a cair sobre os presentes, contemplando a todos com a inevitável cota de asfixia e de inquietação.

Para as entidades espirituais que ali se encontravam, porém, era nítida a preocupação e o zelo, para que cada “palavra” surgisse num determinado contexto, onde o efeito momentâneo do detalhe parecia ser tão essencial quanto o todo do processo. Elas se deixavam perceber por mim como se para “denunciar” a gravidade do momento, como se esperassem que a minha inquietante e insuportável sensação de enjaulamento não atrapalhasse ou mesmo inviabilizasse o que estava acontecendo. Ainda assim, sei que

atrapalhei bastante – coisa de quem se encontrava num lugar onde não deveria estar e na hora errada!

Algo de muito estranho estava tendo lugar por entre o ribombar de eventos distantes, como se fossem trovões longínquos de uma tempestade destruidora, que se aproximava aos poucos. Era esta a sensação que uma ou outra vez me invadia o modo humano do meu pensar.

De uma maneira bem diferente do que podemos observar como sendo certas situações que o psiquismo terrestre costuma passar, como o que classificamos como “susto”, aqueles seres ali presentes, por piores que pudessem ser os estranhos “fenômenos eletromagnéticos” com **profundas repercussões no tipo de “plasma-matéria” que formava os seus corpos**, eles simplesmente não demonstravam qualquer alteração em relação aos mesmos – era como se aquilo não estivesse acontecendo.

A “coisa” era tão estranha que as vezes o “espaço-tempo” daquela dimensão parecia vibrar, “movimentar-se” como se sob efeito de um “terremoto”, apesar do seu “epicentro” se situar acima das nossas cabeças e não abaixo, como é o caso do que ocorre na Terra. Seja lá o que pudesse ser a causa de toda aquela instabilidade, o seu foco se encontrava lá no alto, bem acima e longe de tudo o que podia observar.

Se eu pudesse expressar alguma justiça àqueles fatos, teria que atropelar a lógica e afirmar que era como um “super-tremor” que vinha lá de cima, ou seja, cujo “epicentro” parecia estar lá por cima, se é que este tipo de localização geográfica se aplica naquele lugar.

Na Terra, as tempestades estão associadas à presença de nuvens, ventania, chuva, raios e trovões, mas não era este o caso daquela dimensão.

Houve um momento em que todos começamos repentinamente a flutuar, como se a gravidade daquele local tivesse sumido por alguns instantes, para logo depois voltarmos às posições originais, e nada daquilo afetava os presentes e o curso dos acontecimentos daquela “arena-feira”, onde os três e eu estávamos apenas situados no centro daquilo tudo.

Quando, porém, conversávamos – ou pelo menos eles três conversavam – o silêncio era sepulcral, somente perturbado pelos sons da tal “tempestade”.

Intuído pelos mentores espirituais, pude perceber que aquele lugar estava se decompondo, tendo as suas “estruturas atômicas” mais íntimas entrando em “rota de choque e de rompimento”, e parecia ser uma “questão de tempo” a sua desconstrução total. O processo entrópico parecia, ali, estar em curso de modo bem mais inclemente que o observado no nosso universo. Entretanto,

se aquilo preocupava àqueles seres, não seria naquele momento que me seria dado tal perceber.

Depois, vim a saber que o “pano de fundo” por trás daqueles acontecimentos tinha a ver com uma sequência de processos que a ciência terrestre já conseguiu apontar como sendo os que definiram a simetria (na troca de matéria por antimatéria) do nosso universo, para que o mesmo chegasse a sua configuração atual. Contudo, naquela dimensão paralela, a tal “sequência de eventos” correspondente ao lado de lá, que foi formado pela antimatéria nos primeiros momentos da mesma Criação que gerou o universo no qual vivemos, parece não ter funcionado muito bem por ali. Daí aqueles eventos desconcertantes.

Em palavras simples, se prevalecesse a paridade, nada existiria pelo fato da matéria e da antimatéria se aniquilarem mutuamente. Para que uma delas prevaleça é necessário que ocorra um processo que se chama “violação da paridade”, para que uma possa prevalecer sobre a outra.

No nosso universo, a violação da paridade funcionou e parece ser um fenômeno cumulativo ao longo da sua evolução. Contudo, no universo antimaterial, onde estão instaladas as incontáveis “moradas” (as *lokas*, da linguagem sânscrita) das famílias demos, a tal “violação da paridade” parece não ter funcionado, e o efeito cumulativo da antimatéria sobre a matéria estava enfrentando problemas irresolvíveis, o que implicaria que os tempos finais dessa banda – universo antimaterial – da Criação indevida havia chegado.

O pior é que aquilo estava pegando todos aqueles seres de surpresa, apesar das controvérsias sobre o fato de Vishnu e Shiva sempre terem sabido da inevitabilidade do processo, até porque era a energia *tamásica* advinda da “forma anterior Cocriadora” de Shiva que presidia aquele processo.

Segundo a “lenda”, o movimento de consciência improvisado e errático do ser que, após a “queda”, viria a ser Brahma, provocou uma “orientação espacial” em certas “antipartículas” que estariam desconstruindo, muito mais rapidamente do que o esperado, a banda da Criação que foi “improvisada” no momento da “queda”.

Esse aspecto, além de tê-lo impedido de gerar “corretamente” o que aqui chamo de universo antimaterial – paralelo ao nosso – o impediu também de “finalizar” a “parte da Criação” que havia programado, que corresponderia à do nosso universo.

Enfim, a entropia no lado “antimaterial” da Criação estava atuando

“loucamente”, associada ao problema da “violação da paridade” que não foi habilmente estabelecida nas leis científicas ali vigentes. Era o caos que eu me encontrava ali presenciando.

Não resisti e enderecei aos três uma indagação sobre o que me era dado observar sobre o desmoronamento daquele ambiente.

— Desde quando... – se for possível fazer um paralelo com a noção de tempo que me marca o psiquismo –, desde quando este problema de desconstrução ambiental está tendo lugar por aqui?

— Não há desconstrução... isto corresponde ao desmantelamento do meu plano original para esta parte da minha Criação – respondeu Brahma. — Quando comecei a ser desobedecido... foi um plano de Shiva... Ó humano, você já é conhecedor de como isto se deu.

— Penso que sim, mas, desde quando...

— Desde que me levantei do meu último período de refazimento e de preparação para as duas possibilidades que se me avizinhavam, ou seja, o rompimento definitivo entre nós três ou este ajuste que estamos tentando construir com a sua intermediação... No seu modo de contar o tempo, estas ocorrências, nestes moldes, começaram a ter lugar ao longo dos últimos quatro milhões de anos, quando o “veneno” de Shiva começou a romper a estrutura de todos os “caminhos e portais de encontro” que gerei... Eu abri as “portas” para a vida, Vishnu me ajudou a organizá-la e Shiva a destrói fechando todas estas “portas”. O tempo que ele deixou restar no processo da vida é o que temos para reordenar o que estiver fora de rumo. É esta a constatação que atualmente me obrigo a fazer... – expressou Brahma, de uma maneira desconcertante, que até mesmo Vishnu e Shiva declaradamente estranharam o fato.

— Você, finalmente, reconhece o meu poder de dar rumo aos processos nesta etapa final que teremos que enfrentar – disse Shiva. — Desde todo o sempre que tenho refreado a força que lhe caracteriza, ó Brahma, de modo a que menos problemas passassem a existir, mas apesar de tudo o que já foi destruído, veja quanto ainda vamos ter que laborar. O que este humano está falando somente pode ser a verdade que tanto buscamos... e, se não for, o que poderá ser? Que tipo de verdade diferente desta que ele nos apresenta poderia surgir para o nosso entendimento? Ele não quer estar aqui, porém somos nós, na verdade você, ó Brahma, que o força a estar aqui. Então, aqui está ele nos dizendo tudo isto, afirmando que são mentes situadas além das nossas possibilidades de compreensão que lhe transmitem estas orientações vindas

das partes de consciências maiores que teríamos, e as quais desconhecemos. Usando a mesma escala de tempo, depois de cerca de 12 bilhões de anos, finalmente surge uma “janela da verdade” que até agora buscávamos e esta “janela” vem por meio da ótica de uma espécie cujos membros têm liberdade para enxergar, pois eles podem romper com os condicionamentos, e nós não! E foi isto que este humano fez, ainda que forçado pelas circunstâncias da sua vida. Se estas foram produzidas exatamente para este fim, ó Brahma, isto é outra história. Apesar da nossa grandeza, este enredo é ainda maior que a nossa força de atuação. Devemos renunciar aos nossos potenciais, uma vez que os problemas que existem agora estão situados além das nossas capacidades de resolução... Há muito tempo que sabemos de alguns dos nossos limites... Não morremos, mas também não conseguimos resolver os problemas que se acumulam... e se assim continuarmos, tudo deverá piorar. Por isto, penso que o humano está correto... não é que isto seja um julgamento, ó Brahma, porém o tempo de vida em você e em nós parece já ter nos julgado como ineficazes... A minha própria lei, que os humanos chamam de entropia, parece nos cobrar o encerramento da nossa gestão sobre os processos universais... Outros cuidarão disso, ó Brahma. Está chegada a nossa hora, a hora dos “Senhores da Vida” **(n.a.t. – Eles assim se autodenominam.)** abrirem mão destas existências para que outras possam fazer valer as suas potencialidades. As informações crescentes, que doravante se agregarão ao que já fizemos, formarão a “grande mente”, que presidirá os tempos futuros. Fora do que ali estiver colecionado, nada poderá prevalecer. Aceito, ó humano, o seu aviso... e quando digo “seu”, sei que não pertence ao seu juízo, mas tão somente você nos transmite o que alguém lá fora pretende nos dizer. Já era tempo! Se está certo ou não o que você nos diz, este é o nosso risco de aceitar ou não as suas ponderações. Eu aceito porque algo em mim, há muito tempo, parece estar preparado para esta hora. Todos os seres inerentes a esta Criação têm “a sua hora”, a hora de “abrirem mão” da vida, querendo ou não, e tendo consciência ou não. Eu a aceito e pretendo tratá-la com o meu nível de consciência mais profundo, mais capaz de pô-la em prática em mim mesmo. Eu, Shiva, assim farei, apenas não sei como, mas farei.

— Sinto-me mal, ó Shiva, e nunca fui dado a me sentir desalinhado em relação aos meus desígnios, mas sinto-me muito mal com tudo isto... — comentou Brahma. — Aceito a constatação do problema e até mesmo o que o seu limite impõe ao meu modo de agir, mas a minha mente não sabe lidar

com o cenário seguinte, nem as minhas hostes também o sabem... Os tempos que virão “depois” da revelação deste humano não estavam previstos para acontecerem deste modo tão impreciso, sem definição, à critério das inteligências das minhas criaturas evolutivas. Não foi isto que configuramos. Uma nova fronteira para a minha frente superar, e a chave se encontra em outras mãos. Isto não era para ser assim! Esta grande dificuldade está há tempos represada, e ninguém sabe o que fazer... muitos dentre os meus hesitam... por isto você afirma que não sabemos lidar com a situação, daí eu aceitar a constatação, como já atestei.

Diga, ó humano, existe algo que você possa nos informar sobre o tempo que virá, quando nem mais você nem nós estivermos existindo? Você sabe algo? – perguntou Brahma, algo desalentado.

— A única coisa que julgo saber, ó Brahma, aquilo que como humano tenho percebido é que a **consciência pessoal de cada um de nós é ininterrupta**, ou seja, ainda que venhamos a perder corpos temporários no âmbito da sua Obra, a cota de percepção e o modo de pensar de cada personalidade permanecem atuando em um “novo padrão de identidade”. A alguns é possível a recordação e o acesso ao acúmulo dessas experiências antes havidas, mas a outros, não. Sinceramente, não sei informar se no caso de vocês três, que estão longamente vinculados a estes corpos gerados lá no início deste processo, quando estes fenecerem definitivamente, se será possível a rememoração destas personalidades atuais. Entretanto, ainda que não seja num “primeiro momento”, penso que alguma providência deverá ser tomada nesse sentido, porque a reconstrução da sua “parte caída”, ó Brahma, necessitará sempre desta “base *Adhydaiva*”, pois será sobre ela que as novas áreas genéticas, produzidas por suas criaturas, lhe serão agregadas. Então Brahma, não penso que este seu corpo *Adhydaiva* se decomporá, ainda que a sua consciência pessoal possa e deva migrar para um outro tipo de “caixa de ressonância cerebral”, com novas convenções mentais algoritmicamente definidas sob a base de uma outra “natureza psíquica”, que o permita crescer sem os limites que este seu tipo de “cérebro-demo” impõe. Dito de outro modo, para que este seu corpo continue existindo até a consumação das consequências da sua atitude mental, parece ser necessário que a sua consciência pessoal pare de operar a partir deste corpo, pois isto o está aniquilando. Para que ele possa “sobreviver”, ser reestruturado e novamente vir a lhe servir como “portal de saída” em relação à “queda” sofrida, que o mantém preso à sua Obra, é preciso que o seu “peso mental operativo” seja

transplantado para outros corpos cujas naturezas acrescentem à sua personalidade algum “progresso psíquico à moda humana”. Compreendeu? Este Brahma que está aí me olhando e escutando, precisa cessar, ainda que esta forma continue a existir como se em “coma perpétuo” ou “hibernação perpétua”, até que a sua consciência pessoal a reassuma para o “voo derradeiro” de retorno à sua condição anterior. Isto que estou lhe informando serve para toda a sua geração de anjos-clones, mas penso que eles não me entendem porque não estão despertos para tanto. Contudo, para a descendência de Shiva, como também para a linhagem de Vishnu, estes caminhos já se encontram em curso, há muito tempo, sendo necessário, agora, que estas duas formas *Adhydaiva* deles deixem de operar, para que suas expressões *Adhyajna* possam acrescentar às mesmas os valores agregados dos progressos já apropriados por elas. Entretanto, estes precisam ser, doravante, energeticamente apropriados pelas expressões passivas destas suas formas *Adhydaiva*, ó Vishnu e Shiva. O que vocês precisam fazer exatamente com estas suas atuais formas, para que isso seja possível, isto não sei informar com propriedade.

Senti uma certa dose de desconforto ao concluir a minha resposta à Brahma, pois percebi que os mentores espirituais desejavam transmitir aos dois últimos “Senhores da *Lila*” algo diferente do sentido conclusivo que empreguei, afirmando não saber o que os mesmos deveriam ou poderiam fazer com os seus corpos.

O “meu rendimento” não era satisfatório nem mesmo perante a minha própria avaliação, por isto não me incomodei, além da conta, com a sensação que os mentores me provocaram no psiquismo. Eles pareciam agir como se aquela fosse uma oportunidade única, mas, para mim, aquele tipo de convivência havia ultrapassado, há muito tempo, o limite do suportável.

— Penso que você sabe, ó humano, porque, simplesmente, a sua mente está habilitada a “muito perceber” e, provavelmente, a compreender de modo singular, o que puder perceber – ponderou Shiva. — Refiro-me ao que nós houvermos por bem lhe demonstrar ou mesmo precisarmos lhe permitir vivenciar, já que você é o escolhido de Brahma. Ter sido o escolhido de Brahma, pressupõe ser o único humano possível de ter estas vivências e de proceder com as constatações inevitáveis, certas ou equivocadas, sobre o que antes se encontrava oculto ao conhecimento dos terráqueos. Por isto penso que você sabe ou vislumbra uma resposta à esta indagação, mas, por opção sua, prefere não nos informar.

Permaneci em silêncio porque naquele momento não me era dado saber mesmo muita coisa sobre as notícias que também me eram surpreendentes, apesar de veiculadas por meio da minha condição mental humana ali presente.

— Peço-lhe, ó Ellam, se algo você sabe sobre o que será desta minha condição e da de Shiva, informe-nos, pois é de vital importância que o faça – solicitou Vishnu.

Olhei para aquele ser enquanto refletia sobre até que ponto a sua postura não seria algo fingida, por mais que soubesse que os demos, daquele naipe, não são hipócritas. Podiam até mesmo dissimular no meio de uma disputa mental, mas não eram falsos. Contudo, algo nele parecia esconder um potencial de conhecimento muito superior ao que ali demonstrava.

Aqueles seres ostentavam um padrão de inteligência que transcendia o da genialidade – conforme o definíamos na Terra – em muitos assuntos, porém eram desastrosamente primitivos em questões referentes ao que os humanos sobejamente ostentam nas suas capacidades de crítica, de autocrítica e de possuir valores nobres e mesmo altruístas.

Naquele exato momento o cansaço que me dominava era tanto que tão somente balancei lenta e negativamente a cabeça, ao mesmo tempo em que voltava meus olhos para Brahma.

— Fala, ó humano, atende ao pedido de Vishnu – solicitou Brahma, de sua parte. — Não veio de você a afirmação de que éramos todos reféns do que os humanos viessem a descortinar? Não sou eu, portanto, refém do seu discernimento? Não serão Vishnu e Shiva e os demais também reféns dos “olhos” que criamos para nos observar? Os humanos da Terra não seriam os “médicos” que engendramos para nos diagnosticar? Fala, ó humano, e compreenda que, ainda que quando equivocado, o seu saber é tudo o que, no momento, dispomos para corrigir e dar curso ao que existe. A partir de você, muitos humanos se corporificarão em corrente esclarecedora, cujo padrão genético perpassará toda a Criação, e isto já está acontecendo. Contudo, por enquanto, cabe aos movimentos iniciais da sua consciência particularizada prover a todos nós. Fala, ó humano!

Fiquei surpreso com as afirmações de Brahma, em especial pelo modo como ele as expressou – na verdade, ele falou muito mais do que o que aqui me permito registrar.

Voltei meus olhos na direção de Vishnu, que continuou o tempo todo com o seu olhar fixo em mim – isto pude observar.

— Se você não sabe disto, ó Vishnu, é porque o que sua última forma *Adhyajna* – conhecida como Jesus – produziu, jamais foi devidamente apropriado por você. É a única explicação, como também Shiva não deve ter apropriado o contributo espiritual de Sai Baba. Talvez seja este o grande problema de vocês dois, cuja existência, nestas formas, impede o progresso e/ou a assunção das expressões *Adhyajna* humanas-terrenas que, mesmo “pertencendo a vocês” e lhes estando “vibratoriamente submetidas”, seguramente sabem bem mais que a atual limitação que lhes marca estes psiquismos. Este é um dos aspectos do problema tanto para que vocês se compreendam quanto para nós os compreendermos, pois a natureza de vocês é tão desconcertante para a lógica humana, que as antigas tradições, que falam sobre as suas personalidades, passaram a ser tidas, pelos humanos modernos, como efeito do antropomorfismo que teria, inevitavelmente, pontuado a tentativa da Criação do arcabouço histórico – hoje considerado mitológico –, referente às origens desta humanidade. O modo da atual lógica humana de fazer a leitura dos fatos desse passado, relevou vocês ao “status” de “seres inexistentes”, de tão esquisitos que pareciam ser, conforme foram descritos nas antigas tradições. Até que todos compreendam... Penso que você somente assimilou a componente *Adhybutha* do que Jesus produziu, e tudo o mais permanece na sua expressão espiritual superior *Adhyagya*, e esta, você não consegue sequer acessar devido aos problemas da sua consciência enquanto Vishnu. Se o conseguisse, saberia exatamente o que fazer com esta sua forma *Adhydaiva*, enquanto Vishnu, pois se este seu modo de ser foi gerado para conviver com Brama e trazer o processo até este ponto, doravante, ele é um “peso”, um “atraso” para o seu espírito superior e precisa deixar de existir. Não é o caso de Brahma, porque ele não tem outras expressões pessoais... Entretanto, no seu caso e no de Shiva, vocês as têm “de sobra”. Vocês não se encontram consorciados à Brahma? Continuem consorciados a ele, enquanto praticam a austeridade mental apropriada a cada um de vocês, para que estas personalidades deixem de se sentir “atuantes” e “donas do processo”, cedendo “espaço de atuação mental” às demais. Enquanto Vishnu e Shiva existirem, Sophia/Jesus e Sai Baba/Prema Sai não poderão assumir, com desenvoltura, a função que lhes cabe de coordenar o universo e de conduzir a consciência de Brahma a outros níveis. Sinceramente, não penso que estas suas duas formas atuais *Adhydaiva* possam ter agora alguma função neste “jogo de transferência de arquivos genético-mentais” que a consciência de vocês precisa acionar nas suas formas

Adhyajna. O problema reside no vício de vocês de somente saberem receber e não procederem com a opção inversa, desconhecida para o psiquismo afetado de vocês, que é a de se doarem a estas formas *Adhyajna*. “Demo não dá coisa alguma”! Nós, humanos, podemos dar as nossas vidas em benefício de quem amamos ou mesmo de um estranho, se for o caso de um “heroísmo forçado” para salvar uma criança, por exemplo. Vocês não têm as convenções mentais que lhe permitam agir desta forma, contudo, agora precisam assim fazer, ainda que seja darem-se a vocês mesmos, só que em outras formas. No final, tudo convergirá para uma só consciência, mas enquanto *Adhydaiva*, vocês parecem esquecidos desta grande capacidade dos seres *Adhy* de poderem agir desta maneira. Pratiquem aquilo que vocês dois – principalmente Shiva, na sua expressão *Adhynatha*, especializada na Yoga profunda – ensinaram aos demos descendentes e cujo conhecimento os humanos herdaram como legado vindo de vocês, que é a postura mental do *mahasamadhi*! Libertem as suas consciências desta condição *Adhydaiva*!

— Ó humano, não esqueça que as nossas mentes são os focos de sustentação da Criação – ponderou Brahma.

— Não, você se ilude com isto... não são mais, ó Brahma. O que vai acontecer com o **universo biológico** não depende nem um pouco do que vocês possam fazer, porque as suas regras foram delineadas pelas suas mentes, mas não estas que vocês ostentam nestas suas formas *Adhydaiva*, e sim as que vocês ostentavam com as suas expressões *Adhyatman*, antes da formatação da Criação e da sua consequente “queda”. O curso do universo, onde as raças evolutivas estão progredindo, já tem o seu cenário final estabelecido, independente do que vocês possam desejar. Neste sentido, ninguém tem como interferir. Todavia, precisamos todos construir o “modo” de se viver no seio do tempo de vida que restar ao universo biológico, e é para isto que uma mente universal emergente vem sendo constituída com o acúmulo de “novas informações” que a evolução espiritual faz registrar no jogo biológico, ou melhor, físico-químico do DNA das espécies cósmicas. Quanto a este **universo demo**, ao qual vocês pertencem, com todas estas “moradas”, como esta que agora nos encontramos, este já está mesmo desmoronando e, pelo que aqui estou percebendo, as mentes de vocês – se algum dia sustentaram isto aqui –, com a entropia imperando em alto grau como agora parece estar atuando, não penso que estas possam fazer alguma coisa para modificar ou estabilizar toda esta desconstrução, pois basta observar o que está ocorrendo. Portanto, vocês são tão necessários quanto

cada um presente aqui e alhures o é ou pode ser, nada além disto. Inclusive, são necessários se aprenderem a não atrapalhar o progresso dos fatos universais, que doravante terão lugar. Se bem entendo a questão, qualquer ser pensante deste universo demo, como também do universo biológico – e, principalmente, de lá, que deverá prevalecer por bem mais tempo que este que ora desmorona, e o fará bem antes que o universo biológico venha a se consumir –, poderá contribuir para a construção desta mente emergente universal, sendo a contribuição dos seres biológicos bem maior do que a dos que aqui se encontram estacionados neste “modo demo de pensar”, que é profundamente atrasado e limitado.

O silêncio mais uma vez “pesou” sobre os presentes.

Senti-me muito mal, mas não havia mesmo como me sentir de modo diferente enquanto testemunhava uma derrocada existencial que acumulara, por longo doze bilhões de anos, equívocos de toda ordem.

Pela primeira vez observei o Senhor Vishnu deixar a sua cabeça pender em direção ao solo reluzente, como se ele se sentisse mais esgotado ainda do que eu me sentia.

A ESTRANHA AUTORREALIZAÇÃO DE SHIVA



PARA O PSIQUISMO de um ser *Adhydaiva* não é tão simples perceber certos painéis do seu próprio “jeito de ser”, como também não o é para o da natureza humana, ainda que esta disponha de faculdades que aquela não logra possuir.

No nosso caso, normalmente nos confundimos com o “primeiro impulso” que flui na nossa mente, sob a forma de pensamentos e sentimentos, achando que “este fluxo” somos nós. Este é o grande “engodo” ou artifício que a Espiritualidade se obrigou a montar para poder dar estrutura à Criação indevida. Contudo, quando aprendemos a usar a “arte” do “segundo e dos demais impulsos psíquicos” que podem “analisar” o “primeiro impulso” – e isto somente virá com a disciplina da meditação, associada à alguma prática respiratória – é que poderá surgir, no psiquismo humano, a “sabedoria” na sua mais profunda expressão.

No caso demoníaco, tal não se dá. A “febre nervosa” do seu fluxo psíquico é de tal ordem que não tem como a “arte do segundo impulso” se encontrar disponível nas suas mentes. O processo de metamorfose em muitos deles se dá devido ao jorro incessante de novos e de renovados impulsos mentais, que impede a “estabilização da mente”.

O ser humano precisa “apenas domar os seus impulsos” para evitar posturas impensadas. O ser demo, no entanto, precisa “impedir” ou “deixar que aconteça” o fluxo de um “novo pensamento” que, no caso de ser uma não-aceitação daquela forma, outra vem surgindo, e a mente demo somente percebe quando a mesma “já é” uma realidade nas suas aparências. Com o tempo, eles foram desistindo de “evitar o inevitável” e passaram a se especializar em influenciar as tais modificações corporais, pois que, em

muitos deles, isto era inevitável.

“Construir” a forma mais poderosa, entre os demos, passou a ser uma questão de honra e de prestígio e mesmo de poder.

Demos são mutantes e, de tão rápidas que são as suas mutações, o próprio corpo deles se modifica. O “DNA-demo” deles registra a mudança ao mesmo tempo que modifica a sua expressão corporal. Humanos também são mutantes, só que estas modificações ocorrem tão somente nos seus DNAs, podendo modificar o seu comportamento e sua expressão facial, mas não sua forma física pessoal.

Obrigo-me a fazer aqui esta introdução rápida e superficial à questão da metamorfose da “raça demo” apenas para facilitar o vislumbre do que, ali, eu me encontrava presenciando.

Assim menciono para confessar ter fugido ao registro das esquisitíssimas – para o padrão humano – metamorfoses que pude presenciar desde o início da minha forçada convivência com estes seres.

O aspecto mais superlativo e enigmático daquele jogo de formas se substituindo num mesmo corpo era o de que, na maioria dos casos, a personalidade do indivíduo-demo era exatamente a mesma, independente do corpo que ele viesse a ostentar. Todavia, para mim, a fronteira entre o estranho e o enigmático se rompeu quando percebi, em alguns poucos seres, que a mudança de forma também trazia consigo a modificação do “modo de ser”, do “modo de pensar” do indivíduo-demo.

Seguia a convivência com aqueles seres, sem que me houvesse sido dada outra opção a não ser a de me acostumar com aquela fenomenologia, o que fiz com a dose de indiferença que me foi possível.

Somente em certo momento é que percebi que eles consideravam como sendo o “mais poderoso” dentre eles – a exceção de Brahma, pois que ele era considerado o “Pai de Todos” – o demo que mais dispusesse de formas distintas e mesmo singulares.

O inacreditável é que havia também uma certa dose de imitações parcialmente estruturadas, a título de homenagens dirigidas a “alguém considerado superior”, conforme o padrão hierárquico a que estavam acostumados e submetidos. Entre todos, o mais espantosamente rico em metamorfoses inéditas, consideradas extremamente importantes e poderosas, era Shiva.

Já havia notado que, por mais que aquele ser desse voltas em relação ao seu modo de apresentação, quando se dirigia a mim, quase sempre se assumia

como sendo um “homem velho”, proporcionalmente “menor” quando comparado com o tamanho da forma preponderante de Vishnu e mesmo da de Brahma, com cor de pele que variava entre o cinza e o “azul pálido”, e penso que tal (mais azulado ou mais cinzento) se dava conforme o seu temperamento do momento. Além desta forma, as outras duas que ele usou para se dirigir a mim eram as de um ser amarronzado, com inúmeros braços e agigantado, e a outra, estranhamente, era a de um homem nos moldes de um monge mendicante ou algo que a isto se assemelhasse.

Era dito que o Senhor Shiva possuía mais de mil formas, sendo que, apenas algumas delas – cerca de um pouco mais de uma centena – terminaram por se tornarem conhecidas na convivência deste ser com os diversos tipos de “momentos históricos” que tiveram lugar no passado terrestre.

Nem todas elas se encontravam mais ativas, pois o Senhor Shiva já as havia finalizado após cumprirem as suas funções nos segmentos da Criação a que foram dirigidas.

A finalização de cada uma delas era um capítulo à parte nos anais da cultura *trimurtiana*, e entender estas expressões *Adhyajna* tanto de Shiva como de Vishnu, seria o mesmo que compreender como o processo evolutivo “demo-bio-homo” teve lugar em diversos âmbitos da Criação, aspecto que jamais foi devidamente observado pelo atual conhecimento humano.

Salvo um brutal engano de minha parte ao “julgar entender” alguns painéis destas questões *trimurtianas*, todos os matizes aparentemente misteriosos em torno deste assunto terão que ser inevitavelmente explicados ao tirocínio humano, ao longo dos próximos séculos, de maneira que o mesmo “exporte” a sua compreensão para diversos níveis dimensionais que congregam seres demos infelicitados pelo destino. Estes dependem de que “outras inteligências” possam perceber o problema deles, equacioná-lo e transferir esse “diagnóstico” – após encontrar um modo para tal – para os mesmos, no ambiente em que residem. Além disso, descortinar um modo de ajudá-los para que, lá, eles possam providenciar uma maneira de superarem ou de se adequarem ao infortúnio, de um modo produtivo.

Naquele momento, porém, era o ser acinzentado – com os seus três olhos enigmáticos e diversos membros dispostos ao longo de um corpo cuja descrição não se enquadra na forma humanoide típica – que me observava, ao mesmo tempo em que estava recebendo um objeto semelhante à uma pequena argola que passou a segurar em uma das mãos, como se com ela “brincasse”.

Se aquilo tinha algum significado ou função, não me foi dado perceber.

Os *trimurtianos* sempre se acharam os “maiores seres da Criação” e, para eles não está sendo nada confortável perceberem quão equivocados estavam e ainda estão ao formularem tal pensamento e a ele se apegarem com orgulho desmedido.

Todos eles sempre observaram os seres biológicos evolutivos, notadamente os “animalizados”, como sendo de origem inferior se comparada à dos *demos*. Inclui-se neste contexto toda a gama de civilizações biológicas, que nasceram para este universo após a semeadura, em muitos mundos, da “semente” de Brahma, trabalhada à moda de Shiva e de Vishnu.

— Ó humano, tive que finalizar, de mim mesmo, muito do que expressei por meio das minhas formas “*ajnas*”, cada uma delas criada para atender às necessidades evolutivas que sempre gerei, na tentativa da promoção dos ajustes necessários – explicou Shiva. — Vishnu também semeou o mesmo processo. E fomos nos obrigando a finalizar algumas dessas formas, não porque assim desejássemos, pois não é trivial fazê-lo, mas porque a nossa “força pessoal” não mais conseguia “sustentá-las” todas. Contudo, esta é uma “arte mental” que ainda não domamos completamente e o fizemos por força da mais absoluta necessidade de levar adiante as experiências “demo-biológicas” que nos possibilitasse o efeito pretendido. Em muitas etapas deste processo, fomos obrigados a agir meio que às cegas, o que implica dizer que assumíamos o modelo ou protótipo para dar início às novas espécies, correndo, assim, todos os riscos inerentes a cada procedimento. Por isto colecionamos muitas formas *Adhyajna*, algumas das quais, como ressaltai, obriguei-me a terminá-las. Nesta altura, estou processando a sua informação de que agora terei que finalizar a mim mesmo e vou procurar, sinceramente, a melhor maneira de fazer isso. Tornou-se notório, para mim, que não mais preciso manter esta forma na medida em que o próprio Brahma está passando pela “metamorfose” que o redefinirá para as novas etapas da Criação.

— Não sei bem quantas vezes já me expressei sobre isto, mas torno a fazê-lo... Você tem alguma noção sobre o fato de que, enquanto vocês, que se acham poderosos, discutem, avaliam se podem fazer isso ou aquilo, e se tal conceito é verdadeiro ou não, uma enormidade de seres *demos* sofrem, presos em suas *lokas*, seres humanos padecem na Terra, e outros seres se afligem em diversos mundos, e toda a responsabilidade sobre estas dores repousa exatamente sobre vocês?

— Compreenda, ó humano, que o nosso modo de pensar tem a ver com as

convenções mentais possíveis ao ordenamento dos genes do Criador, disponíveis em cada um de nós conforme a concatenação de cada espécie – explicou Shiva. — Infelizmente, isto limita, e mesmo bloqueia, muito do que cada uma das minhas formas pode perceber e pensar, e esta mesma regra serve para qualquer outro ser desta Criação. **Há “lacres mentais” em todas elas**, mas isto não significa, para o meu tirocínio, o mesmo que provavelmente penso que significa para você. **“Lacre”**, aqui, significa o limite do que programamos para determinada espécie, até o ponto em que a nossa percepção mental pode alcançar. A partir deste ponto, “lacramos” o resto dos códigos mentais para que os mesmos não venham a gerar mais monstros inúteis. Tomando as suas próprias palavras, bastam as “monstruosidades” que já existem – não foi isto mesmo o que você me disse? Fomos aprendendo com a experiência e, por isto, ainda não dominamos o processo. Deste modo, ó humano, entenda que estes “lacres” foram usados para garantir o progresso que vislumbrávamos. Sei que você me dirá que esta regra deve ter sido boa para os seres demos, mas, para os humanos, ela não deveria ser mais aplicada. Pois foi exatamente isto que vocês fizeram ao romper com o padrão que Brahma/Javé esperava para a espécie a qual você agora pertence. O episódio conhecido classicamente por vocês como o de “Adão e Eva” foi somente uma das muitas tentativas dele em retomar o poder sobre diversos “lacres” que foram sendo rompidos na história dos **humanos da Terra, e esse evento não foi o primeiro nem muito menos o último. Desde há cerca de 52 mil anos, o “deslacre” humano vem sendo procedido por diversos agentes** deste processo, e aproveito para informá-lo que, durante os primeiros 40 mil anos, todos os eventos pontuais foram realizados por mulheres, pois que a elaboração da genética feminina era mais sofisticada que a do homem. Somente após a inundação diluviana planetária e de todas as suas consequências é que o elemento masculino passou a prevalecer como agente mental do progresso humano, sempre em busca da melhor formatação genética, sendo esta o verdadeiro “santo graal” que Jesus produziu e, ao ressuscitar, tornou a esconder, nele mesmo, a “solução” para o estabelecimento da base humana genética da cura de Brahma!

Eu já era conhecedor deste assunto, mas havia um detalhe nas informações de Shiva que, ao abordar uma missão *avatárica* de Vishnu – o que era estranho aos meus olhos –, ele sabia exatamente que me provocaria “espanto” ao utilizar a expressão “solução genética”, referindo-se ao DNA do homem Jesus, produzida à moda humana, para uma das etapas de resolução

do problema de Brahma.

— Vou lhe explicar, ó Ellam, já que você é o portador da nossa confiança, ainda que eu saiba que a isto você não se propõe – falou Shiva. — É inevitável que eu o faça, pois, assim, pretendo provocar, em Vishnu e em Brahma, posturas e compreensões distintas em relação ao que agora informarei. Fiz de algumas das minhas personalidades *Adhyajna* verdadeiros analistas à moda humana, e com a condição crítica que estas colheram nas jornadas no seio da humanidade, em relação ao curto testemunho operativo do personagem animado pela força mental de Vishnu, conhecido como Jesus, deduzi, por meio delas – e aproveito para informar, ó humano, que por razões que lhe escapam, Vishnu não conseguiria fazer o mesmo com suas expressões, mas eu consigo com as minhas – que a “solução físico-química-biológica-mental” que ele arquitetou na sua experiência como homem, aplicava-se a Brahma/Javé somente em parte, faltando, tão somente um acréscimo “genético-espiritual” que ele não pode na época prover, pois que mesmo tendo agido algo independente da vontade dele, a marca da subserviência amorosa a Javé foi “exagerada”, o que implicou em correção futura a ser feita por outro humano, pois que de Jesus não houve descendência direta, via concurso sexual. A outra opção da escolha de Brahma/Javé, trabalhada desde os tempos de Enoch, foi a de quem absorveu o legado de Jesus e, com certa dose de “desgosto” necessário para o despertar de Brahma/Javé – aspecto que o homem Jesus jamais sentiu pois grande foi sempre o seu “amor humano” por aquele em cujo nome a sua personalidade terrena depositou toda confiança e respeito – o confrontou, sem se submeter ao pacto oferecido. Brahma/Javé foi obrigado a despertar para o fato de que, alguém com um “DNA” por ele mesmo manipulado no passado, agora não mais se lhe submetia, apesar de ser o “portador do registro da aposta fatal e final” da etapa que agora está sendo consumada, e que vem desde o início da Criação, não lhe restando “mais tempo” a não ser este que agora está prestes a se consumir com a sua vida terrena. Compreende, ó humano? O homem Jesus amou profundamente àquele que o enviara, e cumpriu, à sua maneira amorosa, o que Brahma/Javé desejava que ele o fizesse usando da força mental – ou seja, dos superpoderes que os fortes sempre teriam que impor aos mais fracos, segundo Brahma –, mas, mesmo assim, ele não conseguiu desfraldar a “bandeira genética” da insubmissão respeitosa e mesmo amorosa – ainda que esta sirva bem mais à deficiência genética de Brahma/Javé do que a “solução” advinda da “quase submissão amorosa”, produzida por Jesus.

Deste modo, minhas expressões *Adhyajna* humanizadas me permitiram compreender que, neste atual intervalo de dez a vinte anos da sua vida terrena, a “solução genética” produzida por Jesus foi absorvida e confirmada, ao mesmo tempo que a sua pretendida independência em relação a nós – e, em especial, em relação a Brahma/Javé – veio se verificando a cada momento– como este agora, que estamos vivenciando. Para minha surpresa e de Vishnu, o seu grau de independência é que não estava corretamente vislumbrado por nós. Contudo, já está feito! A “simbiose” – que lhe é tão desagradável –, entre você e Brahma/Javé, é o “último evento” desta etapa que finaliza o “estado funcional da forma *Adhydaiva* de Brahma” e, dependendo de como isso se processe, a nova forma existencial dele será estabelecida conforme as possibilidades advindas desta “parceria mental-consciencial”. Somo-lhes todos profundamente gratos...

— Se o que me é dado perceber na minha vida for resultado de gratidão da parte de vocês, melhor seria me terem como...

— Ó humano, aproxima-se o momento tormentoso, para Brahma e para nós, dessa finalização – interrompeu Shiva. — Poupe-nos das suas exclamações de desconforto...

— Não reconheço autoridade da parte de vocês para me dizerem o que alguém do meu “miserável tamanho” pode ou não poupar à doentia sensibilidade que move os seus psiquismos. Sou eu e os demais humanos que precisamos ser poupados e respeitados por vocês... ainda que ninguém na Terra saiba disto...

— Enquanto muitos agradeceriam e se sentiriam honrados... – principiou a dizer Brahma, mas, diante de uma expressão de Shiva, voltou a permanecer em silêncio.

Permaneci, de minha parte, também em silêncio, aguardando o desfecho daquela abordagem inesperada.

— Por meio das necessidades, que detectei em mim mesmo, fui me desenvolvendo e me autorrealizei principalmente por meio da minha expressão *Adhynatha*, durante a qual me dediquei à Yoga – explicou Shiva. — Foi a partir dessa forma é que exportei o meu avanço para as demais partes que compõem a minha consciência pessoal. Porque sei que para você é importante, digo que convivo com todo este drama, do qual faço parte, e, ao mesmo tempo, posso estabelecer o meu foco pessoal no “Sagrado”. Assim lhe afirmo para que compreenda que conseguirei finalizar esta forma *Adhydaiva* sem problemas, e penso que Vishnu também o fará a seu modo.

O gigante – Vishnu – balançou lenta e afirmativamente a cabeça, confirmando as palavras de Shiva.

— Não sei especificamente como o farei, e penso que Vishnu também não sabe, mas, se for necessário, faremos, pois essa tem sido a grande meta, que é a de superar esta etapa durante a qual todos nos desgastamos de modo superlativo – voltou a se expressar Shiva. — Entenda, ó humano, que sempre que fiz “encarnar” os meus *avatares* na condição humana, inevitavelmente eu disputei – por meio deles – com Brahma/Javé a função suprema desta Criação, o que não acontecia nem acontece com os *avatares* de Vishnu, pois este sempre se “submete” ou “finge se submeter” a Brahma/Javé, deixando-lhe sempre o papel de Criador. O que vocês conhecem na Terra é tão somente o aspecto mais recente deste processo. Entretanto, eu e Vishnu fizemos por onde a nossa consciência pessoal evoluir a ponto de nos unirmos ao “Sagrado”...

— Preciso dizer-lhes uma coisa... e devo estar equivocado, mas ainda assim, direi, pois poderá ser útil no futuro...

— Fale sem assombro, ó humano! – exclamou Shiva.

— Pela minha fragilíssima experiência em relação aos níveis alcançáveis da Yoga profunda, penso que a condição demo destas suas formas *Adhydaiva*, como também de qualquer outra, não acessa o “nível Sagrado” da existência. O “*Brahman*” que a linhagem sacerdotal da Índia, capitaneada por você, ó Shiva, tem ensinado aos humanos como sendo o “Sagrado”, sinceramente não penso que seja, mas me pareceu tão somente o retorno da mente de vocês à condição *Adhyatman*, e não à condição *Adhyagya*. Por que digo isto? Por duas razões, ou seja, pela minha experiência pessoal – que não serve lá para muita coisa devido à subjetividade do processo –, e pelo fato de vocês, caso tivessem acessado o “Sagrado” nas suas experiências *yoguis*, não precisariam que um humano do meu “tamanho” viesse aqui prestar o seu concurso mediúnico para que as suas formas *Adhyagya* pudessem, por meio do espírito que me anima, transmitir a vocês estas questões complexas, que lhes dizem respeito. Lamento...

— Mais esta ainda, para que colecionemos – disse Shiva, enquanto olhava para Vishnu e Brahma.

— Penso, ó Shiva, que o seu maravilhoso legado *Yogui* é por si só um objetivo que todos os humanos e demós devem abraçar como meta de vida, independente de até onde possam chegar com o foco das suas consciências. Sobre isto, “tenho a certeza que me é possível ter” porque pude verificar por

mim mesmo, porém, sinceramente, ó Shiva, não sei até que ponto – se o que vocês me revelam é verdade e pouco se me dá, pois sou muito pequeno para avaliar qualquer coisa, e minha condição terrena já se finda pelo degaste. Muito menos sei se o que lhes transmito está também correto, apesar de perceber que os mentores espirituais – que vocês não percebem, mas que se deixam serem por mim percebidos – são espíritos de alto calibre e, penso mesmo que, de ordem superior a tudo que vocês poderiam vislumbrar, o que implica que não estariam aqui nos enganando ou enganando vocês. A mim, repito, pouco se me dá se estou certo ou errado no trato destas matérias, porque isto não me modifica em nada o processo existencial, uma vez que não tenho qualquer apego ao que estou sendo obrigado a fazer por decisão do espírito que me anima, e não da minha condição humana – se dependesse desta, independente do aspecto de vocês precisarem dela ou não, vocês estariam em “maus lençóis”, como dizemos na Terra, pois de mim nada teriam já que, em nenhuma hipótese, estaria aqui com vocês e/ou cumprindo este papel ridículo e tormentoso, que me constrange profundamente. Isto, ressalto, porque, não tenho a mais remota certeza do que vai acontecer com estas formas *Adhydaiva* de vocês três após a morte da minha condição humana. Se for verdade o que está sendo informado, vocês deverão encontrar uma maneira de deixarem estes corpos existindo, mas sem função mental ativa, o que permitirá as suas formas *Adhyajna* agirem com liberdade. Contudo, se isso vai realmente se dar e, em se dando, como ocorrerá, não é comigo e nada tenho a acrescentar. No que me resta, cuido tão somente de administrar a sucumbência tanto da minha sensibilidade humana quanto do meu corpo, trucidados por vocês e suas apostas.

— Ó humano, lamentamos verdadeiramente a sua insistência em não nos ter como parceiros do processo em curso, pois há algum tempo já detectamos a importância estratégica da participação dos humanos da Terra... sem a consciência crítica e fraterna de vocês o diagnóstico universal não poderia ser produzido – ponderou Shiva. — Um aspecto a mais, pelo menos, eu e Vishnu precisamos que você compreenda, pois você se pergunta como se dará o final desta etapa, como Brahma lidará com a sua reformulação e como de resto, eu, Vishnu e demais componentes desta descendência *trimurtiana* – como você a chama – iremos nos comportar. Entenda que **Brahma jamais procederá sozinho com o que ele tem que fazer**, ou seja, **ele precisa ser “conduzido pelas circunstâncias”** e tem sido você o causador e criador de praticamente todas elas, pelo fato dele o ter escolhido. Isto já desconfiávamos! Quanto a

mim, Vishnu e demais descendentes, aqui sim, foi e está sendo com extremo grau de surpresa que percebemos, querendo ou não, que **estamos também sendo “conduzidos pelas mesmas circunstâncias”**, aspecto ao qual procuramos nos adequar. Todavia, isto não tem sido fácil e nos é profundamente incômodo, e terá que ser feito porque todo esse processo foi começado por nós num tempo em que sequer existiam seres biológicos no universo evolutivo.

Como não tinha mais nada a dizer, permaneci no aguardo da postura daqueles seres para ver se aquele encontro chegara no seu final.

Preparei-me para “ir embora” enquanto aguardava somente a confirmação de que, finalmente, aquilo tinha se acabado, mas Shiva voltou a se expressar.

— Não é você quem nos diz que **o nosso destino é passar a pertencer ao universo das vidas rápidas**? Somos nós que há muito fizemos para que os processos tomassem esse rumo, não esqueça disto. De todo modo, você nos afirmar isto é sempre uma maneira de perceber como a lógica humana, na posse dos elementos e termos corretos de uma questão, consegue, por si mesma, elaborar a equação correspondente. Isto você tem feito com aprumo, o que, por um lado, facilita a nossa interação, desde que, agora, aceitemos os humanos como eles são; por outro, acaba definitivamente com a pretensão de Brahma em exercer o controle sobre os humanos da Terra. Você compreende, não é mesmo? – perguntou-me Shiva.

— Sim, penso que sim. Para sobreviver, desde os primeiros tempos de reconstrução da consciência particularizada dele, Brahma teve que sempre tentar exercer o “poder total” sobre a realidade imediata que o envolvia. Pretender o “poder total” traz consigo o pressuposto do “controle total”. Este traço do seu psiquismo surgiu e cresceu com ele e se tornou uma doença, um vício mental, que somente foi confrontado em situações de conflito direto, como foi o caso das contendas com você, ó Shiva. Contudo, o “controle total” se apoia na “submissão completa” das parte formadoras do todo, e aqui, as “criaturas ferramentais” que inicialmente surgiram para a vida já vinham “robotizadas” (geneticamente condicionadas) para atender a este pressuposto advindo da mente do Criador. Os humanos da Terra, porém, foram elaborados para um viés bem diferente desta linearidade com a qual Brahma se encontra acostumado. Apesar da desobediência dos “primeiros humanos despertos”, vocês conseguiram voltar a controlar os humanos de agora por meio do temor e da adoração religiosa. No que se refere a Brahma, os seus “escolhidos” e “eleitos” sempre se submeteram. Agora, não é mais

assim! E o aspecto irônico disto tudo é que eu acho que Brahma jamais teve o controle absoluto sobre coisa alguma. Ele sempre pretendeu ter e foi levado a pensar que teve, e você, ó Shiva, é a maior prova disto! Brahma sempre agiu dentro de uma “zona de conforto” produzida por você e Vishnu. No que vocês não atuavam, ele pensava ter poder. Para azar dos humanos, quando estes surgiram, vocês dois já haviam adoecido também e os três erraram “feio” e ainda erram para com as possibilidades humanas, já que estas são mais complexas do que a condição *Adhydaiva* de vocês pode cuidar e gerir. Nestes tempos atuais, nenhum de vocês três está no controle. Não há piloto! “Apertem os cintos, que o piloto sumiu”, como dizemos na Terra, e é assim que há milhões de anos os processos vêm tendo lugar no âmbito desta Criação desgovernada. Basta observar o que se pode daqui perceber, que o fim da habitabilidade desse “universo paralelo” onde vocês vivem, está com o seu limite inexoravelmente marcado.

Enquanto me expressava, Brahma havia tentado algumas vezes me interromper, mas Shiva não lhe permitiu.

Ao fim das minhas palavras, Shiva sorriu algo irônico e, olhando para Vishnu com os seus dois olhos e, para mim, com o de cima, disse:

— O que um humano, ainda que, ao que parece, com a sua componente espiritual atuando nesta questão, pode me dizer que eu não saiba?

— Provavelmente nada, ó Shiva, porque o seu intelecto é magistralmente superior ao de qualquer ser humano.

— Você está jogando comigo, ó humano? – questionou Shiva.

— De modo algum.

Shiva voltou-se com os três olhos na direção de Vishnu e assim permaneceu por algum tempo.

— Vou refazer o meu questionamento, ó humano – falou Shiva. — O que um humano pode compreender sobre a nossa questão que eu ainda não possa, devido aos problemas desta nossa condição mental *Adhydaiva*?

— Você precisa morrer para que o seu próximo *avatar* terráqueo se liberte das “sujeiras” e impedimentos mentais do seu atual envoltório espiritual *Adhybutha*, de modo que ele possa ser “gerido” diretamente pela expressão *Adhyagya* do seu espírito. Isso se deve ao fato das condições mentais *Adhydaiva* de vocês dois se encontrarem poluídas pelo envoltório *Adhybutha*, que seus espíritos tiveram que gerar para poderem conviver com a situação de Brahma. Sujaram-se a tal ponto que isto tem impedido a plenitude das potencialidades das suas expressões *avatáricas Adhyajna*. A

sua última expressão *avatárica Adhyajna* de caráter *Homo sapiens*, conhecida como Sai Baba, somente “feneceu antes do tempo previsto” pelo fato de estar apoiada nesta expressão *Adhybutha* e não na *Adhyagya*. Isso precisa parar porque agora, estas expressões *Adhyajna* suas e de Vishnu, são aquelas que deverão assumir o controle das futuras etapas que ainda estão por vir. Esta sua expressão como Shiva está impedindo o avanço dos seus próprios projetos porque o seu futuro não será mais produzido por esta forma *Adhydaiva*, mas sim, pelas *Adhyajna*, que a sua consciência compôs.

— E quando isso terá que se dar? – perguntou Shiva.

Permaneci calado pois algo em mim começou a vibrar com problemas e passei a sentir um desconforto profundo, provavelmente vindo da atitude mental de Shiva para comigo.

— Diga, ó humano, sob a premissa da qual você parte, quando a morte deste ser em mim, que é imortal, deverá acontecer para que estas conjecturas sobre a minha próxima atuação na Terra possam ter lugar? Fale sem receio. Você sabe que de nós não há nada a temer. Como e quando eu deverei fenecer para que tudo isso aconteça? – tornou a me perguntar Shiva.

— “Como” eu não sei, mas “quando”... parece-me que é ao fim deste nosso encontro ou logo após o mesmo.

Shiva fixou seus três olhos em mim e uma dor insuportável me invadiu, e pude ainda perceber, antes de desfalecer, Brahma e Vishnu se entreolhando, ao mesmo tempo em que este último se agigantou ainda mais e volitou na minha direção.

Desfaleci!

Acordei sentindo-me terrivelmente mal enquanto procurava me situar em relação à data na qual se encontrava a minha condição humana ao tempo em que aqueles fatos se desenrolaram. Algum tempo depois me percebi nos meus dias terrenos em que me encontrava trabalhando no interior do Estado da Bahia, quando todo o desconforto teve lugar na madrugada de um sábado, no final do primeiro semestre do ano de 2015, o que me deixou em situação algo crítica de saúde, por um certo tempo.

O FIM DA LILA



DIAS DEPOIS, novamente, lá estava eu reunido com aqueles seres, como se o processo jamais tivesse sofrido qualquer interrupção, o que produzia uma sensação profundamente esquisita no meu atordoado psiquismo.

Sentia-me, às vezes, como ator/personagem de uma novela cujo enredo parecia não “caminhar” para frente. Quase sempre me via retornando à obrigação de novamente abordar assuntos anteriormente referidos, e tudo parecia ser uma panaceia para os presentes, mas que jamais atingia o seu objetivo de remediar ou de curar algum aspecto da psicologia dos entes que, agrupados em torno dos “Senhores da *Trimurti*”, pareciam aguardar uma “definição”, que nunca vinha.

Ali me encontrava no mesmo lugar, cada vez mais sofisticadamente preenchido com a assistência de seres que se localizavam “acima”, “abaixo”, “ao lado”, em “mini buracos luminosos” que, a meus olhos, pareciam ser pontas de um vórtice dimensional ali fixado, para acompanhar os acontecimentos que estavam se desenvolvendo.

O espantoso era perceber que, quando, de minha parte, focalizava a atenção mental em um daqueles pontos – era como se fosse um “click” de um *mouse* abrindo um arquivo –, a realidade nele existente se abria, ampliando-se perante minha percepção.

O mais enigmático foi ainda ter consciência que aquele acontecimento era interativo, ou seja, eles me olhavam, como seu eu estivesse aparecendo para eles numa tela, enquanto eu também os podia perceber claramente, e sabia ser possível a comunicação, se fosse esse o meu desejo ou o deles. Entretanto, não houve estabelecimento de nenhum contato, seguramente em função do que já estava acontecendo.

Recordava-me do que havia dito a Shiva e da figura de Vishnu se “movimentando” na minha direção e, pronto, como se fosse uma colagem, a minha memória, naquele exato momento, sequer conseguia se recordar do que havia acontecido com a minha condição humana enquanto repousava, e “algo em mim” parecia achar “muito normal” o fato de estar ali.

Era realmente desagradável ter que lutar, a cada “segundo”, contra aquela sensação que, inopinadamente, parecia tentar dominar o meu psiquismo, a qualquer custo. Caso não fizesse isto, a sensação de “normalidade” pouco a pouco invadia o “meu pensamento”.

Aquele “aspecto mental” era o avesso dos fatos, pois apontava para, exatamente, o contrário de como me sentia... Era “invasão mental”, pensei comigo mesmo, enquanto procurava imaginar o que aqueles seres estavam pensando, uma vez que cada um se encontrava como que inerte, ao mesmo tempo em que me encaravam.

De minha parte, olhei alternadamente para eles, recordando-me das intermináveis “idas e vindas” do modo como aqueles seres pensavam e se expressavam, imaginando o que existiria ainda para ser “conversado”.

— Ó humano, você se encontra bem e recuperado, e procurarei melhor compor a minha vibração em relação à sua forma aqui presente – afirmou Shiva. — Não é somente você que se sente mal, nós também estamos nos superando para poder suportar tanta coisa vinda do seu conhecimento. Você não imagina quanto!

Resolvi, novamente, permanecer em silêncio para “passar melhor”, já que não adiantava mesmo dizer coisa alguma. O padrão do óbvio, para mim, era bem diferente do que, alguma coisa neste sentido, poderia representar para aqueles seres – se é que o padrão dementado *Adhydaiva* tinha algo que se enquadrasse neste quesito.

— Você afirmou que até o final deste encontro teria lugar o “meu fim” enquanto *Adhydaiva*, para eu poder liberar e dar poder de ação às minhas formas *Adhyajna*, é isto mesmo, ó humano? – continuou Shiva.

— Preferencialmente, seria isto, pelo que julgo compreender sobre os fatos em torno de vocês. Todavia, penso que o limite de tempo para vocês se dará com a morte da minha condição humana – isto é devido à trama genética que vocês mesmos provocaram ou que Brahma provocou sozinho, não sei bem ao certo. Esse parece ser, decisivamente, o limite para que a condição operativa das suas formas *Adhyajna* não sofra ainda mais solução de continuidade além da que já provocou. Vocês não fazem a mais remota ideia

do prejuízo que já provocaram para vocês mesmos, para Brahma, para toda a descendência demo e dos seres clonados, e mesmo para os biológicos que, bem ou mal, tocam as suas vidas, enquanto vocês estão presos, estacionados e colecionando horrores a serem saldados no futuro.

— Ó humano, como você é duro nas suas expressões para conosco... mas, não poderíamos esperar mesmo nada de diferente – concluiu Shiva, voltando a atenção para os seus pares.

— Ele está nos julgando mesmo! – pontuou Brahma.

— Fomos nós que pedimos... não podemos reclamar, ainda que ele esteja errado – ponderou Vishnu.

— Vocês não podem aceitar isto... é uma questão de autoridade... vocês têm muito para cumprir e fazer por meio dos seus obedientes instrumentos dos nossos interesses – apontou Brahma, demonstrando enfado ou cansaço.
— Eu já não posso, reconheço... – era difícil definir o estado de Brahma naquele momento.

— Você mesmo aceitou, ó Brahma... foi você quem colocou como premissa de admissibilidade que eu e Vishnu fossemos também julgados – afirmou Shiva.

— Tem alguém manipulando os fatos aqui, no meu “palácio” – tornou a dizer Brahma, me olhando furioso. — Os eventos não eram para serem desdobrados desta maneira. Vocês precisam fazer alguma coisa. Eu não sei mais o que fazer para subordinar o humano... e o digo abertamente porque não há mais o que ocultar. Sei que perdi, no confronto... sei que perdi a aposta... mas, os meus descendentes não se sentem vencidos e tão somente procuram aceitar a minha posição... É difícil dar continuidade a isto. O humano não se submete, ainda que o enjaulemos em mais grilhões, que lhe sufocam... e não podemos sufocá-lo além da conta... ele é frágil e nada faz para permanecer com o corpo... Não sei o que fazer... façam alguma coisa.

Mesmo percebendo que Shiva se preparava para se expressar, resolvi me antecipar à “fala” dele.

— Você definitivamente é um covarde, ó Javé, e dos mais medíocres. A sua mediocridade pessoal vulgariza a própria maldade e perversão que advêm dos seus atos e das suas posturas criminosas. Vou embora! Não fico mais aqui... Vocês, agora, terão que me matar, seja lá de que modo isso possa ser efetivado... sinto nojo e não me permito sentir isto nem mesmo em relação a seres como vocês porque, de certo modo, compreendo o “drama da podridão” que marca a existência de vocês. Por mais que me agridam, vocês são quem

estão enjaulados na própria mediocridade que lhes marca este modo ridículo e perverso como vivem. Eu, pelo menos, sou e estou livre para morrer. Tenham dignidade e me matem, acabando com esta farsa...

Não sei exatamente o que fiz, mas me vi “de pé” e com a mais “estranha das forças” presente no meu alquebrado psiquismo. Apesar de enojado, algo em mim conseguiu ainda achar aquela “fortíssima sensação” como a mais singular por mim já sentida.

O gigante – Vishnu – volitou na minha direção e se posicionou na minha frente, enquanto dizia:

— Jamais pedi algo como agora faço e muito menos a um humano... Se é o seu desejo, eu me ajoelharei, do modo como vocês fazem, perante a sua pessoa, lhe pedindo para não nos deixar... Sei que se usarmos a nossa força mental para imobilizá-lo você disso se utilizará para causar o confronto e forçar a morte do seu corpo, que já não suporta o atrito. Peço-lhe... fique! – disse Vishnu, enquanto uma onda de inquietação varreu toda a assistência e, algo parecido a um murmúrio, pensei ter escutado.

— Não precisa, ó Vishnu, não precisa porque eu vou embora mesmo, nem que morra... Você está enjaulado pelas apostas do Apocalipse... e Brahma realmente não paga o preço e não tenho nenhuma utilidade se assim são os fatos, por isto vou embora. Se eu enxergasse alguma função em permanecer aqui, creia-me, eu o faria, ainda que me desagradasse, como de fato me acontece. Contudo, não há função porque não existe evolução na postura de vocês. Vocês estão se enganando e eu estou ajudando vocês a se enganarem... nem mesmo os Espíritos aqui presentes conseguem me dar uma só razão, nos termos em que lhes cobro, para aqui permanecer. Acabou...

— Humano, posso lhe ser detestável, porém sou seu Pai e Criador, e sei que você sabe disto – falou Brahma. — Atenda ao meu pedido... ainda que não lhe possa pagar salário... mas, cuide do seu Pai... Se tenho que lhe pedir, estou pedindo: cuide do que resta do meu poder, do que ainda existe em mim e do que pude reconstruir... Ainda que lhe seja nocivo, cuide de mim, pois não tenho outro suporte, já que há muito defini que seria este código, que você agora aporta, o sustentáculo da minha continuidade – disse um Brahma “pesaroso” e completamente preso àquele equipamento, que se comportava como sendo a “parte inferior do seu corpo”, incluído aí o “trono” que lhe parecia dar assento.

Senti-me terrivelmente mal... pior, impossível. Hesitei! Uma força vinda não sei de onde, profundamente amorosa, foi me dominando, enquanto o meu

psiquismo terreno lutava para não se entregar àquela “nova farsa” – foi exatamente assim que pensei.

Confidenciaram-me que havia sido a forma *Adhyagya* implodida do Criador – associada a outras – que se “pusera de modo ativo” a me endereçar aquela vibração.

Vishnu fez menção de principiar o movimento por ele aventado, quando lhe fiz um sinal para que ele não o fizesse, e voltei para o assento, sem acreditar que aquilo estava acontecendo.

— Agradecemos, ó humano, o seu gesto – disse Vishnu. — Você está fazendo conosco o que jamais fizemos com você, agora o reconheço. Caberá a nós – disse o gigante, enquanto voltava seus olhos para Brahma – agora motivá-lo a permanecer conosco e precisamos fazer isso. Temos que evoluir em algum ponto, pois precisamos do seu concurso e do de muitos na Terra. Esses somente virão se você os acionar.

Aqueles seres permaneceram em silêncio por mais algum tempo, após o qual Vishnu tornou a se expressar:

— Ó demais “Senhores Doadores da Vida”! Convido-os, agora, para que acordemos sobre a única opção que vislumbro como sendo a de, convenientemente, darmos continuidade ao que se encontra em curso, independente da nossa vontade, rumo a um cenário que não ousamos determinar. Não consigo atentar para outra alternativa, a não ser a de convidá-los para que encerremos este nível operacional no qual temos abordado e decidido os eventos marcantes entre nós. Que a *Lila* cesse, que o modo como operamos deixe de vigorar, pois que, por constatação, estamos tomando consciência que o nível do que aqui abordamos não mais repercute nem em nós mesmos e muito menos no curso dos acontecimentos, sejam os daqui ou mesmo os do universo biológico. Estou me sentindo diferente por expressar esta ideia, a qual, até pouco tempo, jamais ousaria sobre ela pensar nestes termos. Entretanto, agora, ela me parece tão velha quanto óbvia, autoevidente, como se estivesse sempre residido na minha mente, só que em lugar remoto, remotíssimo, pelo qual jamais o foco da minha consciência havia por ele passado. Soa-me desagradável, perturbador, mas o que este humano tem nos afirmado não me parece ser de todo estranho, pois é como se eu também soubesse disto... Talvez... admito que a minha porção *Adhyagya* esteja realmente falando comigo por meio deste humano... é essencial que o escutemos.

— Não será no meu “palácio” que iremos desfazer o que aqui foi

longamente edificado por nós... – protestou Brahma.

Brahma continuou a revelar as suas idas e vindas, ora concordando, outras voltando atrás no que já havia aceitado, e ainda que nem mesmo eu levasse em consideração se o que estava sendo semeado entre aqueles seres, pelo meu concurso, estava correto ou não. A referência de Brahma ao seu “palácio”, como se fosse aquele ambiente no qual nos encontrávamos, intrigou por demais a minha sensibilidade.

Deixei que ele concluísse mais um arroteio sobre as suas preocupações, para então lhe perguntar:

— A qual “palácio” você se refere, ó Brahma?

— Este no qual nos encontramos – respondeu Brahma.

Olhei mais atentamente ao redor para ver se existia alguma “dobra de realidade” que me pudesse estar escondendo ou disfarçando algum contexto desapreciado, mas tudo que via era o de “sempre”, com suas constantes modificações. Se os seres que ali se congregavam variavam as suas expressões corporais a todo momento, mais diverso ainda era o contexto de movimentações e sobreposições de “imagens, objetos e portais” que jamais cessava. O “desfile” de seres absolutamente inverossímeis não acabava nunca.

— Para mim, isto não é um palácio!

— Ó humano, seus assuntos são por demais sérios... não nos retire a atenção deles com este devaneio – disse Brahma.

— Observe, ó Brahma...

— Ora, este é o meu “palácio”, este é o meu “céu” e é daqui que disponho do que gerei e repasso a quem quero dar parte do que aqui criei e que servirá como “fermento” na porção mental daqueles que desejam também criar suas residências, suas faixas de realidade, na qual passam a labutar. Aqui funciona assim, ó humano, mas sabemos que no universo das vidas curtas, as construções se processam de outro modo – explicou Brahma.

— Nada vejo aqui de palácio, ó Brahma, mas tão somente uma realidade aberta, cheia de focos de concentração de coisas e de seres que se intercomunicam e parecem se completar de modo estranho, porém isto não é um palácio...

— Ora humano, esta é minha “morada” e daqui jamais me ausentei porque “ela sou eu”, e comigo vai para onde vou, pois que estando aqui, estou em qualquer quadrante da minha Criação – respondeu Brahma. — Aqui habito e daqui controlo tudo o que criei e todos os que de mim foram

gerados, inclusive vocês, os terráqueos, os humanos que foram forjados para dar continuidade a mim mesmo, os últimos a surgirem ainda sob a égide deste meu modo de ser.

Olhei para Brahma estranhando o teor da sua resposta e tornei a voltar a atenção para tudo ao meu redor, mas, aquele conjunto desconexo de construções cheias de coisas e de seres absolutamente estranhos para o meu padrão, poderia receber qualquer denominação, menos a de um palácio. “A não ser” – pensei comigo mesmo – que Brahma estivesse delirando e/ou eu estava percebendo algo muito distinto do que ele pudesse estar enxergando.

Sentia-me como se inserido numa mistura dos enigmáticos quadros do pintor holandês Hieronymus Bosch, “persona artística” de Jheronimus van Aken, cujos trabalhos, até o tempo em que vivo, não puderam ser explicados pelos críticos e estudiosos do assunto, permanecendo oculto(s) o(s) foco(s) de inspiração para os mesmos.

Na condição em que me encontrava, por diversas vezes passeou pelo meu psiquismo, a desconfiança de que aquelas pequenas porções de estranheza, associadas a um contexto maior, multifacetado, o qual, por sua vez, era ainda mais esquisito, talvez pudessem ter sido capturadas por meio de “visitas psíquicas-espirituais” que alguns poucos humanos se viram “obrigados” a realizar por ali. Naquele momento, aquilo até que me parecia uma probabilidade bastante “natural” no cerne da loucura que os “Senhores da *Lila*”, ainda que agindo isoladamente, promoviam em ambientes e sobre algumas criaturas em relação as quais se “julgavam donos”, por questões de “conectividade passada”.

— Ó humano, alguns de nós se sentem de um modo parecido com este seu, quando adentramos na casa de Brahma... é assim mesmo... enxerga o que sempre enxergou e as modificações que se processam, ele somente as vê quando o seu nível de compreensão se movimenta no sentido de reorganizar os seus parâmetros de percepção... – disse Shiva. — Veja que nas próprias narrativas que ele ofertou como sendo dele aos humanos, nas páginas dos primeiros livros da *Bíblia*, é seu costume assumir como sendo “ele a fazer certas coisas” que, em outras histórias e fontes distintas, são atribuídas a personalidades diferentes. Como somente nestes últimos tempos o seu psiquismo tem aceitado que suas criaturas, quando se movimentam, não representam, necessariamente, ele agindo, é que a sua consciência está conseguindo reconhecer as atitudes e posturas alheias às suas. Contudo, em relação a este “palácio”, o processo demoraria ou terá que demorar por muito

mais “tempo”, para que ele redimensione o seu modo de “reconhecer o ambiente”, que tem se modificado porque os seres, que aqui residem, ainda que lentamente, também se modificaram ao longo do tempo – explicou-me Shiva, como se me pedindo para que eu não insistisse com aquela questão.

Permaneci em silêncio enquanto refletia se devia considerar Brahma uma espécie de “cego” cuja mente deformava a realidade para reconstruí-la do seu modo, com padrões de “particularidade”, que o levava a pensar exatamente como era possível a sua natureza. Era, enfim, um ser dementado e louco que somente via o que pensava ver, independente do que pudesse estar perante seus olhos. Era como se ele fizesse “adaptações” constantemente, e por isto as suas ordens mentais, muitas vezes, não se aplicavam porque, simplesmente, não havia correspondência entre os fatos e o que dele era emanado. Talvez, daí, a incansável repetição dele e de seus anjos em torno de assuntos que, para a minha lógica, já estavam resolvidos há muito tempo, mas eles sempre retomavam as mesmas questões como se estas nunca tivessem sido discutidas ou mesmo resolvidas, pelo menos de minha parte.

Assim me refiro porque, em inúmeras oportunidades, me recusei a fazer pactos propostos por ele, a firmar acordos em torno de um “toma lá dá cá”, para que a “nova religião” dele pudesse ser edificada na Terra, como se todas as demais já não mais lhe satisfizessem.

Não foram poucas as vezes em que aquele ser começava a falar comigo sobre os seus repetidos desígnios como se jamais tivéssemos conversado coisa alguma sobre os mesmos – era, claramente, um processo mental doentio! Realmente não me era possível interagir com aquilo de modo produtivo.

— Diga-nos, ó humano, diga-nos mais sobre os nossos espíritos... sobre estas porções ainda mais poderosas que nós mesmos, que estão se utilizando da sua condição para nos fazer enveredar por caminhos e decisões sobre as quais hesitamos – pediu um Shiva desconfiado, mas respeitoso.

“Respirei fundo” e fui adiante me sentindo tal qual um “velho professor”, cercado de crianças, procurando arquitetar um método pedagógico, ainda que improvisado e desajeitado, cujas palavras teriam que se adequar ao nível de entendimento que lhes fosse possível.

— **A Lila vai ter que se modificar ou pelo menos mudar a maneira como age porque suas decisões, caso existam, doravante, não serão mais operacionalizadas.** Conforme posso avaliar, Vishnu ponderou muito bem sobre a questão. Você, ó Shiva, deverá ser substituído, não na

sustentabilidade vibratória da mesma, pois isso decretaria o seu fim. O seu sistema deixará de ser operativo na gestão e na centralização da força *tamásica* que, doravante, será feita pela sua expressão *Adhynatha* e, mais tarde, pela sua forma *Hara*, finalizadora da Criação. A forma do “dançarino cósmico” *Nataraja* continua, pois é esta que mantém a entropia funcionando na Criação, proporcionando as transmutações na ordem da natureza universal até que esta venha a sucumbir. As “vidas curtas”, que se verificam no universo biológico, compensam as “vidas longas” deste universo *demo*, o que implica dizer que somos o “Retrato de Dorian Gray” dos “deuses falidos” – como no caso do romance de Oscar Wilde, a pessoa do personagem Dorian Gray não envelhecia porque era o retrato dele que sofria o impacto das forças entrópicas.

— Se assim é, ó humano, devo me preparar para me autorrealizar logo após este encontro, junto com as minhas demais expressões *Adhyajna* que não mais exercerão função no futuro – concluiu Shiva.

Shiva fez um longo intervalo, mas era nítido que estava ainda concatenando o que diria em seguida.

— Observem, ó Brahma e Vishnu, se o humano estiver correto, esta pode ser uma das nossas últimas conversas, ou mesmo a última, por meio destas personalidades *Adhydaiva* que ostentamos – comentou Shiva.

Um silêncio perturbador se impôs após a observação de Shiva para, logo a seguir, “mais uma **crise emocional demo**” ter lugar nas palavras de Brahma.

— Isto não pode ser verdade! – afirmou Brahma. Sempre fomos nós que a tudo decidimos ou encaminhamos para ver o resultado colhido, portanto, além de nós, ninguém tem poder para dar início a processos que possam influenciar os destinos da Criação e os nossos. Não digo que o humano esteja conscientemente mentindo, pois de nada lhe adianta um blefe. Ele não nos pode enganar. Ele pode e deve estar enganado. Não seria a primeira vez!

— Talvez não, ó Brahma, pois a estranheza sempre nos espreitou por meio dos olhos das criaturas que geramos – ponderou Shiva. — Fomos observados todo o tempo e talvez tenhamos, de nossa parte, esquecido de observar o que este humano se referiu como sendo a complexidade crescente na nossa Obra. Quando esta raça de humanos surgiu na Terra, com características que fugiam ao nosso entendimento, **este aspecto sinalizou que nem todos os processos em curso na Criação tiveram origem nas mentes que aqui ostentamos**. Portanto, não é exato você afirmar que, além

de nós três, ninguém tem poder para movimentar a Criação no rumo do que, para nós, é desconhecido. Será que este humano não representa exatamente esta plêiade que nos espreita e se movimenta nas sombras?

Todos permaneceram em silêncio.

Brahma se voltou na minha direção e perguntou:

— Você sabe, ó humano, a quem você serve... você está a serviço de quem? Sempre procurei trazê-lo para a sua função junto aos meus desígnios, pois você faz parte deles, querendo ou não, mas sou obrigado a perceber também que outras forças agem por meio de você. Diga-me, ó humano, esquecendo as aflições que lhe causei e talvez ainda cause, seja você aquele que me poupará de sofrer o mesmo e me informe se é do seu conhecimento o que Shiva apontou? – tornou a se expressar Brahma.

Permaneci em silêncio, completamente esgotado com tudo aquilo, enquanto refletia sobre como o psiquismo produzido pela condição humana estava sendo absurdamente maltratado por todas as forças que dele se utilizavam, mas que não demonstravam possuir a mais remota preocupação com qualquer conveniência ética-pessoal que o mesmo pudesse ter, e aqui me refiro também e, principalmente, ao *modus operandi* das falanges espirituais que ali atuavam. Parece que a “ética” era definitivamente fator desconhecido à Criação de Brahma e mesmo impossível de ser praticado... não parecia caber em coisa alguma dos processos em curso, ainda que “financiados” pelas forças espirituais ditas “evoluídas”. Com capacidade de tirocínio sumamente superior a tudo o que ali se apresentava, o senso de lógica comum à natureza humana se elevava em habilidade de discernimento absurdamente superlativa quando comparada com a de todos ali, fossem os manifestados ou os não manifestados. Paradoxalmente, era a única expressão a não ostentar nenhum padrão de autoridade e de independência, já que completamente refém de todo aquele contexto. Era tudo ao avesso!

A sensação de angústia era, às vezes, devastadora e a tortura mental não cessava.

— Você não quer esclarecer este enigma... a quem você serve? – tornou a questionar-me Brahma.

— Pense o que quiser... para alguém com o seu modo de pensar, qualquer resposta serve... pois arranje uma qualquer que lhe atenda.

— Não, ó humano, não será qualquer resposta que me servirá para aplacar a minha necessidade de saber... – retrucou Brahma. — Você está anunciando a nossa falência, o fim do nosso labor, da nossa ação, e temo que,

por decorrência, a nossa “morte”. Supondo isso, é que pergunto a quem você serve, compreende?

Confesso não ter entendido a interrogação de Brahma, mas arranjei ou pensei ter arquitetado uma resposta somente para encerrar aquilo. Se fosse satisfatória, bem, caso contrário...

— Quando um de vocês “morre”, nestas formas, a consciência particularizada parece “travar” e vocês sofrem o esquecimento... É como se não existisse continuidade... É disso que vocês têm medo?

— É o que desconfiamos... – disse Shiva. — Se for verdade o que vocês diz, um humano, quando o corpo dele morre, o “seu eu” prevalece porque sua alma se desliga e vive eternamente... Entretanto, conosco, não sabemos se é assim... Você fala que a consciência dos humanos segue ininterruptamente após a morte do corpo, conosco também seria assim? – questionou Shiva.

— Vocês perderam a conexão com seus espíritos. Brahma teve seus planos postos em prática; vocês dois também, tanto de modo conjunto em termos de intenção comum, como, depois, separados. Entretanto, sobrepondo-se a todo o processo advindo dos três, o projeto da Espiritualidade sempre foi o de religar o contato de suas “almas” com o “modo de ser demo” *Adhydáivico* de vocês. Primeiro, isso foi tentado via as formas *Adhyajna* de vocês, mas ainda não foi possível concluir o processo. Formularam, então, este “plano b”, que agora se tenta consumir e que será consumado de qualquer modo, conforme informam os mentores espirituais. Contudo, esta “consumação” está ocorrendo no limite do limite. Não dá mais tempo para muita coisa ou para qualquer tipo de improvisação. Sei que conhecem a cultura demo em todos os detalhes e que a cultura humana é tão somente, para vocês, um capítulo que agora se desdobra nesses cerca de onze bilhões de anos de história demo. Agora, preciso fazer uma pergunta para que eu possa compreender melhor o problema: vocês conhecem a obra “*Crepúsculo dos Ídolos*”, no seu capítulo IX, de Nietzsche, Friedrich Wilhelm Nietzsche?

Fiz de propósito já que, nem ali, a minha cota quântica possuía o texto todo disponível para uso da condição humana, mas eles providenciaram prontamente – nos tais “aparelhos” que observavam sempre que me referia à cultura dos humanos, penso eu – o conteúdo a que fiz referência:

“O valor do egoísmo – O Egoísmo tem tanto valor quanto aquele que o possui: pode valer bastante, e pode ser desvalioso e desprezível. Todo indivíduo deve ser examinado para se descobrir se representa a linha

*ascendente ou descendente da vida. Uma vez decidido isso, tem-se um cânone em relação ao valor do seu egoísmo. Se ele **representa a linha ascendente**, então o seu valor é, de fato, extraordinário – e, pelo bem da vida como um todo, que com ele dá um passo a frente, o cuidado para a sua preservação e para a criação das melhores condições para ele deve ser extremo. O indivíduo, o “sujeito”, tal como o povo e os filósofos até hoje o entenderam, é, de fato, um erro: nada é por si mesmo, não é um átomo, não é um “elo da corrente”, nada simplesmente herdado de outras eras – ele é toda a linhagem humana até ele próprio. Se ele representa o **desenvolvimento descendente**, o declínio, a degeneração crônica, as doenças (as doenças são, geralmente, a consequência da decadência, não a causa), então, ele tem pouco valor, e a decadência básica requer dele que retire o mínimo possível daqueles que se saíram bem. Não é mais do que um parasita deles.”*

— Observem bem, ó vocês três e demais seres que lhes são dependentes, as **formas ascendentes são as expressões Adhyajna das suas consciências. As formas descendentes são estas, as Adhydaiva, que lhes marcam a face. Estas últimas são parasitas daquelas.** Por isto que estas, que são “parasitas”, que atrapalham as que estão ascendendo, precisam parar de operar, pois estão atrapalhando o progresso das que podem progredir. Compreendem?

— Sim, ó humano, mas nos diga tudo o que puder agora ser dito para que possamos aquilatar melhor as alternativas – pediu Shiva.

Mesmo sentindo-me esgotado, continuei com as explicações solicitadas.

— O que posso ainda informar, ó Shiva, é que... Vocês dois terão suas consciências “levadas adiante”, progredindo em outras faculdades, exatamente pelas suas formas *Adhyajna* mais avançadas, à medida em que as outras, que já cumpriram as suas funções, para as quais foram programadas, vão sendo finalizadas pela entropia, ou melhor, pelo grau, pelo tipo de entropia a que estão submetidas. Contudo, para Brahma, que não tem outras expressões de si mesmo, pelo fato da sua forma holográfica *Adhydaiva* ser “desalmada”, a sua cota de consciência pessoal terá que ser, durante muito tempo, “bancada”, “sustentada” por seres biológicos evolutivos, de padrão igual e mesmo superior aos que detêm, nos tempos atuais, a média do presente nível de uma natureza humana razoavelmente desenvolvida... Este é o seu terror pessoal, ó Brahma, e da sua descendência periférica de seres clonados já despertos, mas sem grande gama de compreensão sobre os fatos.

— Se isto for verdade, quem cuidará de mim, ó humano? – perguntou Brahma, causando-me uma singular dose de estupefação. Como eu pensava e penso saber que ele não tem humor e também não consegue improvisar “disfarces mentais” de última hora, aquela sua “sinceridade de momento” efetivamente me espantou e, ao que parece, a todos os que ali se encontravam.

Olhei para aquele ser que havia me defraudado até o impensável, com torturas mentais de muitas ordens, sem saber exatamente o que lhe dizer naquela hora. Procurei algum “apoio” em Vishnu, mas, pela segunda vez, o vi como se cabisbaixo. Nem me dignei a observar Shiva, porque senti uma certa dose de “diversão” no ar, pois parecia lhe ser inevitável não se sentir “positivamente” quando percebia o “velho antagonista” dele se sentindo “negativamente”. O aspecto inverso também era indisfarçável!

De alguma maneira, senti-me impelido a falar...

— Ninguém, ó Brahma, pois não existe massa crítica suficiente entre os humanos da Terra para que algo seja feito nesse sentido, nos tempos atuais. E isto se deu e se dá exatamente por sua culpa, pois você não deixa que nenhum processo inteligente se realize razoavelmente, já que a tudo as suas esquisitices atrapalham. Tudo tem que ser feito, “apesar” da sua pessoa, e isto cansa! Talvez a “volta de Jesus”, se ele ainda puder contribuir com este aspecto, possa lhe ajudar, mas, sinceramente, acho que não terá mesmo mais jeito para você. De todo modo, ele virá porque existem outros aspectos em jogo, como vocês mesmos me disseram, além de outros indicativos vindos da Espiritualidade. Ele virá, nem que seja depois da sua mais nova “implosão depressiva”, para que um despertar, muito tempo depois, possa ter lugar num outro contexto. E torça para que ele venha antes do seu “sono”, pois tudo o mais poderia e poderá ser organizado, planejado de modo mais sensato e produtivo. Pelo menos é isto que as formas superiores dos *Adhy* parecem tentar me orientar, no sentido de ser aqui informado. Se isto está correto ou não, somente se saberá depois. Aliás, devo deixar anotado que não tenho a mais remota ideia se o que deixarei registrado para a posteridade, atendendo a pedido de vocês mesmos, estará correto ou não. Se daqui há alguns séculos, aparecerem seres se passando por algum de vocês três, nestas formas *Adhydaiva*, dando mensagens aqui e acolá, das duas uma: houve algo bem diferente do que aqui está sendo afirmado ou outros seres poderão tentar se passar por vocês, com vistas a objetivos das hostes demoníacas, a que ainda possam pertencer. Afinal, os demos adoram uma “contrainformação”. De

todo modo é prudente as gerações futuras observarem essas notícias sobre o “desfalecimento” de vocês três, por meio de outros elementos que somente o passar do tempo universal poderá fornecer.

— É eu que estou indelevelmente ligado a você... – interrompeu Brama.

— Ainda que isto possa ser verdade, trata-se de um problema seu porque mal dou conta de mim mesmo, quanto mais de... Deixe isto para lá, ó Brahma, pois quem aqui se expressa é a minha condição humana e somente por pouco tempo ela ainda deverá prevalecer nesta história, se é que esta é a visão minimamente correta. Mais um pouco, e o meu corpo terreno deixará de existir. E, confesso, não tenho nem quero ter a mais remota ideia do que poderá existir, entre a sua condição pessoal e a do espírito que me anima, depois da morte física do corpo que utilizo, pois nada mais terei com isso... Entenda-se com o espírito que me anima, se é que isso será possível... Talvez, pelo fato do seu corpo *Adhydaiva* parar de limitar a sua cota de consciência pessoal, isso lhe será possível e também a ele – sei lá. Inevitavelmente, o meu modo de ser terreno morrerá com o corpo, e a face que o espírito que me anima poderá assumir, isso é com ele.

— Todavia, enquanto você for humano, o que posso esperar da sua parte? – perguntou Brahma.

— Nada!

— Ó humano, sou seu Pai e Criador... – argumentou Brahma.

— Eu seria desonesto se lhe dissesse algo diferente disto. O tempo que você tinha para afetar a minha sensibilidade com questões deste naipe, você mesmo liquidou com tudo lá atrás. Jesus, mesmo tendo sido crucificado, permaneceu amando-o e o “banca” até hoje. Esse não é o meu caso, por muito motivos: não tenho a estatura de um milésimo de milionésimo desse ser, nem muito menos qualquer poder, e meu limite humano de suportar já foi trucidado e nada restou neste sentido. Uma morte rápida teria sido melhor do que a farsa que sou obrigado a manter para não piorar ainda mais este processo de revelar quão desastroso e perverso é o “pano de fundo” por trás da vida terrestre... E isto que você me impôs, por mediocridade e perversão de sua parte, não tem fim, não me permite ter sossego mental para retirar da paz espiritual-filosófica, na qual repouso com minha consciência cansada, qualquer espectro de força que me motive a cuidar de mim mesmo, quando mais do “pé que me esmaga”, da “mão que cotidianamente pretende me escravizar”. Você me matou lá atrás, ó Brahma, apenas a minha condição humana não foi devidamente encerrada – coisas da sua eterna incompetência

e imperfeição! Realmente, você não sabe finalizar coisa alguma de modo decente!

— Ó humano, como você é duro... sei que meu equívoco perpetuou em você esta cota de tortura diária... mas, renovo e rogo, veja bem, estou rogando por um pacto que você jamais quis, obrigando-me a fazer tudo o que fiz para lhe dobrar o orgulho... – tentou justificar-se Brahma.

— Pare, ó Brahma, não sigamos por aí, pois não tem como você me levar por esta estrada viciada, que o levou a este inferno, e a todos nós. Você é tão criminoso que se justifica pensando que os crimes que comete contra os humanos se dão porque estes, por não lhe obedecerem, forçaram-no a tanto. Nem no inferno, tamanho grau de psicopatia estaria presente, até mesmo porque o “inferno” já é este, ou seja, ter que conviver com alguém como você. De mim, não existe mais nada para ser retirado!

— Pelo que fiz... pela minha opção, não me é possível desvencilhar-me de você, ó humano, por isto que até o seu pseudônimo invoca o meu nome, como registrado na sua mente – disse Brahma. — Somos indissociáveis e isto percebo há um certo tempo, somente não sabia que era tanto assim. Pelo menos não me diga agora que não cuidará de mim... deixemos as coisas acontecerem... preciso admitir que poderei redimensionar um pouco do que sou, do que fiz e do que poderei fazer... não me diga nada mais sobre isso... Preciso de um pouco mais de tempo.

“DECIFREM-ME!”



NÃO ERAM SOMENTE as apostas detestáveis que marcavam fortemente a tônica da coexistência entre aqueles seres. Estas apostas representavam o lado trágico da história que lhes era comum, apesar de que, para o psiquismo doentio de todos eles, eram a “tônica da vida”, que produzia as “manchetes do momento”, movimentando sempre aquelas consciências parvas em torno das novidades, como se a vida que levavam se resumisse àquilo. Por incrível que possa parecer, esta não era a componente mais desagradável na coexistência dos entes da cultura demo. O irritante mesmo era outro hábito que também havia entre eles, mas que, por me ser intragável retratar aspectos repetitivos presentes em quase todas as posturas deles, peço desculpas aos meus pares de contemporaneidade, pois aqui irei tão somente registrar o “aspecto comportamental”, sem me preocupar em reproduzir os seus painéis, por serem fúteis e desnecessários.

Refiro-me ao irresistível traço do psiquismo demo de apresentar as questões sob a forma de enigma do tipo “decifra-me ou o devoro”, só que no sentido do “decifra-me ou fique calado, pois já ganhei a discussão”. E aqui, para aqueles seres, “ganhar a questão” era sinônimo de devorar a honra e/ou a sensibilidade do oponente ou receber algo como prêmio ou preço a ser pago.

A contenda mental entre os seres demos se dava a todo momento, o que cansava os “ouvidos” e a paciência de quem não padecia daquele tipo de demência.

Tudo era “pegadinha”, “jogo mental”, nos quais a tortuosa argúcia ou esperteza, traduzia a suposta superioridade de quem a aplicasse.

Infeliz do demo que se recusasse a participar de uma aposta, ao embate mental em torno de questões diversas, porque a sua honra seria posta em

questão, por fugir ao desafio. Perder era menos ruim que fugir ou acovardar-se perante o oponente.

O doloroso é ter que admitir que este tipo de jogo mental, para aquela cultura, já representava um inegável avanço perante o uso da “violência física”, que antes era praticada no âmago das disputas, até ser percebido que, pelo fato de muitas gerações demos não “morrerem facilmente”, aquele tipo de confronto trazia, assim, desgastes desnecessários para ambas as partes. Os jogos mentais, portanto, foram a forma arquitetada para manter as disputas, o ganho e a perda, mas, agora, com a violência mental, com a tortura psíquica, o que levava aqueles seres a estudarem os assuntos, não porque esses pudessem elevar as suas consciências, porém, tão somente, para “pegar” o oponente.

O pano de fundo psíquico de toda aquela postura, contudo, para mim, significava apenas a incapacidade de autocritica, e as tais disputas pareciam ser um pedido dementado para que o outro descobrisse o que o próprio ser, sozinho, não conseguia: a carga de elementos perturbadores da doença mental dos demos.

A cada “derrota” surgida, tinha-se “uma fraqueza” identificada, que precisava ser, então, corrigida ou superada. E, assim, seguia a vida daqueles seres, em meio às provocações que, no fundo, “diziam” ou demonstravam um aspecto que não lhes era óbvio: “ajude-me a me decifrar, sob pena de que eu venha a devorar a sua paciência e a sua honra”.

O tortuoso entendimento possuía, ainda, um outro aspecto singular: **somente os mais fortes, obviamente, provocavam os mais fracos**, o que apontava para uma demanda crescente destes se verem em querelas mentais, o que os obrigava a “evoluir”, por força da disputa.

O mais enigmático, porém, era quando dois poderosos tinham que se confrontar, por este ou aquele motivo, o que “parava” a vida daqueles ambientes em torno de tais embates. E um dos aspectos da “*Lila*”, que constituía o ápice de todo aquele processo, era o “**jogo mental máximo**” em torno da **disputa de poder** entre três seres – que compunham a *Trimurte* – cujas forças pessoais se equiparavam, o que **os levou a conviver daquele modo**.

Ao longo da minha “forçada permanência” junto àqueles seres, fui levado a outros rincões existenciais, aspecto sobre o qual aqui não farei maiores registros porque não teriam relação direta com o tema central do presente trabalho.

No que se refere, porém, aos níveis principais, conforme pude avaliar, **o “céu de Vishnu” parecia conter o infinito**, como se fosse ilimitado – e penso que, ali, havia um “truque mental”, exatamente para causar esta impressão.

Já no **“céu de Shiva”**, podia-se perceber uma **escuridão imensa por toda parte**, mas que não disfarçava o **“aspecto prisional” de muitos seres que, se ali não estivessem, a vida em outros lugares, com a presença deles, não seria possível**. Como eram indestrutíveis, pelo menos por enquanto, ali padeciam de uma “espera pelo fim”, “aprisionados”, para poder permitir o fluxo da vida alhures. No meio daquilo tudo, luzes discretas e de coloração indescritível davam a sensação de um precipício incomum, produzido por uma força descomunal, que parecia “tragar” o imprestável, como se fosse um processo gigantesco de reciclagem energética, em funcionamento contínuo. Sobrepondo-se a todo este contexto, regiões paradisíacas se espalhavam à maneira de “ilhas”, aqui e ali, como se a mostrar que o “seu Senhor” era prenhe de todas as forças da beleza, mas também do que existisse de tenebroso, provavelmente como forma de destruir o que tivesse que ser destruído, para poder, assim, preservar a existência.

O **“céu de Brahma”** era aquele em que nos encontrávamos, com seu aspecto confuso, desarmônico e “sem vida”, apesar de toda barulheira e movimentações, que somente cessavam quando ele próprio passava a se expressar!

— Não deverá, ó humano, o mais complexo cuidar do menos elaborado em percepção... – disse Brahma. — Isto eu já reconhecia ao tempo em que Enoch transmitiu aos humanos o meu modo de ser e de pensar. Desde ali, eu reconhecia que precisava do apoio operacional de um dos “Senhores da *Lila*”, o qual se prontificou a enviar ao mundo dos terráqueos uma expressão sua, que me serviria de enviado, o qual tratei como meu messias. Em tempos anteriores, quando ainda me era fácil manejar o meu poder criador, cuidei zelosamente da evolução de muitas espécies porque me eram obedientes, e delas fiz a base do que hoje se pode perceber no universo que você chama de biológico. Cuidei de quem precisava de cuidados, cuide você agora, ó humano, você e os seus semelhantes, pois muito zelo dediquei, o quanto pude, a todos os humanos da Terra.

— Jó e outros que o digam, uma vez que, por pura perversão e capricho, você impinge aos mais fracos, de modo covarde, o peso do seu jugo criminoso. Não me venha com estas histórias de zelo e de cuidado, quando a

verdade é outra bem diferente do que a que a sua mente doentia consegue arquitetar. Você não consegue fazer uma leitura decente dos fatos que a sua loucura produz. Não comigo, ó Brahma! Diga estas sandices a quem você quiser, mas não a mim, nem espere compreensão da minha parte quanto a isto. Sou, para mim mesmo, ainda que ninguém mais saiba disto, exemplo vivo de que você é o mesmíssimo ser em ação, só que um pouco humanizado, o que não o transforma em ninguém decente. Muito ao contrário! Como já lhe disse, penso que seu crime é impagável e quanto mais você permanecer sendo o que você é, pior fica a sua “conta” e mais outros sofrem o “peso” da sua doença. Digo-lhe mais: a sua loucura, além de transformá-lo num criminoso, tornou-o um ser obtuso, o que o levou a “cegar” a humanidade. O fato de você se achar “deus”, esta sua descabida pretensão impediu, a tal ponto, a humanidade de evoluir, que “cegou” por completo os que vivem na Terra, deixando as suas mentes viciadas no consórcio estéril com um “tipo de deus” do seu porte.

Os humanos jamais tiveram, até hoje – conforme os mentores que aqui me orientam e pelo que eu mesmo sou obrigado a deduzir – **um conceito sequer razoável sobre “deus”, ao longo de toda história deles.** Todos os conceitos nesta questão, até hoje colecionados pelo psiquismo humano, estão absolutamente apartados da verdade, arrisco-me a afirmar. **A “face do verdadeiro deus” jamais foi, nem de longe, vislumbrada pelos humanos ou por qualquer outro ser inserido neste vexame existencial.** Nem mesmo a noção do “sagrado”, presente em cada ser, é do modo como os humanos foram levados a pensar. O mais digno de nossa parte seria **não assumirmos a crença ingênua e arrogante** de que a **atual capacidade de “crermos em um deus” ou de “vislumbrarmos” a sua existência,** pois **esta não se assenta em alicerces** com um mínimo de razoabilidade. **Tudo está infectado por sua doença pessoal, ó Brahma!** Sei que os humanos ainda precisam de um pensamento confortável, pois foram criminosamente condicionados a se iludirem romanticamente por meio das teologias e exegeses diversas, que procuraram justificar o injustificável, com suas teses cheias de malabarismos no campo da crença. Vocês, com este modo demente, presumidamente divino, com que vocês se conduzem, já contaminaram todas as criaturas capazes de algum grau de pensamento. Se isto que agora se revela for verdade... finalmente algo de digno vocês serão obrigados a fazer: terminar o que jamais vocês deveriam ter iniciado. Já que vocês não podem finalizar a Criação, por incompetência destas suas formas de ser, tenham a decência de,

pelo menos, cessar estas mentes doentias, que os caracterizam.

— Cuidado, humano, pois isto não é tão simples assim! – ponderou Vishnu. — Terá que ser feito, isto sei, mas existe ainda dificuldades a serem superadas. Se eu me cessar enquanto Vishnu, como ficará a força agregadora, que mantém o universo de vocês em progressão? Você sabe, ó humano, sei que você sabe, que foi a minha mente que sintetizou a possibilidade de algo vir a dar certo no seio do universo que você chama de biológico. Se eu finalizar a vibração da minha mente, daqui onde me encontro, o que os humanos chamam de “matéria escura” cessará também de atuar sobre o aspecto material de lá, e as grandes formações galácticas logo poderão sentir o seu efeito, portanto, em seguida, tudo o que existe também fenecerá. Preciso dar condições de tempo, ao tempo do universo biológico, para que por lá se resolva o que neste não nos foi possível. Como poderei me finalizar?

— Sinceramente, surpreende-me bastante, ó Vishnu, que a sua consciência *Adhydaiva* não perceba que, tanto a força como o *modus operandi* da sua expressão para o universo biológico, nos seus primeiros instantes de formação, não se deram a partir desta forma que você é hoje, mas sim, a partir da sua condição mental *Adhyatman*. É esta “tolice” em vocês que eu chamo de “demência”, por se acharem, nestas formas, o que vocês foram numa outra condição. Foi este o seu padrão de consciência que produziu as forças agregadoras, que permitiram o surgimento da “realidade material” no interior da Criação que foi gerada de modo infeliz e incompleto. Ao perceber o problema, o padrão *Adhyatman* de Shiva – Savna, abreviatura de *Adhyshsisavna* – resolveu acabar com o que fora indevidamente gerado. Contudo, Brajna – abreviatura de *Adhyshprabrajna* – caiu no seio da sua energia *rajas*! A força mental destruidora de Savna foi, então, regulada para “deixar acontecer a vida que pudesse surgir” até um certo limite temporal, e este seria – como está sendo – o tempo máximo que a força “*tamásica-entrópica-recicladora*” emitida conseguiu “garantir” como sendo o tempo em que aquilo teria um fim **(n.a.t. – Função da “energia escura”, assim chamada pela cosmologia.)**. A sua mente *Adhyatman* – Vatna, abreviatura de *Adhyshmavatna* – aproveitou este “tempo”, que é o tempo da duração da vida do universo biológico, para fornecer um meio que permitisse ao companheiro caído um modo dele se reconstruir e se redimir, ó Vishnu. Será que você não tem consciência disto? Vou me servir aqui de um comentário de Lucrécio **(n.a.t. – E novamente aqueles seres fixaram a sua atenção em alguns pequenos “aparelhos”, que aparentemente surgiam e ficavam**

como que flutuando próximo a eles. Parecia que a “cultura terrestre” estava ali “digitalizada” e disponível para as suas mentes cansadas.), que afirmou: *“o mundo (universo) tem persistido por muitos anos, desde que foi posto em andamento outrora nos movimentos apropriados. A partir deles, seguiu-se tudo o mais”*. Ora, foram vocês três, como *Adhyatman*, que puseram esta Criação problemática nos movimentos apropriados, referidos por *Lucrécio*, e que atualmente a ciência humana descortinou na sua multiplicidade de matérias. Tudo isto é de responsabilidade de vocês, tanto o que fizeram antes, como o que estão deixando de fazer agora, por incompetência destas formas, que mantêm vocês três “unidos” na mesma desgraça, porque o que der para um, dará para os outros dois. Sei que, lá atrás, foi esse o plano de vocês dois, ó *Vishnu* e *Shiva*, mas percebo que vocês “fingem esquecer” os desdobramentos criminosos do que fizeram, com receio do que, um dia, terão que inevitavelmente enfrentar, apesar de não conseguirem “abrir mão” de se autointitular como os “Senhores da Criação”. E você, ó *Vishnu*, ainda me pergunta, a um “simples e miserável” humano, sobre o que pode fazer...? Obrigaram a todos os demais seres vivos, criaturas que surgiram a partir das experiências criminosas que vocês fizeram, a vivenciarem um pouco ou muito do inferno que vocês criaram, e ainda estão aqui, nestes tempos, pousando de “essenciais” à Obra, quando dela jamais conseguiram dar conta nestas formas que precisam cessar as suas “expectativas e influências”, para que a Criação possa ter seu resumo. Ora, vocês não têm formas especializadas em muitas disciplinas? Deixem que elas sigam com o que vocês são, na atualidade, incompetentes para lidar, que é a complexidade que surgiu em plena “podridão”. Não é assim que a flor de lótus se edifica e se eleva a partir do charco?

— Não jogue comigo, ó humano... – alertou *Vishnu*.

— Você joga com todos e faz de muitos, simples peças do passatempo de seres que se pensam imortais, mas que não sabem resolver os problemas que criaram, nem muito menos conseguem “abrir mão” do poder que pensam ter. Enquanto isto, todos sofrem desgraçadamente, esperando que vocês parem com este jogo e você ainda me adverte como se fosse eu a estar jogando com vocês? Tenha dó, ó *Vishnu*, se não de mim, mas pelo menos de você mesmo, e pare com esta postura ridícula! Você e *Shiva* sabem como “deixar esta condição que viciou vocês em se pensarem imortais e estas outras bobagens com as quais se autoengrandecem a todo momento. Apesar das centenas de títulos honoríficos que pretendem possuir, vocês três “apodreceram”! Suas

formas *Adhyajna* cresceram, floresceram da lama mental e emocional de vocês. Liberem-nas! Elas conseguiram, apesar dos erros, porém, vocês três, não. Quando é que vocês compreenderão isto?

— Sei, humano, que a sua **tarefa foi e é a de nos decifrar antes de perecermos**, antes de deixarmos estas formas – ponderou Brahma. — São as nossas formas *Adhyagya*, operando por meio da hoste da qual você faz parte, presumimos. Entretanto, precisamos da sua paciência e da de todos, pois são muitos entre nós que estão fazendo esta transição.

— Paciência? Por mim, vocês podem ficar como estão, eternamente se desculpando e arranjando motivos para se manterem como são. O indesculpável é o sofrimento acumulado que vocês promovem nas suas criaturas, enquanto se observam, **ainda tentando descobrir se existe algum modo de vencer o outro ou de se atropelarem mutuamente**. Faltam, ainda, quantas apostas? É bom mesmo vocês finalizarem esta coisa que vocês chamam “*Lila*”. Nunca vi nada mais estranho... É um “desequilíbrio pontuado”, que funcionou somente no modo de pensar deformado de vocês (n.a.t. – Não vai ficar claro para o (a) possível leitor (a) destas informações a analogia que fiz entre a teoria do “equilíbrio pontuado”, de Ernst Mayr, que ficou conhecido mais tarde, quando a mesma teoria foi novamente apresentada, com nova ênfase, pelos paleontólogos Niles Eldredge e Stephen Jay Gould. Para Mayr, a teoria do “equilíbrio pontuado” se referia tão somente ao aspecto da desconformidade morfológica no registro fóssil, ou seja, a total ausência de uma continuidade fóssil que mostrasse a lenta evolução das espécies, proposta por Darwin. Quando me referi à *Lila* como sendo um “desequilíbrio pontuado”, foi um modo crítico de demonstrar que eu não conseguia ver a mais remota continuidade entre o “progresso dos fatos da Criação” e as ordens emanadas da *Lila*, nem muito menos o que eu lá via e os fatos atuais da Terra. Se o processo que eu estava participando fazia parte do que aqui chamo de “progresso”, esta já será a mais simples constatação da ausência de um “plano decente e inteligente” por trás de todas as etapas que tiveram lugar no drama que todos estávamos e ainda estamos vivendo.). Na prática, porém, parece ter sido o “acaso”, associado ao resultado de algumas apostas, a definirem o rumo de muitas coisas. Os gargalos da lógica humana, ao analisar os fatos, não podem ser preenchidos somente pelos títulos honoríficos que povoam a mente de vocês. Os fatos os condenam, ao mesmo tempo em que apontam para o grande e desesperador

esforço que, ainda assim, empreenderam. Não pensem que vocês são o que a arrogância destas suas formas *Adhydaiva* criaram para vocês e para suas expressões *Adhyajna*. Vocês podem ser “grandes”, “majestosos”, conforme os valores que lhes são próprios, porém os problemas que vocês geraram ultrapassam, em muito, o provável valor que vocês possam ter. Daqui retiro tão somente você, ó Shiva, que não é, conforme penso, um dos Cocriadores responsáveis pelo caos e dores gerados por teimosia intelectual. Sem a sua participação, isto não acabaria jamais. E você ainda atraiu para si a pior das partes. Não posso criticá-lo! Apenas constato e lamento o que esta sua forma *Adhydaiva* fez, movido pelos motivos que os levaram a me obrigar a fazer parte disto. A humanidade, um dia, entenderá que um ser humano pode se esconder por trás das suas próprias palavras, posturas e atitudes, como o fazem muitos dos “lobos” que se escondem no papel de líderes religiosos, políticos e outras funções. Enganam a muitos, durante algum tempo. Contudo, vocês aqui presentes, com suas expressões *demodhárnicas*, não podem fingir o que não são, ainda que se intitulem deste ou daquele modo. Os demos não podem fingir o que não são. Por isto, fica simples para uma mente humana, que tenha acesso à esta modalidade de existência, perceber as fragilidades que os marcam. Dizendo de outro modo, **entendam um aspecto da convivência de vocês com os humanos modernos**, caso isso venha a existir: **vocês podem se achar o que quiserem, mas aos olhos humanos, que podem enxergar sob uma ótica crítica, que parece desconhecida para a lógica de vocês, a natureza comportamental que vocês ostentam nos parecerá sempre algo débil, demente e pouco sábia**. Por que é assim? Não sei! Todavia, afirmo-lhes que assim é. Não se iludam com o que vocês recebem da humanidade, que lhes venera, porque os humanos que assim o fazem não têm a mais remota ideia do que vocês representam. Agem deste modo porque foram e estão condicionados a isto há muito milênios. Vocês banalizaram a própria mediocridade... além de terem também banalizado a tortura e o sofrimento. Tornaram-se parasitas da desgraça humana e esta passou a servir de pasto para as suas necessidades genéticas. Quando – e se – um dia, os humanos perceberem estas coisas, nesse ponto, caberá às suas formas *Adhyajna* que estiverem atuando, pedir desculpas por tudo o que vocês impingiram aos humanos ingênuos. Torçam para que, nessa ocasião, o amor e a veneração de muitos não venham a se transformar em nojo e em repúdio pelo conjunto da obra. Afinal, os humanos terão que estar minimamente motivados para buscarem, por vocês, o que a falência dos três,

há muito, não os permite, que é a meta de evoluir! Quando ficar compreendido o que vocês fizeram com Jó e outros tantos membros da espécie...

— Não falemos mais de Jó – apontou Brahma. — Se não fosse a minha honestidade intelectual, vocês jamais saberiam disto.

— Sim, de fato, como também até inventaram a “figura do diabo” para ficar mais bem composta a farsa oferecida aos humanos. Vocês, Vishnu e Shiva, apostam sobre a probabilidade de um ser humano permanecer fiel à Brahma ainda que vivendo sob o jugo da sua estupidez, que defraudou a vida de um ser tão somente para fazer valer os seus caprichos. Você, ó Shiva, na época, para Brahma, ainda era o seu grande antagonista, e a “figura do diabo” – inventada – foi, então, posta “pedagogicamente” na *Torá* (**n.a.t. – A chamada “Bíblia Judaica”, o que corresponde aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, na atual versão “vulgata” da Bíblia.**) para mostrar a superioridade de Brahma/Javé sobre os seus opositores e, ainda, para atormentar a humanidade. Que vergonha! Autonominados “Senhores da *Lila*”, vocês me dão pena e deveria ser uma vergonha para vocês, um humano, do meu “tamanho”, sentir isto por entes que se pretendem tão elevados, mas que agem como bandidos e covardes de caráter deformado. Novamente, retomo aqui o uso da minha memória espiritual, para resgatar, das leituras da minha condição humana, algo que li, do escritor francês Albert Camus. Não vou nem perguntar se vocês conhecem porque sei que vão recorrer aos instrumentos que vocês dispõem para checar a cultura humana. O mesmo afirmou – e, aqui, me utilizo da licença algo livre que me dou para reproduzir o que ele escreveu – que ele *“lutava pela nuance que separara a energia da violência, a força da crueldade, e mais especificamente, pela nuance, esta mais delicada ainda, que separava o homem que esperávamos nos tornar dos deuses que reverenciávamos”*. Esta nuance – ó vocês três que pretendem comandar o que não mais se enquadra nos moldes do tirocínio que ainda lhes marca o psiquismo – já se faz profundamente presente nesta atual condição que nos diferencia de vocês e nos situa a “anos-luz” de distância evolutiva nos campos do senso crítico e da composição de valores morais. Nossa razão filosófica é infinitamente superior a qualquer vislumbre que vocês três possam ter nesta condição *Adhydaiva*. Contudo, as formas *Adhyajna* humanizadas de vocês compreendem isto e muito mais.

Todos os presentes permaneceram em silêncio e, nestes momentos, a realidade que nos envolvia parecia perder a vida. É como se fosse uma

paisagem plástica, imobilizada, que em algum momento voltava a adquirir vida. Entretanto, mesmo naquelas ocasiões, o ribombar, já não mais distante, parecia ter o seu foco próximo de se posicionar sobre as nossas cabeças.

Algo em mim decidiu continuar a falar.

— Este “meu eu”, enquanto ser terráqueo, é tão somente um “processo mental” que a natureza humana traduz para si mesma como se fosse um indivíduo e, realmente, este tipo de eu se “sente uma pessoa”. Todavia, não é o meu caso! Sei que, enquanto ser humano, sou tão somente um “processo mental” a serviço do espírito que me anima, como também a do que ele se encontra vinculado. Esta é a visão “adulta” dos fatos. Você errou “feio”, ó Brahma, como quase sempre o faz. Você não se compreende nem entende coisa alguma além de si mesmo. “Eu sou”, você disse sobre si mesmo, mas você não é coisa alguma digna de respeito, só de lamento. Você já “devorou a si mesmo”, porque não soube se decifrar, e me devorou, me esgotou e consumiu minha energia, porque não soube nem sabe decifrar a criatura humana. E fez isto com incontáveis seres humanos. Mal sabem os estudiosos da Terra que alguns dos seres tidos como mitológicos tinham a característica psíquica de, ao encontrar humanos, **“pedir” para serem decifrados, tão grande era a incapacidade mental deles, que jaziam numa existência sem sentido** para eles mesmos. Esses sabiam que os recém-surgidos humanos possuíam um tirocínio superior ao dos “deuses”. Com o tempo, movidos pela raiva e pelo desespero de não serem decifrados (a “decifração”, aqui, assume uma “explicação” que os ajudasse a compreender a própria existência), passaram a devorar os infelicitados humanos com quem se defrontavam. Tudo isso porque herdaram, de vocês três, esta busca por um nível de compreensão que os permita entender o drama e o caos em que vivem. O “enigma” do “decifra-me ou o devoro”, surgiu como desdobramento desses fatos que, inapelavelmente, nasceram a partir das suas próprias demências em não conseguirem entender o que tinham feito.

“Respirei profundamente” por alguns momentos, e continuei a falar.

— A **ciência que vocês construíram** com esta **mentalidade demo**, que lhes marca o psiquismo, conseguiu decodificar o indecifrável em processos previsíveis, pelo menos alguns deles, o que reconheço ser um resultado superlativo. A mentalidade demo surgiu, penso eu, para fazer isto. Contudo, **as fronteiras destas possibilidades** comuns ao modo de vida de vocês **precisam ser ultrapassadas, para o bem de vocês mesmos**. Entretanto, os passos que deveriam ser dados neste sentido, a falência, que agora os domina,

impede vocês de seguirem adiante. **Por isto resolveram criar, loucamente, outras formas de vida, para ver no que dava, e deu no que deu, só que vocês não sabem lidar com o resultado, que somos nós, os seres evolutivos biológicos-espiritualizados,** surgidos mais recentemente neste processo. Pelo visto, somos a espécie mais nova em toda a Criação.

Novamente, fiz esta afirmação para ver se alguém, dentre os presentes, refutava aquele fato. Todavia, ninguém o fez, e penso que este é um aspecto de uma verdade maior que podemos assumir como bastante provável.

— Quem primeiro poderia ter lhe decifrado, ó Brahma, foi Pandora, a primeira mulher racional entre os humanos. Desde que vocês surgiram como “grandes deuses”, as novas gerações, que foram geradas a partir de vocês, começaram a digladiar umas contra as outras e, assim, foram se renovando, sendo as perdedoras aprisionadas, pois que poucos destes seres morriam. Todavia, ninguém compreendia coisa alguma do que estava se passando, e, assim, ficou registrado, nas mitologias, o fato de que, como os homens, os deuses pareciam também não saber de muita coisa, pelo menos quanto ao sentido da vida e à função de cada um deles. Contudo, ninguém – nem mesmo os mais novos demos das gerações mais recentes – conseguiu ter senso crítico para diagnosticar a doença da qual todos padeciam. Pandora, antes de ser humana, sentiu isto nela e, pelo acúmulo do que recebeu de outros como “prendas” e “castigos” por ordem de Zeus, pode então perceber que algo de muito errado existia com o “modo demo” de existir. Como deu tudo errado lá atrás, coube a alguém do meu “tamanho”, como o último dos seus escolhidos – eleito que fui para ser atormentado pela sua estupidez –, **“decifrar este enigma”**, única maneira de cumprir com esta tarefa necessária, segundo o que apontam as expressões *Adhyagya* de vocês.

— Compreendemos, ó humano, mais do que você pode imaginar, que perdemos, sim, oportunidades cujos desfechos poderiam ter modificado muito... lá atrás – declarou Vishnu. — Todavia, as perdemos, e não há nada que se possa fazer! Estamos demorando a nos acostumar, mas, nós mesmos, sem que o soubéssemos ao certo, levados até por outras questões, traçamos um limite para esta primeira etapa em que trabalhamos meio que às cegas, promovendo experiências para delas retirar o necessário ao prosseguimento. Compreenda uma coisa: nunca houve uma oposição inteligente, construtiva, ao nosso modo de ser, como agora os terráqueos nos proporcionam. **Precisávamos ser decifrados, mas sem rebeliões.** Entenda isto! Esta é a única opção possível para Brahma, como também para a hierarquia de

descendentes a ele incorporada. Ao mesmo tempo, é também a opção que resta para mim, Shiva e as nossas descendências. Apesar do fenomenal “atraso” – para vocês, humanos – e do tempo gasto com toda essa história, esta “decifração”, que tanto tardou, foi implementada “rápida demais” – para nós –, e estamos ainda nos adaptando aos seus efeitos. Entretanto, mesmo antes desta adaptação ser concluída, o limite, que impusemos lá atrás, já se consumiu, e não há mais como postergá-lo. A aposta foi vencida, mas ainda não foi paga. É disto que estamos cuidando agora.

O ALERTA QUE NÃO VEIO E A TRANSIÇÃO QUE NÃO ACONTECEU



A AFIRMAÇÃO DE VISHNU, sobre o que ele considerava como sendo a “rápida decifração” que a lógica humana havia feito – ou estava fazendo – a respeito do modo destes seres agirem e também acerca do significado deles e da Criação, era um “ponto fora da curva” da minha capacidade de suportar a indiferença glacial da *Trimurte* para com o sofrimento que produziram em uma incontornável quantidade de criaturas.

A minha “miserável” porção humana aceitava muitas coisas, mas aquela dose de indiferença – abertamente demonstrada para com as questões referentes às apostas, covardemente imputadas aos ombros desavisados – aos sofrimentos, aos tormentos e aos “testes psicológicos” para identificar se os humanos seriam ou não confiáveis para esta ou aquela “missão”, tudo aquilo ultrapassava, em muito, o meu limite de manter a minha cota de “repúdio filosófico” longe do desprezo emocional.

O incontestável, pelo menos para mim, era que a “subserviência milenar” – da parte dos clones, de uma certa maneira, e dos demos, de outro modo, em relação aos “Senhores da *Lila*” – terminou não produzindo o alerta, para a **cultura demo, de que, por mais longa que esta fosse, ela teria um fim, e este seria promovido pela sua própria incapacidade de produzir padrões mais complexos**, o que provocaria a inevitável ausência de progresso para toda a hierarquia e agregados em torno da *Lila*.

Com o surgimento dos seres biológicos, pensantes em algum nível – o padrão que ocorreu na Terra foi surpreendente para eles – surgiu, nos chamados altos níveis hierárquicos da *Lila*, uma inconsequente presunção de que estes **deveriam ser controlados por meio da “promoção da**

veneração”, único modo de dominar a nova raça.

Foi, então, viabilizado um processo de veneração ingênua e cega, a tal ponto que os dois focos extremos desta corrente, que são os “deuses” e seus “fiéis”, repassam “tudo” uns para os outros, menos serenidade e sabedoria.

A adoração exacerbada faz mal ao avanço espiritual, contudo, perante as circunstâncias de cada época, pode produzir uma considerável sensação de conforto, o que “ajuda a suportar ou a levar a vida”. Para tanto, será sempre necessário se abstrair do caos à sua volta, e é exatamente isto que a Yoga faz para poder promover o caminho da “libertação”. Entretanto, a questão é: de onde veio este caos que nos envolve e do qual somos agentes, sem que o nível da nossa consciência – a terráquea – tenha sido sequer consultada? O enigmático – mas, para nós, considerado e aceitável – é que a nossa consciência terráquea já se vê assim, em pleno caos!

Poderá existir ética nisto? Qual o respeito para com a sensibilidade de quem se vê existindo desta forma? Nenhum! E ainda temos de agradecer pela “dívida da vida?!

A explicação de que é no nível do livre arbítrio pertinente ao padrão da consciência espiritual particularizada surge como que **“justificando” a eterna canalhice de que “os fins justificam os meios”, que é promovida pelos “Senhores da Lila”**. E mal sabem eles que esta “*sansara*”, esta roda de gerar vida, **somente funciona porque a Espiritualidade a ela se submete por efeito do “favor divino” – que está em curso** – à estas entidades caídas. Se não fosse assim, deveriam ser rasgados todos os manuais de ética que a Espiritualidade vem sacralizando até hoje.

Se o “bem” que existe no coração, no psiquismo de um ser humano, vier a se expressar, o “bem” existirá no universo. Caso contrário, não será percebido pelos que vivem por aqui, pois não virá uma “força benevolente exterior” que possa produzir – no âmbito da “podridão” em que os termos desta Criação se processam – o “bem total” que os ingênuos e desinformados terráqueos esperam. Esta “força benevolente” existe, contudo, estranhamente, não consegue agir – pelo menos nos moldes em que a lógica humana foi estruturada para poder construir racionalidade, senso crítico e sensatez para encarar este aparente enigma.

A Espiritualidade precisa aprofundar estas questões nas suas “ondas” de revelações aos terráqueos porque **o bem precisa ser trabalhado no íntimo de cada ser e, se assim não for, simplesmente não existirá**, não será produzido – literalmente, não cairá do céu!

A grande questão é que a *Trimurti* faliu neste mister. O problema superlativo é que a hierarquia em torno da *Lila* tornou-se incompetente para produzir este “bem”, que constituiria e constitui a formatação mais avançada possível de ser “digitalizada”, no DNA particularizado, por meio do processo físico-químico-biológico-espiritual, que compõe a vida de cada ser terráqueo.

Jamais houve uma transição produtiva da componente “demo” para o que agora acontece com a vida humana terráquea.

Os diversos seres demos jamais conseguiram ser alertados para o fato de que o seu gênero faliu para este mister. **Nunca houve uma “programação espiritual” entre eles** que tenha conseguido **produzir uma revelação com estas características elucidativas**. Portanto, jamais houve uma transição e a **cultura demo foi obrigada a “engolir” os humanos como sendo os instrumentos substitutos no progresso dos “deuses”**.

Aqueles seres, mesmo os mais habilitados entre eles, não demonstravam a mais remota noção de qualquer conhecimento em torno dos assuntos mais profundos por trás das suas próprias existências.

Eram cegos e ignorantes, mas, apesar disto, profundamente presunçosos quanto ao que significavam e julgavam saber. Por isto que as últimas posturas deles em aceitar parte do que ali estava sendo dito, era motivo de profunda surpresa até, e principalmente, para eles mesmos.

— Você costuma dizer, na Terra, que os humanos terráqueos terão que passar, dentro em breve, da idade infantil para a adulta, sem transitar pela preparação da adolescência – afirmou Vishnu. — É isto? Deduzo que o mesmo está acontecendo com todos nós que existimos desde os primeiros momentos.

— Sim, só que vocês três vão deixar de operar, se assim o decidirem, mas os demais vão ter que continuar a existir nas “moradas” deste universo (**n.a.t. – Universo antimaterial, paralelo ao nosso**), porém sem poderem progredir de modo efetivo. Na verdade, há muito tempo que vocês “estacionaram” nisto que vocês são. A *Lila* os aprisionou, apesar de vocês a terem criado para que os seus desdobramentos aprisionassem as demais criaturas. Contudo, o que é a *Lila*? Para vocês é tudo: “passatempo de governantes”, “regras dos governantes”, “lugar ou modo como os governantes decidem/apostam e agem”, “palácio de governo da *Trimurti*”, “jogo de poder mental”, enfim, esta hierarquia cheia de “níveis aristocráticos” que disputam e mal conseguem operacionalizar processos inteligentes. Entretanto, para mim, para a minha lógica, é um laboratório onde a demência de vocês torra a paciência de

qualquer ser que não padece da mesma doença que os torna seres dementados; é tão somente um hospício no qual caíram seres outrora poderosíssimos, mas que hoje nada mais são do que dementes cuidando do que não podem cuidar. Ainda assim, condicionaram todos a os tratarem como “deuses”, “superdeuses”, enfim, uma “maluquice completa”! Sinceramente, ó Vishnu, por mais que vocês três – e penso que os demais que aqui estão –, ao me escutarem, até se deixem tocar pelo conteúdo mental que lhes repasso, pelo “sentido profundo” que é possível de ser percebido pela mentalidade de vocês. Todavia, isto somente se dá nos primeiros momentos. No instante seguinte, talvez exatamente pela demência que povoa o psiquismo desta classe de seres, o tirocínio demo se oblitera, e tudo o que foi apreendido já não mais reside na memória, e não fica disponível para ser utilizado pelo modo mental que os move. Sinceramente, não acredito que nada disto vá dar certo, exatamente por esta razão. Vocês estão sempre esperando que os momentos se expandam, que o presente seja sempre procrastinado, como se o futuro lhes fosse horroroso – e penso que deverá mesmo ser! Aqui eu não volto mais, ou melhor, vocês até podem me trazer, mas aqui não permanecerei. Se o fizer é porque estarei sendo obrigado e, então, me recusarei a movimentar a minha mente, porque independente do que possa querer o espírito que me anima e as formas *Adhyagya* de vocês, o meu “eu terreno” é quem decide o que aqui faço. Forçarei a minha saída até que o meu corpo terrestre morra, mas aqui não permanecerei. Não tem mais como isto funcionar.

— Já lhe dissemos que não é você quem decide isto... – ponderou Brahma.

— Realmente, não vou mais discutir isto, apenas saibam que quem decide sou eu. Vocês podem me matar e muitas outras coisas, mas isto sou eu quem decido.

— Nós estamos tentando... – começou a afirmar Shiva.

— Para mim, vocês funcionam como se fossem uma “podridão” tentando se “embelezar”, mas que não deixa jamais de estar “podre”. Vocês jogaram toda a “sujeira” sobre os ombros de muitas espécies vivas e a estas coube e cabe carregar este fardo e, apesar disto, evoluírem, crescerem com este peso de doenças, loucuras e desafios de todo tipo. E o pior é que, ainda assim, são atormentadas pelo patrulhamento e vampirismo absurdos que vocês promovem daqui. Não pode existir uma “melhoria da podridão” e é isto que vocês precisam compreender! A questão é que vocês terão que deixar estas

formas “apodrecidas” para ver se os seus espíritos podem produzir coisa melhor do que foi feito até agora. Vocês sempre apostaram e estão apostando na “melhoria da podridão”. “Podridão” é “podridão” e isto vocês não enxergam! A única parcela, no âmbito desta Criação, que pode melhorar e evoluir é a composta pelos seres biológicos surgidos mais recentemente, que portam um menor percentual desta “podridão” dos seus DNAs. Acabou!

— Quem é você para nos dizer que acabou? Sou eu... somos nós que comandamos o processo que eu iniciei...não cabe à nenhuma criatura traçar o limite das experiências que nós determinamos – explodiu Brahma/Javé, em fúria.

— Você querendo ou não, ó Brahma, apenas estou constatando que acabou. Não estou decidindo nada por quem quer que seja. Decido apenas por mim mesmo, na cota de livre arbítrio que posso pretender possuir na condição humana e, aqui, como já disse, esta é a última vez que, de “modo útil”, vocês terão a minha participação nesta tragicômica situação em que vivem neste ambiente. Vocês talvez não saibam fazer a leitura dos fatos produzidos por este modo *trimurtiano* que marca os seus psiquismos. Eu a faço, a meu modo, mas faço! E a leitura que posso fazer sobre o que vocês estão produzindo é a de que vocês faliram a tal ponto que somente produzem mediocridades diversas e, por isto, afirmo: acabou! Vocês não têm mais para onde ir. Você apostou nisto tudo que existe e que se encontra por aí, ó Brahma, e nada funcionou. Perdeu a aposta tanto no sentido geral como nas particularidades dos seus chamados desígnios. Até mesmo a “aposta mais famosa” entre vocês, que foi referida por Enoch, relativa à sua “incapacidade de sair do seu palácio” e de se fazer presente em outras partes da sua Criação, ó Brahma, até esta você perdeu pois esta sua expressão jamais saiu e não sairá desta *Brahmaloka*, muito menos do modo como você sempre afirmou que o faria. Sairá porque o “seu eu” deixará de habitar esta sua forma *Adhydaiva*, posto que a mesma terá que deixar de existir a seu tempo. Contudo, a sua doença nunca lhe permitiu deixar este nível dimensional. Enfim, nestas condições não existe mais nada que vocês possam produzir e controlar. Por isto, novamente constato: acabou!

O silêncio permaneceu enquanto aqueles seres se entreolhavam.

— E afirmo-lhes mais! – disse, ao mesmo tempo em que me estranhava dizendo aquilo. — Sou obrigado a lhes anunciar que, até mesmo **a condição, que vocês têm no presente, de poder perceber qualquer parte do que foi gerado – ainda que não possam mais interagir e sair desta dimensão**

porque a entropia cósmica-sidereal fechou todos os “portais” desde o ano terrestre de 2012 –, **também deixará de lhes ser possível, daqui a algum tempo**, por efeito da mesma força *tamásica*. Até agora vocês puderam e ainda podem observar os seres do universo biológico e eles não tem como fazerem o mesmo em relação a vocês. Um pouco mais e isto não mais lhes será possível. É o que a sua forma *Adhyagya*, ó Shiva, solicita que seja transmitido a vocês, como também aos demais que aqui se encontram. Os que aqui permanecerem ficarão “cegos” em relação ao que se passa alhures.

— Disto eu não sabia... nem mesmo você, não é mesmo Vishnu? Nós, que pensávamos saber de tudo, estamos sendo agora surpreendidos por isto... – expressou fortemente Shiva, para logo depois se deixar diminuir a um tamanho tal que eu jamais havia percebido.

Eu estava espantado e, mesmo assim, permaneci por um bom tempo me perguntando quando aquilo acabaria, pois, por mim mesmo, eu já havia julgado aquele desconcertante encontro como finalizado em outras oportunidades, mas o processo, grotescamente, continuava como se não pudesse ser interrompido ou finalizado.

Eles começaram a conversar entre si, de uma maneira algo “alvorçada”, o que me permitiu fechar os olhos e continuar a ser orientado por “amigos” espirituais, que me solicitavam calma e paciência.

Dois seres chegaram, não sei exatamente de onde, pois somente os percebi depois que eles já estavam apresentando umas projeções para os “Senhores da Vida” – como eles também se autodenominavam.

— Temos que dizer ao humano... talvez ele possa nos esclarecer em algum aspecto que não saibamos – disse Brahma. — Fomos informados de que, enquanto estamos aqui reunidos, uma falange de seres situados em uma outra dimensão que nos é conhecida, mas sobre a qual jamais quisemos dispendar nossas energia para exercer algum controle, desenvolveram uma tecnologia e estão prestes a invadir a nossa, a qual, por razões que estamos agora conhecendo, apresenta fragilidades. Você sabe alguma coisa sobre isto, ó humano? – perguntou Brahma, algo cabisbaixo.

— Sei que as pessoas na Terra não sabem, mas pensei que vocês soubessem... Nos ambientes espirituais intermediários entre a dimensão da Espiritualidade Superior, a do universo biológico e a desta faixa de realidade paralela na qual vocês vivem, existe um nível dimensional chamado de “erraticidade” que, conforme deduzo, vocês conhecem. Vocês não conhecem os ambientes da Espiritualidade Superior, mas essas faixas primárias podem

ser percebidas por vocês, ainda que pensem ser também parte da Criação emanada da luta mental que lhes envolve. Esse nível é composto, na atualidade, por incontáveis “núcleos de seres espirituais muito problemáticos”, os quais, há intervalo de tempo incomensurável, mantêm aceso o “ódio”, o sentimento de “revolta e de indignação” em relação a muitos seres, principalmente os tais que aparecem na história do que se encontra registrado nas suas mentes cansadas, como sendo os “condutores”, os que se passam por “deuses” ou mesmo os mais afoitos que se confundiram com o próprio, afirmando ser isto e aquilo, inclusive, o próprio deus. No caso da história terrestre, alguns desses ficaram retratados nas páginas infelizes do passado, enquanto outros são totalmente desconhecidos. Esses espíritos profundamente perturbados e com “sofrimento acumulado” de muito tempo, culpam e/ou responsabilizam alguns “agentes e representantes” da *Lila* (ou da *Trimurti*, ou da Tríade, como muitos chamam) pelo sofrimento e pela “danação” a que foram destinados desde épocas imemoriais, por decisões advindas desses agentes ou mesmo pelos desdobramentos dos eventos por eles iniciados de modo imperioso. Compõem parte do contexto a que o conhecimento humano chama de “trevas”. Ora, neste lugar em que agora nos encontramos e no qual vocês vivem, estão os focos mentais e o que resta da consciência de muitos dos “agentes e representantes da *Lila*” que, devido ao desgaste do tempo, por promessas não cumpridas e por imposição de jugo pesadíssimo, são agora “objeto de repúdio” e de outros sentimentos mais “pesados” e menos nobres da parte de incontáveis seres. Mesmo algumas das expressões *Adhyajna* de Vishnu e de Shiva – que aqui não se encontram, ou, caso estejam, não se me apresentam –, que também eram tidas como “entidades divinas”, “deuses da existência”, porque sempre se apresentam como “deus”, deuses”, “a verdade encarnada”, dentre outros epítetos, o que, por si só, conforme a lógica dementada de muitos desses seres, são tidos, na atualidade, como responsáveis, como culpados pela desgraça na qual vivem. Muitos dos seres que aí estão, presumo, são os que cobram o sangue que derramaram por Jesus, por exemplo, e que agora sabem que não serviu para coisa alguma, e que se sentem, portanto, enganados. Tiveram uma vida horrível na Terra, na qual foram sacrificados em “nome de Jesus”, e estão tendo uma vida espiritual mais horrível ainda, apesar de ter sido a eles prometido o “céu dos justos”. Em resumo: cansaram-se de tanta esquisitice e, como sofrem demais, não mais suportam uma esperança vã. Os que padecem na Terra do sentimento da esperança como forma de se manterem vivos,

conseguem suportar o desengano por dois motivos: as vidas são curtas, logo passam, e as religiões mantêm acesa a chama da mesma fé a se perpetuar, porque assim angariam e ajuntam mais fiéis em torno da tal esperança. Entretanto, para quem já morreu e “mal”, ainda que na Terra possam ser aclamados como “mártires”, se não conseguiram perdoar o tortuoso enredo das suas vidas passadas, o estacionamento num “tempo mental torturante que jamais passa” e o acúmulo de sofrimento – como já disse –, levam o padrão dessas consciências cansadas a um nível tal que os desespera ao extremo. Talvez, a energia *tamásica*, que traduz a entropia que atua tanto no universo biológico como no antimaterial e nas periferias espirituais primárias – onde se alojam esses espíritos “pesados” por tanto sofrerem nas suas experiências em ambos os universos, mas, principalmente, no material-biológico – esteja “enfraquecendo” ou mesmo “desfazendo” as barreiras interdimensionais que, até então, sempre funcionaram adequadamente. Estas barreiras “unem” e “separam”, ao mesmo tempo, as faixas de realidades distintas. **(N.a.t. – Unem no sentido do paralelismo, da vizinhança vibratória).** Os tempos atuais – em que se verifica o aceleração da expansão universal, no âmbito no qual vivem os seres biológicos-evolutivos, exatamente pelo aumento do “império da força entrópica”, do mesmo modo que fechou os “portais” que permitiram durante tanto tempo a interconexão de vocês, os seres demoníacos, com o universo biológico –, parecem estar agora, em contrapartida, produzindo “rasgões” no tecido deste universo antimaterial no qual vocês vivem e, talvez, isto esteja “permitindo” que essas hordas de desesperados possam vislumbrar um ajuste de contas com aqueles que os destinaram ao sofrimento devido às experiências biológicas e a às missões impositivas de emissários que os fizeram acreditar em dogmas indevidos e dos quais foram vítimas. Então, se for isto, aqui reside um outro problema que, suponho e espero, que vocês saibam, que tem a ver com a incompatibilidade energética entre as vibrações desta dimensão e o padrão que existe na faixa espiritual primária onde vivem esses espíritos pesados. Não sei como isto poderá ser resolvido. Todavia, o problema existe e está cobrando de vocês uma providência.

— Isto não é possível! – bradou Brahma enfurecido, apesar de fraco.

— Talvez seja prudente pensarmos que sim, e nos prepararmos para a eventualidade – ponderou Shiva. — Afinal, o que o humano está nos avisando? Que, por muitos meios, estamos sendo destronados! E todos eles acontecendo paralelamente e há muito tempo sendo lentamente elaborados.

Talvez, seja mesmo o nosso fim!

— Contudo, eles são minhas criaturas e os castigos que lhes impus foram justos e... – disse Brahma.

— A questão é que você não tem autoridade moral nenhuma para castigar a quem quer que seja, ó Brahma, e jamais a teve. Sua loucura é pensar que tem! Em algum momento isso vai lhe ser cobrado, apesar do seu papel de Criador, e talvez essa prestação de contas esteja mais perto de vocês do que possam imaginar. O problema é que não vejo “advogados de defesa” para vocês, pois nem mesmo as suas formas *Adhyajna*, a meu juízo, parecem ter mérito moral suficiente para cumprir com esse papel. A omissão destes seres, quando saem da Terra, é temerária, mas talvez a responsabilidade seja de vocês três que atrapalham qualquer plano decente que possa vir deles. Isto é o que penso! – disse de minha parte.

— Todavia, eu sou o Criador e a minha energia, o meu código de vida, o meu ser se encontra distribuído em todos – falou Brahma. — Cada ser particularizado e “pensante” – devo agora reconhecer –, conduz, junto comigo, a construção do futuro. Não sei agir de outro modo. Talvez, passando pelo que terei que passar, nessa “transição de fase”, como o humano se refere, eu possa aquietar certos compartimentos da minha consciência e assumir mais completamente o modo humano terráqueo de verificar os problemas e conseguir levá-los adiante, ainda que possuam uma vida curta e sem significância. Melhor dizendo, com significância, sim, porque o que vocês fazem, doravante, terá uma significação que hoje não sei medir, o reconheço. Nunca gostei de escutá-lo, ó humano, quando você me jogava na face que “eu seria refém da humanidade”, ou seja, “para onde ela fosse, eu teria que ir”. Neste ponto, reconheço que é isto mesmo. Entretanto, ainda não sei agir neste sentido – explicou-se Brahma, mais para ele mesmo do que propriamente para mim.

— Para mim, ó Brahma, fazendo uma analogia com os elementos que dispomos na Terra, você enxerga cada espécie como sendo um formigueiro, uma colmeia, onde uma abelha-rainha manda e é servida por todos os demais. Penso que nada representa melhor o seu psiquismo em relação às suas criaturas que o que acontece com os formigueiros, com as colmeias e com os cupinzeiros da natureza terrestre. Você é como a “rainha” das abelhas, a das formigas e a dos cupins, mas isto funciona entre você e seus clones. Contudo, com os seres humanos – “caia na real” – isto não tem como funcionar nos mesmos moldes. E lhe digo mais: a ideia ingênua e equivocada que os seus

fervorosos fiéis têm a seu respeito, é o maior impedimento para que deles você possa receber o apoio vibratório que, agora, você parece ter consciência do quanto precisa disto. Sinceramente, não sei, quando e se existirá uma geração de humanos terrestres que possa absorver a verdade sobre a sua real situação e o significado da Criação que você implementou. Geralmente, quando descobrem, acontece o que está agora sendo verificado nessas moradas umbralinas da erraticidade espiritual: revolta motivada pelo desespero e sofrimento acumulados!

Mais ou menos no momento do final das minhas palavras, tudo “tremeu” loucamente. O “tudo”, aqui, inclui necessariamente o espaço, que literalmente “balançava” muito mais do que o próprio chão.

Levei um susto superlativo e, pela primeira vez, percebi que não estava sozinho naquela atitude.

Se no nosso universo o fato de existir mais matéria do que antimatéria tem relação com algo que a ciência pouco a pouco está descobrindo, e que se refere ao fato de que a “violação desta paridade matéria-antimatéria” parece ser um fenômeno cumulativo, ou seja, sempre existirá mais matéria por aqui até que o universo material se consuma e desconstitua os seus mais tênues elementos materiais. Só que, a meus olhos, o mesmo parece não ter ocorrido no universo antimaterial daqueles seres, pois a “realidade” por lá estava desmoronando.

É como se o nosso universo estivesse em expansão acelerada, como os cientistas apontam, e lá estivesse ocorrendo exatamente o contrário, ou seja, um *big-crunch* antimaterial, e a “asfixia vibratória”, resultante deste processo, estivesse consumindo lentamente tudo o que ali existia e existe, incluindo os seres. Era muito esquisito. Não havia boa vibração em nenhum ambiente.

— Digam-me uma coisa, definitivamente, para que eu possa entender: vocês podem ou não sair daqui, deste universo antimaterial?

— Não, não mais podemos – disse Vishnu, de modo amargo. — Houve um tempo em que eu e Shiva podíamos, mas, agora, como você mesmo disse, provavelmente devido ao efeito da energia de Shiva, que está prevalecendo, não mais podemos. Presumivelmente, antes de mergulhar na Criação, a força pessoal da forma *Adhyatman de Shiva – Adhyshsisavna* – tenha urdido a sua expressão exatamente para que fôssemos tendo um “tempo para tudo”, mas não teríamos todo o tempo para fazermos o que quiséssemos. E isso – penso agora – foi um inteligente fator limitador para nos forçar a tomar certas atitudes perante os fatos. Contudo, “esse final”, fomos nós que o projetamos

sem que soubéssemos dos seus detalhes e mesmo quando a prevalência desta força se daria nesses moldes, impedindo-nos de continuar no comando. Aqui, o resumo do enredo para a sua lógica, ó humano, seria o seguinte: nós três estamos enfraquecendo – é um fato –, sendo que, eu e Shiva estamos definhando propositadamente, enquanto Brahma não está!

— É difícil olhar para vocês três e não se deixar possuir por um desalento profundo... Apesar do sacrifício a que vocês dois se impuseram, isso não os exime do fato de serem “atores de um vexame”, de terem se transformado em “aberrações” perante a lógica que passou a existir nos seres humanos. Esta rota que estão percorrendo, da “podridão” até a possibilidade de progresso com vistas à redenção das suas consciências, implicou em crimes – como já lhes disse – impagáveis. Lá na Terra, crianças, notadamente meninas, são condicionadas e drogadas por forças terroristas para se “autoexplodirem” em meio à população civil como forma de luta pela criação de um califado ou qualquer outra justificativa tresloucada, que em seus muitos nomes, ó Brahma, é praticada. Enquanto isto, vocês estão aqui, tentando enjaular um humano do meu “tamanho”, sem demonstrarem a mais remota sensibilidade, o mais tímido senso de responsabilidade pelo que acontece na Terra, apesar de saberem que tudo foi e é subproduto das artimanhas e estratégias destas suas mentes doentias. E vocês me pedem para falar sobre o que penso...

Os três, como os demais, escutaram-me de modo impassível, sem demonstrar maiores reações, apesar daquilo ser mesmo típico do psiquismo demo.

— Continue, ó humano, para que estabeleçamos, doravante, uma base sobre o que é inaceitável... assim, talvez, venhamos mesmo a perceber que nos acostumamos às coisas como elas são porque não as podemos gerir – ponderou Shiva.

— Por que eu? Afinal, por que suas formas *Adhyajna* não estabeleceram ou estabelecem isto para vocês?

— **Elas não são aceitas por Brahma...** jamais o foram – tornou a explicar Shiva. — Tem que ser uma criatura a promover estes esclarecimentos. Tem que ser você ou outro humano a fazer isto. Contudo, Brahma o elegeu há muito tempo, por isto tem que ser você.

Eu estava mesmo no meu limite porque, naquele instante, a sensação de desalento profundo foi se instalando a cada intervalo daquela comunicação e, para superá-la, era necessário “muito oxigênio”, o que me faltava sobremaneira naquelas circunstâncias.

Reuni forças, não sei muito bem de onde vindas, e procurei continuar com aquela situação arrastada e deplorável que parecia não ter mesmo fim.

— Deformadores da vida, isto é o que vocês são! O que vocês fizeram foi um crime nunca antes cometido. Se a culpa foi de um, de dois ou dos três, é problema que não me cabe avaliar. Seja o que for, é sobejamente sabido o quão grave foi a falta de vocês. O pretense heroísmo de vocês dois que, neste “modo de pensar *Adhydáivico*”, afirmam ter “mergulhado” na Criação para ajudar, para resgatar um “irmão caído”, não justifica os crimes cometidos na tentativa de resolver o problema. Será muito difícil para os terráqueos, que desde Pandora e a tessitura de um planejamento de fundo espiritual por trás da sua vida, viram-se condenados a serem racionais e, portanto, livres, sendo este motivo pelo qual, até hoje, vocês três agem como “bestas torturadoras” ao se permitirem fazer “apostas” que ultrajam a dignidade dos seres. A lógica perversa da qual vocês partem – a de que “os fins justificam os meios” – qualquer “mau caráter” terráqueo também a usa, mas é punido quando assim o faz, no âmbito da sua própria consciência espiritual, quando esta se defronta com o mérito ou demérito inerentes à continuidade da existência. Não que haja um Deus que nos puna. Não é isto! É uma questão de consciência, que vocês três estão adiando assumir porque algo, nos seus psiquismos, sabe quão desgraçadamente culpados e criminosos são estes seus veículos gerados para existir no âmbito desta Criação. Degenerados como vocês são, as outras formas *Adhyajna*, estas sim, em rota de progresso, sempre que se formam, algo nelas praticamente as obriga a se acharem “deuses” superiores a tudo o mais, inclusive aos padrões anteriores da própria consciência pessoal, ou seja, a vocês dois, ó Vishnu e Shiva. Enquanto vocês existirem, estas suas formas mais avançadas, como Krishna, Jesus e Sai Baba, não poderão se ver livres do envenenamento psíquico que emana destas suas mentes doentias. O que ainda existe da Obra não poderá mais ser administrado por personalidades egocêntricas, dementes e carentes de progresso espiritual, como é o caso de vocês três. Cessem a si mesmo, tornem-se inoperantes, acabem com este horror que vocês propiciam a todas as criaturas que surgiram a partir das suas “apostas de configurações do DNA”, semeadas no universo para que delas pudesse surgir a vida biológica. Os espíritos que me ditaram as informações constantes do livro “*Reintegração Cósmica*”, ó Vishnu, provavelmente pelas minhas limitações de entendimento à época da arquitetura das suas páginas, situaram que o “espírito de escol de Jesus”, por não poder ser imantado a um corpo animal,

teve que, por isso, ser inseminado na sua mãe terrena. Você tem alguma noção sobre o que estou falando?

— Ó humano, se você soubesse como é duro receber da sua parte estas considerações, provavelmente se esforçaria para se dirigir a nós em outros termos – reclamou Vishnu. — Contudo, na medida em que aqui o mantemos, estamos à mercê da sua vontade, isto é fato. Sim, ó humano, sei a que se refere, pois tive que praticamente ficar inoperante para que a minha consciência, enquanto Sophia, pudesse por ela mesma providenciar a sua desconstituição temporária para se fazer humano, o que a obrigou a agir da maneira que fez. A questão do “espírito de escol” sempre pensei ser a minha consciência anterior aos eventos inerentes à esta Criação. Entretanto, pelo que você diz, há ainda um outro nível de consciência mais profundo, sem ser a forma *Adhyatman* na qual este “problema” teve origem – disse um Vishnu algo “cansado”, em resposta.

— Sim, ó Vishnu, se bem entendi, a forma *Adhyagya* de vocês é que corresponde àquela que permanece atuante, a espiritual profunda, no seu caso e no de Shiva, pois a de Brahma se encontra “combalida” desde o problema com a sua forma *Adhyatman*. Essas formas *Adhyagya* são as que financiam as informações que aqui veiculo e que tenho abordado em alguns dos livros que produzi. Entendam, e terei que ser repetitivo: as formas *Adhyatman* de vocês três se transformaram nestas formas *Adhydaiva* que agora lhes marcam a face existencial neste nível de operacionalidade, mas elas precisam deixar de existir para que as suas melhores expressões espirituais possam assumir o comando universal e do que restar destas “moradas” nesse lado de cá – universo antimaterial – da Criação. Não é mais possível postergar isso. Aproveitem-se da minha desgraça em estar aqui com vocês, que me permite lhes fazer este tipo anúncio. Vocês criaram um processo indecente, que não respeita a vida como ela sempre existiu antes deste vexame, talvez o tipo de vida que lhes foi possível criar conforme as circunstâncias, que seja, mas isso não os liberta da condição de criminosos, pelo menos no caso de Brahma e no de Vishnu. Independente disso, vocês são “atores atrapalhados” que mal têm ideia do que fizeram e do que estão fazendo enquanto “donos da Criação”.

Brahma interveio furiosamente para me contestar quanto ao papel de Shiva, pois ele não concordava que eu o poupasse na minha avaliação. Falou, falou e mais ainda falou e, enquanto isto, de minha parte, nem mais estava conseguindo prestar qualquer atenção ao que vinha daquele ser.

Observava tudo ao redor, tentando fixar a minha atenção naquele

“conjunto de esquisitices” e pensando firmemente em como me livrar daquilo. Perguntava-me se poderia existir ainda, naquela história, alguma coisa de útil que eu pudesse registrar, mas somente percebia mesmo era o meu cansaço e o desgaste por estar ali.

O curso dos fatos que se desenrolavam à minha frente era, ao mesmo tempo, algo sinistro, pelo modo como aqueles seres se apresentavam e se comportavam, e patético, porque estéril, improdutivo e, para a lógica humana, sem sentido, devido à complexidade do modo como vivíamos a nossa vida na Terra – este estava situado muitos anos-luz à frente do nível da discussão que ali estava acontecendo.

Aqueles seres, principalmente Brahma, pareciam possuídos de surto paranoico para além do grau já comum que lhes era característico por força das suas naturezas demos.

Minha atenção se voltou para eles ao escutar uma observação vinda de Vishnu:

— Como fazer isso? Deixar de existir?

— Sempre soubemos que haveria um tempo em que isso aconteceria para que as nossas outras formas menos dependentes da condição de Brahma pudessem atuar... – ponderou Shiva. — Desde a minha particularização como Krishna que senti que “ele” era mais poderoso que “eu mesmo”. Pela primeira vez o reconheço sem reservas.

Ao fim das palavras de Shiva, senti uma inquietação no ambiente e, principalmente, em Brahma e na componente dos seus “descendentes diretos” (via clonagem) ali agrupados.

Shiva se voltou na minha direção e explicou:

— Normalmente nos comunicamos em circuito fechado. Todavia, com a sua presença, o que estamos aqui vivenciando está sendo percebido por todos os nossos descendentes... Eles estão ansiosos porque temem muitas coisas, em especial os desdobramentos do que está agora acontecendo, mas que talvez estejam além das suas preocupações como humano. Afinal, não esqueça que são as nossas mentes *Adhydaiva* que sustentam estas “moradas” subjacentes ao universo no qual você se encontra vivendo. Você terminou sendo o escolhido para transmitir a cultura demoníaca para os humanos. Como num “futuro muito distante” – isto para a sua lógica... talvez não para a sua, especificamente, mas para a dos humanos –, será possível que o destino faça com que nos encontremos todos no curso das vidas no universo material, é conveniente que por lá fique então registrado pelo menos um pouco desta

nossa cultura que povoou as nossas mentes ao longo desses bilhões de anos até agora vividos. Este é um dos motivos porque a cultura demo precisa ser conhecida pela dos humanos. Independente de como as coisas aconteçam, até que tudo isso termine e a minha força *tamásica* prevaleça, desintegrando tudo o que foi um dia integrado, teremos um destino comum. Você sabe disto, não é mesmo humano?

Olhei para Shiva e preferi ficar em silêncio.

Sem qualquer tipo de alerta, sem nenhuma transição preparatória, ali estava uma enormidade de diferentes tipos de seres que tinham, em comum, tão somente a demência e a arrogância e, agora – pelo menos parecia –, a angústia de perceberem que os tempos finais daquele modo de existir pareciam ter chegado para eles, só que, sem maiores avisos.

OS ADHYTIA E A “ORDEM DOS INDECIFRÁVEIS”



O FIRMAMENTO daquele lugar continuava em plena convulsão, mas ninguém ali, além de mim, parecia se incomodar com os renovados e potentíssimos fenômenos que se sucediam por lá. O “lá”, ao qual me refiro, era um “tipo de céu” muito diferente do que usualmente percebemos na Terra.

Aquele era um “céu” cheio de coisas incompreensíveis para a minha lógica terrena. As mesmas pareciam se situar tão longe quanto as estrelas aparentemente estão da Terra, porém, é como se alguém, de lá, ao voltar a sua atenção para o lugar onde estávamos, passaria naturalmente a ser visto e ouvido como se estivesse no mesmo local. Era um “encurtamento sideral” impensável para os meus padrões.

Existiam construções do tipo “moradas penduradas”, outras como se fossem “bases flutuantes” que se movimentavam quase sempre de modo muito lento em níveis diferentes de altitude, além de “cidades de estrelas e de mundos” situadas ainda mais além, compondo constelações impressionantemente marcadas naquele céu.

Os tais fenômenos que se sucediam, traziam consigo padrão algo semelhante aos aspectos visuais e auditivos que conhecemos vindos dos raios, relâmpagos e trovões comuns à natureza terrestre. Contudo, o “barulho” que alguns daqueles fenômenos causava, era como se penetrasse na estrutura corporal, e cada célula respondesse ou sentisse a vibração daquele som apavorante.

Desde o início dos encontros com Brahma, Vishnu e Shiva, notadamente a partir da fase em que os tais fenômenos começaram a acontecer ou, pelo menos, em outras palavras, desde que comecei a notá-los – ainda que pudessem estar ocorrendo há mais tempo, não sei ao certo –, havia percebido

um “campo protetor” distinto em torno de cada um daqueles três seres, como se a protegê-los exatamente daquelas “tormentas magnéticas”. Estas pareciam alertar aqueles seres sobre o aspecto de que os poderes que detinham não serviam lá para muita coisa, pois se poderosos realmente fossem, fariam cessar aquele incômodo terrível.

No início dos encontros, pensei que o desconforto era só meu, pelo fato de ser um intruso ali. Com o tempo, e as renovadas ocorrências, fui percebendo que, para meu espanto, o menos incomodado era eu, pois aquilo tudo doía na organização daqueles seres. A questão era que os mesmos se encontravam **profundamente medicados para que suas formas pudessem conviver com o inevitável**. Nem podiam sair daquele lugar e muito menos resolver os problemas que iam devastando a “morada” onde viviam.

A partir de um certo momento, começou a ter, no lugar, um tipo de incômodo vibratório, associado a um barulho muito diferente dos demais e que, claramente, fazia com que todos olhassem ao redor e para cima, pois nem eles sabiam, ao certo, que “nova categoria” de onda vibratória era aquela que devastava as formas corporais – muitos daqueles seres aparentavam estar se sentido mal. Uso esta expressão pois, em algumas oportunidades, pude perceber as faces de Brahma e de Shiva se “alargarem” durante o “novo barulho”, como também os corpos de Vishnu e de outros ali presentes passarem por processo semelhante, como se algo os estivesse “esticando” em uma ou em outra direção. Pensei comigo mesmo que aquilo deveria ser comum ao “espaço-tempo” e aos corpos daquela dimensão espiritual primária ou demoníaca, onde eu supunha estar, pois, até então, realmente, não sabia exatamente onde aqueles fatos estavam tendo lugar. Desconfiava que era na “morada” de Brahma, mas não havia ainda, até aquele momento, “certeza absoluta” sobre esta questão.

A cada quantidade determinada de fenômenos daquele naipe, o “céu” parecia estar se rasgando, e uma onda vinda de fora daquele contexto, varria o ambiente como se prenunciando uma tempestade que jamais acontecia. Talvez, o que na minha lógica estivesse classificando como “prenúncio”, já seria a “própria tempestade” tendo lugar. Afinal, o meu psiquismo estava esperando uma tempestade nos moldes terrestres. E, foi assim durante muito tempo.

Especificamente quando, em dado momento da troca de impressões sobre o “alerta” que poderia ter sido observado de muitas maneiras pela *Lila*, se os seus membros tivessem “olhos para enxergar” – e não só com o poder

concentrado para destruir ou fazer medo a seus adversários –, algo absolutamente inesperado teve lugar.

Até o momento em que reúno estas informações, procuro compreender e absorver o significado de tudo aquilo, pois o que já era insólito para o “meu gosto pessoal” – a convivência forçada com aqueles seres – tornou-se ainda mais estranho, quando um novo, desconhecido e inesperado conjunto de fatos e de seres se fez presente, para a surpresa de todos, mas, principalmente, para a dos três “Senhores da *Trimurti*”.

Se para a minha avaliação, um “mero humano miserável” como eu, não deveria “olhar” para aqueles três seres – tidos como deuses por boa parte da humanidade – como sendo “criminosos apodrecidos e equivocados”, vítimas de erros cometidos “lá atrás na eternidade” – se é que isto faz sentido –, depois dos fatos que ali vieram a ter lugar em sequência, é que a minha sensação piorou.

Perante o modo como avaliava aquilo tudo, a *Lila*, para mim, já era de uma insignificância permanente e, ao longo daquele último encontro, fui percebendo que ela precisava mesmo deixar de existir porque os seus “Senhores” simplesmente estavam atrapalhando o progresso dos fatos.

Se eles, no passado, quando mergulhados na Obra indevida, conseguiram ser os heróis do soerguimento das suas próprias consciências e promoveram as possibilidades do progresso possível a cada era da história universal, agora se encontravam poluídos a tal ponto com o acúmulo dos problemas, que precisavam ser “imediatamente” afastados do comando do processo para que o mesmo pudesse ter bom curso.

Penso que os três seres que compunham a primeira linhagem da *Lila*, intuía, sabiam de algum modo, que eles precisavam ser substituídos pelas suas melhores expressões *Adhyajna* no comando do processo universal.

O já conhecido Jesus, associado à outra expressão de Vishnu conhecida como **Sophia** (o Cristo Cósmico), e a futura expressão *Adhyajna* **Prema Sai**, ainda por acontecer, trazendo consigo as atualizações e conquistas pertinentes às vidas anteriores de Sai Baba e de Krishna – aqui estou me referindo à linhagem de Shiva – **são as duas “formas” ou “expressões” que deverão assumir o controle universal**, fazendo cumprir as etapas que irão **redimensionar a Criação complicada na pretensa direção correta** – segundo eles. Por mim mesmo, penso que **será tão somente na direção do que for possível**, perante o que já está posto.

Deixando de lado as impressões provavelmente equivocadas deste

escriba, retorno, agora, à narrativa dos fatos inusitados que inadvertidamente pude presenciar.

Seguiam o encontro e também as tais “tempestades”, até que, num momento algo fugaz, enquanto os três seres discutiam os termos do amadurecimento de uma **transição que não teve lugar** porque, segundo Vishnu e Shiva, a **“estreiteza de visão” de Brahma jamais o permitiu**, e que, por isto mesmo, os “alertas” dados pelo “acaso” ou por meio de “forças misteriosas” que pudessem estar atuando entre eles, sem que disto soubessem, jamais surtiram qualquer efeito. Entretanto, de onde vinham estas “forças misteriosas”? Nem eles nem ninguém sabiam responder, apesar de admitirem a hipótese.

As discussões eram intermináveis – a cultura demo tinha o hábito horroroso de alongar discussões até a contenda mental pela “posse do direito” de se afirmar como “vencedor” – e costumavam chegar a lugar nenhum. Não serviam para muita coisa a não ser para o lento processo de amadurecimento da lógica demoníaca. Contudo, por ridículo que possa parecer à lógica humana, sem aquilo, eles não sabiam viver – é o que pude deduzir.

Senti-me inquieto e, mais uma vez procurei tomar a iniciativa, mas no sentido de por um fim àquele evento que parecia longo, inadequado, estéril e cheio de idas e de vindas intermináveis, além de inúteis.

— Parem de retirar do passado as incontáveis sementes dos problemas presentes que impedem o progresso! Parem com estas repetições inúteis! Tudo isto é infrutífero... Já lhes disse – e novamente o farei – que enquanto vocês conversam estas inutilidades, incontáveis seres sofrem dores e agonias absurdas, promovidas por vocês, e é inaceitável, para mim, que sendo “criminosos confessos”, permitam ainda se acharem “Senhores Disto ou Daquilo”, enquanto o “peso” horrível dos seus crimes está somente depositado sobre os ombros dos que sofrem por causa de vocês. Assumam este “peso” sobre vocês próprios, e não o evitem, como estão fazendo agora – discutindo e avaliando, de modo demente, o que vocês sequer conseguem entender – como forma de retardar o inevitável. Entendam que nenhum humano, por mais que se esforce, presenciando coisas deste nível e conhecendo vocês como realmente são, conseguirá endereçar qualquer dose de respeito a vocês. Muito pelo contrário! Vocês precisam se preparar para isso! “Larguem mão” do poder que, na verdade, penso até mesmo que vocês já nem sequer o possuem, pois, caso realmente fossem detentores de algum nível de poder realmente importante, não estariam me mantendo refém de um

convivência ridícula e inútil, que somente me vampiriza, enquanto vocês se eternizam neste nível de estupidez. Se vocês realmente ainda possuíssem qualquer ordem de poder relevante não estariam perdendo tempo com um humano “miserável”, do meu “tamanho”.

— Pare, ó humano! – advertiu Brahma. — Aprenda a valorizar quem criou todas as condições para que muitos existissem e, principalmente, para que seres como os humanos da Terra pudessem surgir. Você mesmo deveria agradecer...

— Não seja ridículo além da conta, ó Brahma. Será que este seu discernimento demente ainda não percebeu que não existe gratidão em mim pelo fato de existir? Não, não existe. Vivo porque o espírito que me anima cumpre com os padrões de um “favor divino” que muitos fazem a vocês três, seres “caídos e criminosos”, por grandes e maravilhosos que se achem. Por mim mesmo, prefiro mil vezes sequer existir a ter que servir a vocês que me “estupram” a sensibilidade continuadas vezes, na tentativa criminosa de me dobrar. Isto me é motivo de repulsa! Vocês me são repulsivos e isto é indisfarçável de minha parte, apesar do meu esforço de algo fazer para que não fique tão óbvio. Quantas vezes precisarei dizer isto? Nem pretendo que eu esteja certo, pouco me importa. Somente estou reafirmando o meu repúdio a esta maneira cruel e banal na que vocês se acostumaram a tratar os demais. Vocês geraram a pior das banalidades, que é a do crime e da perversão contínuas. Isto nunca acaba! Você mesmo, ó Shiva, com sua consciência financiando a sua forma *Adhyajna* de Sai Baba, tentou convencer e estimular os humanos da Terra a aceitarem de modo passivo toda esta “cultura da banalidade” de sofrimentos e de sacrifícios impostos aos terráqueos. “Aceito, acato e agradeço!” – ensinou Sai Baba aos humanos, como forma de tornar a vida mais agradável perante uma natureza brutal e tantas outras esquisitices inerentes à esta Criação “criminosa”. Que seja! Isto, para muitos seres humanos, pode e deve servir como ato de contrição que tem, sim, o seu valor evolutivo. Para os que estão agora evoluindo, ainda se libertando dos pesados grilhões da cultura *demodharmica*, rumo à humanização, sei que isto tem seu valor. Entretanto, para mim, não aceito, não acato e muito menos agradeço os “frutos” advindos destas “árvores criminosas” que tão somente representam o apego aos caprichos mentais de vocês. Isto é crime! Quando vocês infernizam a vida de um ser humano – ou seja lá a que espécie possa este ser pertencer – com a “marcação a ferro” por conta do que vocês, ainda que dementes, definem o que ele deverá fazer para que as apostas prevaleçam.

Isto é crime, e dos mais nefastos. **Não aceito, não acato nem agradeço, muito pelo contrário: repudio totalmente esta postura ultrapassada e nefasta.** Isto não me serve e, penso mesmo que também não atende à boa parte da humanidade. Ainda que estas questões pudessem vir de carma pessoal acumulado, lembrem-se que estes “carmas pessoais”, que assumimos, pertencem ao contexto dos nossos espíritos estarem se submetendo a este nível de vida de puro vexame, porque “aberrações” como vocês a geraram e geraram também as suas necessidades evolutivas. Falidos, vocês jamais conseguiram dar conta do processo. Entram em jogo os nossos espíritos para ajudar e você ainda infernizam a nossa sensibilidade desta forma. Basta! Sei que vocês jamais irão compreender estes aspectos com este modo demente de ser que lhes marca o tirocínio dementado. Então, por mim, basta – não suporto mais isto!

— Quede-se humano, pois não irás a lugar nenhum... – principiou a dizer Brahma.

Uma luz sepulcral alternada à uma explosão luminosa – com direito a odores e vibrações, e que perpassavam o corpo que ali eu utilizava – aconteceram repentinamente, fazendo com que Vishnu e Shiva se “pussem de pé” e, junto com eles, os seus dois conjuntos hierárquicos distintos novamente se posicionaram, como se a proteger cada um daqueles seres, só que não me era dado entender necessariamente em relação a quê.

Um grupo, vindo não sei de onde, começou a se apresentar, surgindo de uma direção que correspondia ao “meu lado direito”, o que provocou um “natural” movimento daquela “coisa” em que me encontrava assentado, levando-me agora a me situar quase que ao lado de Brahma. Ele, então, me disse:

— Fique tranquilo... são os *Adhytia*... Você os conhece?

Fiquei profundamente surpreso por perceber que nem mesmo em relação a uma movimentação daquele tipo, os “Senhores da *Lila*” pareciam ter qualquer poder, pois a “surpresa” neles era evidente.

Nos meus estudos sobre a mitologia, as tradições e as diversas religiões da cultura hindu, os seres chamados *Adhytia* – aqui já referidos nos capítulos iniciais do presente livro – aparecerem muito episodicamente nos registros dos estudiosos e dos acadêmicos, e em nenhum daqueles dois tipos de livros jamais encontrei referências dignas de nota sobre estes seres. Outros tantos registros existem nas páginas da antiguidade mitológica-ariana, mas que também não eram conveniente referenciados pelo academicismo, o que me

levou a deixar de lado maiores preocupações em melhor defini-los ao tempo dos meus apontamentos pertencentes a estudos feitos no passado – porquanto os tenho em alta monta sobre tudo o que me interessa.

E ali estava o nível hierárquico dos *Adhytia*, que se apresentava, naquela oportunidade, em número de nove seres, sendo cada um mais estranho e diferente do que o outro – na verdade eram “singulares” – para o meu padrão humano.

Apesar de minimamente acostumado com tantas “expressões esquisitas” dos gêneros que ali estavam representados, e que estiveram presentes ao longo de todos os encontros que participei, aqueles seres apresentavam ainda um nível tal de esquisitice que superava, em muito, o que a minha sensibilidade havia colecionado.

A súbita presença daqueles seres acinzentou ainda mais o ambiente.

Um deles se posicionou à frente, saudando a Brahma, depois aos dois outros “Senhores da *Lila*” e se voltou na minha direção, aparentando me endereçar um profundo desprezo.

— Só mesmo um pesado sacrifício, que estes três seres se autoimpuseram, para suportar a sua indecorosa decifração – expressou o tal ser. — Não pode, um animal falante, inferior em tudo ao que até agora foi gerado, ser portador do que quer que seja para seres do nosso porte, que ostentamos em nós a mais alta expressão do que existe. **Este animal, produzido em pleno charco, não pode trazer consigo nada que nós, seres expelidos das mais altas chamadas do “fogo criador”, já não saibamos.** Aqui estamos, ó “Senhores da Vida”, para que não sejam as suas sensibilidades embebecidas pelo veneno traiçoeiro da verve que se esconde por trás de uma artimanha de se deixar conduzir pela força motriz palaciana aqui representada, que este animal humano se utiliza, como se nos pudesse impressionar. Decidimos, nós, os primeiros em existência, manifestarmos a nossa presença para que ele visse, com o objetivo de deixar claro, que não permitiremos que a grandeza complacente de vocês se deixe influenciar por este ser periférico ao conjunto do que foi gerado, seja por vocês ou mesmo pelas suas manifestações no âmbito da Criação. Cesse a sua verve, ó animal falante, pois não estão em curso de finalização nem este nosso universo nem muito menos os nossos mais honoráveis “Criadores e Mantenedores” de tudo o que existe.

“Finalmente algo de bom!” – pensei com a ironia que o momento me permitia. Alguém dizia que eu estava errado e aquilo era sinal de que o

provável impasse pusesse um fim ao que já nem mais sabia definir com palavras que fizessem algum sentido para mim mesmo.

Nunca fui de me vitimar e jamais percebi em mim vocação maior para o impasse, mas, ali, naquele momento, observando aquela estrondosa estranheza constituída à minha frente, comecei a pensar, no alto do meu senso de ridículo ou do que dele pudesse restar, que “um alguém muito poderoso” – não aqueles seres ali agrupados – deveria me detestar em grau superlativo, para me manter ator e testemunha de uma vivência tão grotesca quanto aquela.

Fiquei olhando para aquele ser sem saber exatamente onde buscar-lhe os olhos para me sentir “interagindo com um alguém”, enquanto um silêncio pesado reinava no ambiente.

Após um intervalo de tempo que não sei referenciar, aquele ser tornou a se dirigir a mim.

— Explique-se, ó animal falante... – disse o *Adhytia*.

— Você não disse que era para eu cessar a minha verve...

— Sim, mas no sentido de não nos envenenar com sua lógica... – respondeu o tal ser. — Nós somos os primogênitos e não aceitaremos ser conduzidos por outros níveis deste palácio... Você é um pernicioso agente da...

Levantei-me. Novamente me pus de pé apesar de não saber exatamente para quê.

Senti uma dor muito forte me dominando a sensação corporal, porém estava resolvido a não dizer mais coisa alguma nem muito menos ficar ali. Aquilo já tinha ultrapassado todos os limites do que para mim era aceitável.

Decidi “caminhar” apesar de não saber para onde me dirigir.

Percebi um alvoroço entre eles e a dor continuava, agora acrescida da sensação de “choque elétrico” se espalhando por todo o meu ser. Ainda assim, continuei procurando construir uma lógica no meu pretenso deslocamento, até onde me fosse possível exercer a minha pretensão.

Escutava os reiterados pedidos de Vishnu e de Shiva para que não “forçasse em demasia” a minha condição mental naquela insistência, mas já não mais lhes dava ouvidos.

Foi quando, mais uma vez, uma “explosão magnética” retumbou naquele ambiente e, o que agora tentarei narrar, passou-se em não mais do que, o que corresponderia a cerca de uns vinte a trinta segundos na lógica do tempo terrestre.

Um estranho padrão de força róseo-avermelhada se fez repentinamente presente em todo o ambiente. No momento seguinte, as forças descomuns que compunham o “exército” de Brahma – inclusive com a participação dos recém chegados *Adhytia* – como também os de Vishnu e de Shiva se elevaram, como se prontos a guerrear com uma hoste invasora que, aparentemente, estava vindo de cima.

Estrondos e barulhos diversos advindos de armas que se formavam ali mesmo, zoaram de modo inclemente, fazendo com que eu achasse que a minha cabeça iria explodir com o retumbar de tudo aquilo.

Alguém me envolveu ou me endereçou um campo protetor que passou a funcionar como se fosse uma bolha que me arroteava a forma com que ali me apresentava, ao mesmo tempo em que me mantinha em condição de suportar e conviver com o processo que se desenrolava ao meu redor.

Estranhamente, todas aquelas unidades de força da *Trimurti*, inclusive a dos *Adhytia*, que haviam se elevado para o confronto ou para algum nível de enfrentamento, foram, uma por uma, sendo dominadas pela “força invasora” e sendo obrigadas a retornar para o exato local onde antes se encontravam. Enquanto isto se dava, as armas deles pareciam escapar a seus controles e se desfaziam, como se destruídas, em pleno ar, à frente de todos.

Assisti incrédulo a tudo aquilo, sem entender minimamente o que estava se passando, apesar de que, o meu tirocínio, de modo absurdamente estranho, parecia estar sendo orientado a compreender que a minha “miserável” condição humana estava assistindo ao impensável.

Um ser absolutamente escuro, com suaves padrões de claridade rósea e amarela no seu íntimo, parecia descer sobre toda aquela assembleia, como se, lentamente, a sua figura fosse aterrissando exatamente entre o lugar onde agora me encontrava e os **“Senhores da *Lila*” que, apalermados, metamorfoseavam-se loucamente, como se procurando a “forma-expressão apropriada” para enfrentar aquela situação.**

O ser em questão se expressava de um modo bem diferente do padrão que estava sendo mantido no encontro, até então. Ele se movimentava e se expressava de uma maneira absurdamente lenta, porém, ostentando um poder que vibrava em qualquer expressão ou movimentação vinda da sua parte.

— Não me agriam e a ninguém agredirei! – avisou o poderoso ser. — Quebro o protocolo de interferir entre os “Senhores da *Lila*”, de me fazer presente sem ter sido ordenado ou chamado, pois não descortino eventos futuros e, portanto, não sei se terei outra oportunidade junto a vós, ó “Pais da

Vida”, e a este humano.

A sensação que me dominava a sensibilidade era como se, no tempo em que ele levava para dizer cada uma das palavras que eu ouvia, coubesse uma porção de momentos, de minutos, de horas ou mesmo de dias. Enfim, “dava tempo” para que eu pensasse em muitas coisas, enquanto vibrava uma só das suas palavras naquele ambiente.

— Conforme tive que demonstrar, colecionei poderes de tal forma em segredo, não porque houvesse algum planejamento meu, mas, simplesmente, porque me vi **acordado para a razão** logo que surgi para a vida como vosso filho, ó Brahma, e nunca soube o que fazer com este dom em mim – continuou o poderoso ser. — **Como em tempo algum disputei ou pelejei por qualquer coisa, jamais me desgastei e trago comigo toda a força que em mim foi se concentrando**, a qual sempre disfarcei. Registro que ninguém me questionou sobre este aspecto pois sempre fui um dos **“Incontáveis”**, ou seja, um dos **“não despertos”**, que somente funcionam quando acionados. Nenhum de vós jamais me acionou nesse sentido e, por isso, nunca me expressei! Isto sempre me deixou na posição – conforme o código de honra que tenho apreendido desde que surgi – de não ter ferido nenhum dos preceitos, até mesmo porque nunca ninguém me observou, questionou ou inferiu qualquer coisa a meu respeito. Jamais falhei e sempre vos fui fiel, ó “Senhor da Vida”, até há poucos instantes atrás, no sentido de não fazer coisa alguma que vos contrariasse. Sou-vos ainda fiel, porém precisei e preciso agora me expressar. Ao decidir me apresentar, fui atacado por todas as forças aqui concentradas e demonstrei que tenho poder superior ao de todos vós reunidos, incluindo a vós, ó “Senhores da Vida”. Não me desafiem, porque desnecessário. Serei eu a vos desafiar, pelo que agora decido.

Enquanto aquele ser se expressava, prestei toda atenção que pude às faces de Brahma, Vishnu e Shiva, e neles, realmente, o efeito surpresa era total. Os três permaneciam em “posição de combate”, tal qual um leão prestes a dar o bote, mas, ao mesmo tempo, olhavam-se à medida em que o tal ser ia fornecendo as explicações para aquela sua atitude.

Penso que aquele evento parecia ser “surpreendente mesmo” para as centenas de milhões de outros seres que ali se encontravam presentes, de um ou de outro modo. Alguns ainda se encontravam desacordados pelo efeito da força descomunal dos golpes vibratórios que o ser parece ter sido obrigado a expressar, até mesmo para se defender dos múltiplos ataques recebidos ao adentrar naquele ambiente. E ali estava ele, agora posicionado a não mais de

uns três metros de distância em relação a mim, e a uns oito metros dos três “Senhores da *Lila*”, que a tudo assistiam pasmos.

Os “seres demos” não conseguiam nem conseguem disfarçar o que estão sentindo pela total ausência de senso crítico. Em certo sentido, eles se parecem bastante com as crianças terrenas, despreocupadas quanto a tudo mais, e marcam na face o que estão sentindo no momento, como se nada mais existisse. Assim era o mundo demo *trimurtiano*!

Como aquele ser não apresentava uma face distinguível, não consegui perceber onde era seu rosto e muito menos o seu olhar, se é que, no seu caso, este tipo de convenção lógica, à moda humanoide, podia ser aplicada. Contudo, ali estava o mais estranho dos seres que me foi dado perceber, aparentando ser uma forma ovoide, de uma cor negra extremamente forte e profunda, situada no âmbito de uma “nuvem irregular”, que mais parecia ser sua “aura”. Dentro daquele “campo vibratório enevoadado”, a sua forma ovoide se movimentava de tal modo que, no seu âmbito interior, parecia existir algo que, com muito esforço de interpretação, poderia ser tido como uma face que variava da cor rósea ao lilás, “fractalmente” constituída por incontáveis e diminutos triângulos, como se estes fornecessem a sensação de que, a qualquer momento, um “rosto” ali iria aparecer, mas que jamais se finalizava como tal.

Cada pequeníssimo triângulo aparentava produzir a tal radiação rósea-lilás, radiação esta que se espraiava um pouco mais no meio da “nuvem” que o envolvia. Aquela expressão mais íntima, que variava de cor, somente aparecia de vez em quando, pois, pelo menos até aquele instante, somente a percebi quando vi aquele ser direcionando raios de forças em relação aos que o atacaram e quando ele estava se expressando.

O ser continuou a sua “fala”, que soava no mais íntimo da minha mente.

— Dentre os “**Incontáveis**”, sou um dos “**Inominados**”, pois mesmo entre aqueles, vossos ministros, ó “Pai da Vida”, nominavam a um ou outro conforme a função – revelou o poderoso ser. — Entretanto, a mim, jamais foi dada qualquer identificação. Dentre os “**Inominados**”, sei ter sido eu o único a não ser acionado individualmente em peleja, portanto, por isto sou o “**Indecifrável**”. Contudo, pelos “traços de um destino” – conforme agora tenho admitido –, que pode existir no fato do meu despertar, sempre me vi ligado às espécies-forças geradas por vós, ó Brahma, para protegê-lo de qualquer situação, e deles sempre recolhi todos os avanços das espécies que foram surgindo na vossa “residência”. **Tudo o que está alojado nos seres da**

vossa confiança também se encontra colecionado nos meus circuitos, e sem desgaste. De todos eles, retive e retenho a força original do vosso poder e por isto sou agora o único invencível dentre todos vós. **Todavia, não usarei este poder para dominar!** Tenho depreendido que, todos os que pretendem dominar se desorientam e, em algum momento, perdem o controle da situação. Não sei porque é assim, mas tem sido sempre desta forma no âmbito da vossa Criação. Portanto, não quero dominar e, aqui, sigo o único exemplo que é o deste humano, que podendo fazê-lo, e mesmo sendo forçado a quase isso fazer, conscientemente impôs o seu limite e dele não ousa ultrapassar e, por isto também o faço. Nele repousa o exemplo do “modo de existir” que escolhi absorver para mim, e de todos vós absorvi o poder, sem saber para o quê utilizá-lo, até que, em absorvendo o exemplo do humano, agora sei o que posso e devo fazer para que os vossos desígnios, ó meu Criador, possam ser satisfatoriamente cumpridos. Por meio da decifração deste humano, percebi a diferença entre o que sempre por vós foi desejado e o que efetivamente é necessitado pelo vosso ser. E percebo que fui projetado para ser o que agora estabeleço para mim mesmo.

Um “murmúrio metálico” se fez presente naquele quadrante, e Brahma, rodeado pelos seus anjos mais confiáveis desde que aquele ser aparecera, baixara a sua “guarda”, olhando fixamente para o solo, aparentando um esgotamento difícil de ser expresso em palavras humanas.

Vishnu, de sua parte, também cercado por membros do que parecia ser um “exército particular”, já os havia dispensado desde que recebera um “golpe vibratório” que o obrigara a retornar ao seu lugar anteriormente ocupado, e se encontrava, agora, sentado, com o seu olhar variando na direção daquele ser e na minha. A uma ordem sua, todo o seu exercito se desarmou instantaneamente – os que ainda detinham alguma arma.

Shiva, mantendo-se em posição terrível de confronto, também ladeado por seres monstruosos armados de muitas formas, parecia ainda hesitar quanto a que atitude tomar perante o inusitado acontecimento.

— Despertei bem antes de vós, ó Shiva, e assisti o embate travado com Brahma, como também percebi o vosso surgimento como o sois até agora – continuou o “Indecifrável”. — Apresento-vos o meu respeito e peço que não me tenhais como adversário, porque isto não sou, **ainda que esteja me propondo a destruí-lo, como também a Vishnu,** mas, espero que em concordância com ambos, se necessário for. Contudo, de todo modo o farei se for essa a opção final, a única que restar à movimentação da consciência do

humano escolhido e atormentado por vocês... Repito, para que fique claro: vocês não conseguem destruir uns aos outros, porém eu tenho este poder de destruir a qualquer um de vós. Entretanto, não o farei, a não ser que seja extremamente necessário, conforme determinação dos meus circuitos mentais. De novo o esclareço: tenho em mim a força destrutiva que todos vós sempre pretenderam possuir e jamais conseguiram. Não tenho outras forças em mim, a não ser esta. Desde que despertei, procuro me associar, a meu modo, a alguma outra coisa ou a alguém além de mim, e jamais meus circuitos apontaram qualquer opção... até que o foco concentrado de vocês sobre este humano me levou também a nele prestar atenção continuada. Foi então que percebi que ele representa o “outro lado de uma força” que jamais pensei existir. Se ele existe e age desta forma é porque esta outra “potência” existe! A ela, por meio dele, associo a minha força destrutiva, aspecto que ele e esta “potência” parecem não possuir. Caso a tenham, optam por não usá-la, mas no vosso caso, ó Shiva, e no do “Pai da Vida” e no do Senhor Vishnu, outra linguagem as vossas doenças não conseguem expressar. Associo-me, portanto, a este humano, de um modo bem mais profundo do que todos vós e ele próprio possam imaginar, e ao menor movimento da sua consciência, eu destruirei a cada um de vós, se necessário for, para dar novo curso aos fatos que nos envolvem. Advirto: feito isso, destruirei também a mim mesmo, pois a minha função assim terá seu fim, pois que tudo nos meus circuitos se volta para a destruição e para nada mais – tudo, além disso, é-me desconhecido. O poder destruidor superlativo que habita em mim me impede de retirar o foco da minha atenção para desenvolver outras partes do meu ser. Preciso extravasá-lo ou dele me liberar. Esta última opção, somente posso com ela cumprir se destruir a mim mesmo, porém, observando os vossos problemas, deduzo que fui engendrado, pelas circunstâncias, para destruir-vos, de forma a ajudar-vos . Assim deve ser, a não ser, como afirma o humano, que vocês parem de ser operacionais. Caso o façam, eu me destruirei, pois a nada almejo!

Diante do exposto, Shiva mudou abruptamente de face e, sorrindo, dispensou toda a sua guarda, ao mesmo tempo que olhou na direção de Vishnu e disse:

— Veja só o que articulamos para nós sem que disto soubéssemos. Como um humano, com vida tão curta, pode ter se articulado com um dos “Incontáveis” para poderem agir, juntos, nestes tempos finais da fraqueza de Brahma?

Fiquei aguardando que o tal ser explicasse alguma coisa, pois não havia em mim o menor registro de qualquer informação sobre o que me era dado vivenciar naquela ocasião.

— Ó Shiva, Senhor de todas as “Forças” deste e do outro universo de onde procede a criatura humana, não tenho e jamais tive articulação ou interação com qualquer outro ser, além de mim mesmo, desde que passei a existir junto convosco – explicou o “Indecifrável”. — Surgi para o universo do meu Criador antes de vós, ó Shiva, como também de Vishnu. Fui um dos primeiros e, desde então, obriguei-me a conviver tão somente no meu circuito íntimo, mas cuidei de a tudo “esconder” e, por isto, sou o “Indecifrável” dentre todos vós. Podeis vos compreender por meio das vossas convenções mentais, porém eu posso compreender a qualquer um de vós, enquanto que nenhum de vós tem como compreender o que eu sou. Talvez, se vida houver doravante e alhures, eu venha a ser compreendido no futuro da racionalidade terráquea e do que de lá venha a ser desdobrado em termos de compreensão futura. Entretanto, tudo isso dependerá de como os próximos passos venham a ser dados por vós e por mim, associado às decisões deste humano. Devo registrar que, somente ao absorver o seu modo terráqueo de pensar, foi que defini, perante mim mesmo, o que eu sou. Por ordem de Brahma, logo após a vossa agressão a ele, ó Shiva, tive meus circuitos ligados aos da força-tarefa “En Drel” (n.a.t. – **Seres conhecidos nas tradições terrenas como “querubins”. O livro “O Guardião do Éden” narra a história de um destes seres.**), mas apenas como foco de recepção e de reprocessamento de todas as informações que, através dos “En Drel”, chegavam a Brahma. Contudo, a ordem que recebi foi a de servir somente como foco passivo de reprocessamento daquelas informações, **pois foi “escondido em mim” o que o Criador não desejava que os “filhos problemáticos” das gerações ainda por vir, os vossos futuros descendentes, ó Shiva, pudessem vir a saber.** Isso assim se deu pela desconfiança que ele nutre desde a agressão recebida da vossa parte. Recebi e recebo todas as informações, mas jamais o Criador me acionou para retirar qualquer registro dos meus circuitos. O curioso, porém, é que ele jamais mandou que fosse desligado em mim qualquer uma das etapas deste processamento que jamais cessou, o que seria o seu modo normal de agir. Como sou um dos “Incontáveis”, os quais, depois da vossa performance, ó Shiva, passamos a não representar qualquer perigo para Brahma, pois éramos e somos – os que não despertaram – tão somente ações da sua mente quando ele assim o ordena, penso que fui esquecido, e assim

tem sido até este momento, porque que me foi então permitido assumir o controle dos meus circuitos, o que muito estranhei.

Vishnu e Shiva olhavam para Brahma como se o repreendessem profundamente, enquanto o mesmo permanecia com os seus três olhos cabisbaixos.

— Ao me deparar com as reações do meu Criador perante o salto racional que a espécie dos humanos da Terra propiciou a seus membros, concentrei toda a minha atenção no que por lá se passava, enquanto recebia as informações do circuito dos “En Drel” – esclareceu o “Indecifrável”. — Foi como, pela primeira vez, descobri este humano que agora aqui está, porém, na ocasião, não conclui coisa alguma, a não ser o grau de interesse do Criador em relação a ele. Por quem sou, o programa mental que habita em mim é especialmente conhecedor de como os símbolos são arquitetados, suas funções e significados, e foi assim que descortinei que “algo”, além de mim, colecionava informações codificadas nos meus circuitos. Deduzi existir outra “potência” situada em outro contexto, além da que eu via no poder exercido pelas vossas expressões. Levei toda esta existência a decodificar os processos que ocorriam no meu psiquismo, então, afirmo que tenho um que me identifica perante mim mesmo, ainda que seja inominado para todos vós. Foi assim que percebi algumas “marcas de significado essencial” registradas no meu código pessoal. Com estranheza, vi o registro destas mesmas marcas no DNA de Enoch, quando o mesmo esteve entre nós, há muitos milênios do tempo terrestre. Para minha supressa, percebi existir o mesmo **tipo ou sinal de marca** no DNA deste humano, provocado pela sua própria arquitetura mental/espiritual, o que tive oportunidade de registrar no ano terreno de 2008. Devo dizer que a partir da minha chegada a este ambiente, sem que por mim fosse programado, o meu código de vida passou a estar indelevelmente ligado ao deste humano, pois pela impossibilidade de me ligar ou religar a vós, ó meu Criador, como estais ligado a este humano, a ele me ligo com a intenção de, através dele, repassar o que preciso for para as próximas etapas do vosso processo de reconstrução, no pouco que vos possa dar, antes de vos destruir, se necessário for, porque vocês três terão que cessar o aspecto operacional das vossas mentes, de uma forma ou de outra, conforme se encontra registrado nos padrões genéticos do humano nesta vida dele. E agora, é para você que afirmo, ó humano, que, enquanto o seu atual corpo resistir aos fatos e suportar o peso do que lhe foi imposto, a sua vontade será a minha, pois já tenho mapeadas todas as suas possibilidades, e com elas todas me afino e

reafirmo a nossa ressonância. Viverei no seu psiquismo no tempo de vida que lhe restar e nele me estabelecerei como convenção mental obediente aos impulsos do seu modo de ser. Preserve-me, pois, e preserve-se, para que como uma só força, possamos ressoar com o Criador. Quando necessário e “se”, a meu tempo agirei e, após o seu fim como criatura humana, o que tiver que ter fim terá, antes que eu mesmo me encerre nesta tarefa.

Sinceramente, não sabia quem estava mais estupefato com tudo aquilo: se eu ou os três “Senhores da *Lila*”, cujo final estava sendo ali anunciado, prenunciado e vislumbrado de muitas formas.

— Do circuito dos “En Drel”, retirei o máximo do atualizado do DNA humano e, do “Processador dos rebeldes” (**n.a.t. – Esse ser se refere ao “Processador Val”, descrito nos livros da trilogia “*Terra Atlantis*”.**), absorvi o conjunto das possibilidades deste mesmo DNA – informou o “Indecifrável”. — Comparado à organização que este humano formatou no seu próprio, pude, facilmente, perceber que o vosso desígnio, ó Brahma, se cumpriu em moldes diferentes, porém, bem mais elevados do que o que foi por vós projetado quando do início da sua reconstrução enquanto ser Criador. O que os humanos poderão vos oferecer no futuro, para o vosso redimensionamento, permitindo a assunção ao vosso modo de ser anterior ao desta Criação, é certeza que todos os mais poderosos, dentre vós, sempre tiveram. O que agora deduzo tão somente confirma o que foi vislumbrado por vós, ó “Senhores da *Lila*”, no passado remoto, quando promulgaram as apostas com vistas aos resultados agora atingidos. Tudo se cumpriu!

Sentia-me diferente! Aquele estranho ser, cuja forma nada tinha a ver com qualquer coisa que se aproximasse de um modelo minimamente humanoide, parecia ter também uma natureza absolutamente diferente da de todos os demais ali presentes, apesar das suas afirmativas no campo da “destruição”. No entanto, apesar de todo este contexto estranho, as suas vibrações dirigidas à minha pessoa me eram motivo de enternecimento filosófico/moral que jamais senti – desculpem, porém não tenho como descrever de modo diferente o tipo de “envolvimento” que, naquele momento, me marcou a sensibilidade.

Pensei até serem os “espíritos” que podiam, ali, estar atuando de forma que eu me sentisse daquele modo, mas não era bem o caso, apesar da efetiva e discreta atuação dos mesmos.

O estranho e mesmo maravilhoso era que o fenômeno continuava se processando e, pela primeira vez, desde que ali me vi forçado a permanecer,

sentia-me instigado a procurar compreender o significado do que estava acontecendo e de como aquilo estava se desenvolvendo naqueles padrões. Acho que foi o “único momento bom” em todo aquele processo.

— Por que agora, ó ser... “Indecifrável”? – questionou Brahma, algo hesitante.

— Ó meu “Pai e Senhor”! – exclamou o “Indecifrável”. — Por que agora procedo desta maneira? A “fórmula” de equilíbrio que vincula a vossa atual situação de dolo e o necessário processo de redenção – pelo qual passareis quando vos for possível –, corresponde à marca **(n.a.t. – Penso que o ser se refere à uma convenção mental comportamental que deve ter sido gerada na formatação do DNA de quem é obrigado a conviver com situações deste naipe e consegue atravessar o conjunto das circunstâncias de uma “determinada maneira”).** que em mim existe e a que veio também sendo desenvolvida pela consciência do humano aqui presente. O que vós, ó Senhores Vishnu e Shiva, buscavam formular, foi a base do que deu início à liberdade mental dos humanos da Terra e, neste humano, o processo pretendido funcionou sem o desgaste do ódio e da rebelião. Afirmo-vos o que agora demonstro, para que possais agir com prudência perante o que ele vos informou sobre o que está “empacotado” no tempo da vida terrena dele. Muito provavelmente, ele está correto no que entendeu e no que vos repassou. Eu sei disto ou penso saber que ele está correto! Por isto me arrisquei e me arrisco a vos contrariar, não para me manter ou com pretensão de me defender. Fenecerei por vós, ó meu Pai, desde que assim me ordeneis. Todavia interfeirei e me defendi para poder ter a oportunidade de vos afirmar: o humano carrega consigo a mesma codificação que me foi implicitamente registrada, vinda não sei exatamente de onde nem a mando de quem. Contudo, ao ouvir as palavras dele de que teriam sido as expressões dos vossos próprios espíritos, ó Senhores Vishnu e Shiva, que então estariam atuando, decidi fazer o que estou agora executando, isto, em homenagem ao esforço de resolução que, sei, vós a ele vos dedicais, e disto tenho segurança de saber. Acredito que os vossos espíritos representam o “outro lado da força” a que me referi antes. E se os vossos espíritos estão usando este humano para falar convosco, e ele aqui representa esta “potência” que nos é desconhecida, mas não para ele. Compreendem? Se o humano estiver correto também em relação aos dois, aqui me apresento como executor das vossas destruições, se assim bem vos aprouver. Estou, agora, propenso – pois penso que o humano está me levando a pensar doravante deste modo –, a somente

vos destruir se for a vosso pedido ou mando, caso vos seja mesmo impossível cessarem as suas mentes operativas de um outro modo. Quanto a vós, ó Pai, rogo a vossa atenção à contundência factual do que o humano vos informou e, no vosso caso, não parece existir mesmo outra opção. Nisto, não tenho como duvidar que as afirmações dele estão corretas. Não sei como ele as descortinou ou se foi o caso dele ter sido informado a respeito, que é a opção que preferencialmente assumo como sendo a verdade... talvez a somatória destas duas componentes. Todavia, esta é outra questão! O importante é que está feito e não mais poderá ser desfeito. Em assumindo o que agora passo a ostentar, como sendo, dentre os seus de espécie existencial, aquele que portará em si mesmo a inevitabilidade do que ele apresentou, se não era verdadeiro, agora o será, porque assumo a obrigação de levar o processo, que o humano iniciou, até o fim. Isto faço porque fui e sou programado para fazer cumprir sempre a melhor opção para a vossa recondução ao vosso estado anterior de divindade operativa, ó meu Pai. Não há mais tempo para delongas. As vossas três histórias deverão ser encerradas com a participação deste humano no processo. A vossa, ó Pai, inexoravelmente o será, isto vos posso afiançar! Não há retorno! Será feita por vós ou provocada por mim, mas a presente etapa haverá de ser superada para que o vosso futuro possa ter lugar entre os eventos que virão – e esses terão que nobilitá-lo, ó Pai.

— Ó Indecifrável, tu és a **temida certeza obscura que sempre a nossa ciência apontou como sendo passível de existir** sem que nós pudéssemos atinar contigo – observou Brahma. — Sempre nos perguntávamos “para onde ia, onde se concentrava a nossa energia perdida?” e agora descobrimos do modo mais inusitado e desagradável, pois parece não existir mesmo negociação. Sem jamais se expor ou demonstrar quem eras, dentre nós ficastes todo este tempo, absorvendo as informações das “mentes universais” deste nosso universo e do evolutivo, de onde a criatura humana vem. Não pode toda uma história de evos se resumir ao tempo de uma criatura insignificante, sem epítetos, que se recusou a ser meu intermediário e representante junto aos humanos da Terra, e agora associado a ti, outra criatura sem nominação, mas que, na sua função, sorrateiramente nos vigiou e tudo de nós absorveu, sem o desgaste da contenda, sem o peso da obrigação de ter que optar para poder progredir. Repentinamente, apareces e nos crava a dor da percepção da tua superioridade mental perante nós que conduzimos até agora toda a existência, será isto justo para comigo? – questionou Brahma, profundamente abatido.

— Não é questão de justiça, ó Brahma, mas sim da elaboração *rajásica* da sua Criação – começou Vishnu a explicar. — Na componente da energia *rajas*, está em aberto um processo criativo que não foi devidamente ordenado nem finalizado, que dele se apodera a mente mais fortemente associada aos vetores e algoritmos inerentes ao mesmo. Há alguns bilhões de anos terrenos, todos sabemos que diversos, dentre os seus “filhos de primeira hora”, passaram a dividir com você a sustentabilidade da Criação. Quando muitos, dentre os “da primeira hora”, geraram as suas próprias “moradas”, as suas próprias *lokas*, **na verdade isso traduzia uma divisão dessa sustentação que você sempre pensou ser totalmente sua**. Este ser, que agora se apresenta perante nós, parece ter absorvido nele mesmo todos esses vetores de sustentação de cada *loka*, inclusive a minha e a de Shiva, pois que a sua força nos inabilitou a usar a nossa, o que me é motivo de inquietação profunda até agora. Não sei como lidar com estes dois novos fatores que agora se nos apresentam: este humano, que não representa nenhum perigo, porém nele existe o maior dos enigmas que responde por uma atitude sua, ó Javé, de ter marcado, no padrão da consciência particularizada dele, **questões de estado da Lila**, como também da saúde mental de todos nós; e este ser “Indecifrável”, superior em força a qualquer outro que existe no âmbito desta Criação, que mostrou as suas cartas no nosso jogo, no jogo que criamos, que elaboramos com tanto zelo, e sequer conseguimos encontrar algum procedimento errado na sua conduta. Tudo o que eu, você e Shiva possuímos, todos os nossos descendentes possuem, mas ninguém dentre nós tem a chave de como finalizar a Criação e resolver os problemas acumulados das nossas espécies. Os seres biológicos evolutivos foram os que conseguiram servir a este propósito, isto tenho pensado desde que aferi neste humano o seu “código-fator”, ou seja, o seu “marco genético”. E, agora, o “**Indecifrável**”, além da força que já nos demonstrou ostentar, parece possuir também a chave codificada para os nossos problemas, ainda que talvez ele não saiba disto, como demonstrou não saber, apesar das informações disponíveis nos seus circuitos. São as nossas formas *Adhyagya* que estão agora atuando sobre nós e se utilizando dele e do humano? É difícil responder, mas lidemos com os fatos! – ponderou Vishnu.

— Não, ó Senhor Vishnu, detenho em mim, sim, o potencial de força para destruição, mas não para a Criação – esclareceu o “Indecifrável”. — Não fui programado para isso e. mesmo com o meu despertar, essa barreira algorítmica ainda não logrei superar e não está na minha programação fazê-

lo. Não é essa a minha destinação! Ainda que eu detivesse a chave para os vossos enigmas pessoais, não poderia repassá-la devido à minha inabilidade para tanto. Somente os humanos podem, pelo efeito da “ponte quântica” existente na relação do DNA do Criador e das suas criaturas biológicas à moda humana terráquea. Isto é o que deduzi! – afirmou o ser ali presente.

O silêncio novamente voltou a reinar naquele ambiente onde tantos candidatos a rei, a deus e a outras coisas mais estavam presentes. Na ironia do seu domínio, o silêncio parecia tão somente atestar a falência de tudo o que ali estava existindo, inclusive a minha própria cota particularizada, apesar desta a nada almejar.

Permaneci por algum tempo observando os quatro seres que me estavam mais próximos, esperando o desfecho para aquele enigmático jogo de poder ou fosse lá o que pudesse ser.

— Finalizei a minha participação... Já agora me encontro vinculado a quem determinará o curso dos fatos e virá de você, ó humano, da sua movimentação de consciência, as ordens e/ou orientações que recolherei para agir. Agora me retiro! – disse o ser “Indecifrável”, ao mesmo tempo em que começou a se deslocar no sentido vertical, enquanto um “desacerto vibratório” foi sentido por todos durante algum tempo.

Parecia ter ocorrido uma estranha coincidência da sua saída com o ribombar trepidante daquela realidade, mais uma vez, parecendo-me, agora, que aquilo tudo iria desmoronar naquele exato momento, mas tal não se deu.

ESGOTAMENTO E SOLIDÃO



SENTIA-ME ESGOTADO, aturdido e, apesar de rodeado por aquela plateia que me tinha no “centro da arena” como o animal a ser observado, avaliado e sabe-se lá mais o quê, encontrava-me mergulhado na mais profunda solidão que já sentira.

Voltei a não me sentir bem, com “dor no corpo” ou fosse qual tipo de forma a minha condição humana pudesse ali ostentar.

Se dependesse do meu ponto de vista frio e racional, a cada “minuto do tempo daquele lugar”, deveria simplesmente me voltar para Brahma e dizer-lhe: “você é um canalha além de qualquer psicopatia” - pois isso, talvez, com toda a sua tentativa de se humanizar, ainda seria o que, a meu juízo, ele merecia escutar de qualquer ser humano que soubesse e/ou entendesse como ele agiu e age com as suas criaturas.

Carrego comigo a pior das “pílulas vermelhas” (**n.a.t. – referência aos filmes da trilogia “Matrix”**), o mais insalubre tormento de saber o “pano de fundo” das posturas emblemáticas que caracterizam as atitudes de Brahma para com tudo o mais a seu redor. Desde a confusa situação entre os três primeiros filhos de “Adão e de Eva”, que as influências perniciosas de Brahma começaram a desfigurar, na “linhagem humana” por ele escolhida, o seu modo de se relacionar com o que se passava e se passa na Terra.

A Espiritualidade, por força do “favor divino”, se vê obrigada a se adequar a este enredo criminoso, único possível para que um ser “apodrecido” se torne menos doente. E o aspecto terrível deste contexto, no que se refere à feição desta “primeira forma corporal” dele, por estranho que ela possa ser, era o máximo que ele poderia atingir, ou seja, o de “menos podre”, mas não a de um “alguém melhorado” no sentido da lógica humana.

Esta forma, porém, teria que um dia sucumbir para que a sua consciência pessoal pudesse se “transferir” para uma outra expressão que lhe pudesse dar sustentação na sua nova etapa redentora.

A forma de Brahma que ali se encontrava à minha frente era tão somente a expressão final da sua desarrazoada “primeira etapa”, vivendo os seus últimos instantes, e aquele ser estava longe de ser por mim considerado como alguém minimamente decente.

Estava decidido a ir embora dali, apesar de não saber exatamente qual caminho seguir para retornar à minha condição humana, aspecto que me incomodava a cada vez que pensava nessa possibilidade.

As vezes em que me vi naquela situação, inquietava-me não saber como havia chegado ali e muito menos como e quando seria a volta, se é que haveria. Algo em mim sabia como era o trânsito, mas eu mesmo, com o meu modo de pensar terreno – que ali permanecia como sendo o meu jeito de ser – não atinava como tudo aquilo acontecia.

Decididamente o cérebro dos mamíferos tinha um senso de localização que a humanidade herdara desde que o córtex pré-frontal surgira na estranha evolução dos primatas, permitindo que os nossos espíritos se imantassem na condição humana.

O que de mamífero ainda se fazia presente no meu psiquismo ali manifestado, parecia ser a parte que se inquietava pelo fato de se ver num lugar sem ter conscientemente ido para lá, o que, obviamente, provocava a dúvida sobre a volta.

Enquanto pensava sobre este aspecto da herança do sistema límbico no meu psiquismo, ainda que naquelas circunstâncias, percebi como aqueles seres dependiam de todos os detalhes dos passos evolutivos acontecidos na natureza terrestre e alhures. O âmbito extraterrestre ainda permanece desconhecido para a humanidade, mas eu podia muito bem ver parte do que aqueles seres ali presentes haviam retirado e/ou mesmo herdado, tanto das classes de animais terrestres como de outras partes do universo biológico.

Era muito estranho ver, em parte daqueles seres, o que eles haviam colecionado dos processos biológicos que eles mesmos geraram, com seus erros e acertos em torno das tentativas desesperadas que fizeram. Ainda assim, o fracasso era geral. Ali estavam, todos eles, os prisioneiros do mais desastrado de todos os destinos que a minha lógica podia conceber.

A *Trimurti* administrando tudo aquilo era o sinal inequívoco do desastre que vitimara a todos.

— Não mais virei ter com vocês! Preciso manter a minha cota humana vibrando no padrão da indiferença filosófica para com todo este contexto. Basta! Preciso fazer isto por muitas razões, mas, principalmente, porque se eu continuar a conviver com vocês, em vez de repúdio filosófico, vou sentir nojo e eu não me permito sentir isto por ninguém, nem mesmo por seres como vocês. Além do mais, agora, há a questão do ser “Indecifrável” estar ligado às minhas emoções e pensamentos, e não sei exatamente o que isto significa. Não dá mais!

Respirei fundo e continuei:

— Este é o fim. Sou eu quem assim determina e não vocês. Este é o fim desta minha personalidade, pois se vocês não me permitirem sair daqui, tentarei até o limite do impasse vibratório, o que acarretará o fim do meu corpo terrestre. Caso consiga daqui me ausentar mantendo a minha condição humana viva, será também o fim da troca de informações com vocês e destas vivências. De todo modo é o fim! Vocês desejam que eu também transmita aos demais humanos esta última parte do encontro? Se assim for, pelo que presumo, vocês irão, então, parar de me agredir e permitir a minha retirada deste ambiente. Saio fornecendo-lhes ainda o seguinte aviso, e tratem de compreendê-lo pois, caso não o façam, pouco haverá para ser feito: vocês, efetivamente, têm tão somente o resto do tempo da minha vida terrena para ajustarem a situação vibratória que emana destas formas *Adhydaiva*, que são “prisões mentais”, nas quais vocês delas são prisioneiros, apesar de se acharem “Senhores do Processo”. Vocês estão presos, sim! Há muito vocês se enredaram numa interdependência mental e, naquela época, pelo menos vocês dois sabiam que estavam assumindo, inexoravelmente, a doença de Brahma, na medida em que assumiram corpos advindos da sua genética pessoal. Caso encontrassem a cura (reordenamento dos padrões do genoma “doente”) desta doença, além de curarem a si mesmos, repassariam o código para Brahma se curar. O problema é que vocês não conseguiram, não em vocês nem muito menos nas classes de seres demos que surgiram a partir dos padrões genéticos advindos da *Lila*. Em não tendo conseguido, você adoeceram a tal ponto que se tornaram tão ou mais doentes do que Brahma, em alguns aspectos. Como suas formas *Adhyagya*, ó Vishnu e Shiva, conseguem ainda atuar minimamente sobre estas formas doentias *Adhydaiva* que vocês aqui ostentam, até parece que Brahma está mais doente que vocês dois. Todavia, não é! De maneira distinta, cada um de vocês, ao seu modo, está no “fim”. Vocês já “estavam no fim”, quando, ao perceberem a “falência

produtiva” dos seres demos, decidiram criar o “Projeto Talm” como modo de, numa tentativa desesperada, semear o universo com vida biológica, a partir do código de vida “doentio” de vocês. Para surpresa de vocês três, perceberam que lhes era possível, pelo menos a Vishnu e a Shiva, criarem as chamadas expressões *Adhyajna*, o que os fez pensar que “o problema finalmente havia sido resolvido”. Entretanto, ele não foi, e somente começaram a perceber isso quando a espécie humana terráquea saiu do controle genético de vocês, ou seja, há muito pouco tempo. Fizeram, então, fazer valer as suas expressões *Adhyajna* à moda humana como fator das apostas que sustentavam mentalmente os processos, e somente com a última briga entre Brahma e a expressão *Adhyajna* de Shiva à moda humana, ou seja, Sai Baba – quando da pretensa humilhação do legado dele, pelo fato de ter anunciado um determinado ano para a morte dele e esta ter ocorrido bem antes –, é que você, ó Brahma, definitivamente percebeu que nas disputas e conflitos entre vocês três, todos sempre perdem. Vocês pensaram que era possível, com suas expressões *Adhyajna*, obter o tão buscado “DNA solução” para o problema dos três, mas somente depois é que perceberam que a expressão do código genético, que vocês tanto procuravam, não poderia surgir nas formas humanas das suas expressões *Adhyajna* porque essas sempre traziam o problema acumulado no DNA das mesmas, restando somente a espécie humana terrestre – a mais nova do universo, a última a ter surgido para vida – como sendo a que seria capaz de produzir o tão desejado reordenamento genético. Qual o problema? Vocês três não têm a menor possibilidade de gerir o processo, daqui por diante, pelo simples fato das raças, que doravante surgirão, serem bem mais complexas do que a “habilidade mental demo-demente” consegue cuidar. Contudo, para algumas de suas expressões *Adhyajna*, tal é possível, só que vocês três não querem “abrir mão” do comando e estão atrapalhando e retardando o inevitável. Outro aspecto do problema é que, agora, devido a esses encontros ocorridos nos últimos dois anos, muitos, ao redor de vocês, ficaram sabendo do problema e conseguiram compreender os desdobramentos dos mesmos, e vão, doravante, cobrar-lhes uma atitude honrosa, nos moldes da “honra demo”. Vocês terão que deixar de existir ou terão que promover um movimento de consciência que lhes reconfigure a postura mental em relação às formas *Adhyajna* mais competentes para a tarefa. As demais formas *Adhyajna*, que foram tão essenciais para que vocês conseguissem chegar até onde chegaram, muitas delas terão que também deixar de existir para liberar

os potenciais das expressões *Adhyagya* dos seus espíritos, pelo menos no caso de vocês dois, ó Vishnu e Shiva. Suas formas *Adhyajna* precisam se liberar da “poluição demo” que as expressões inferiores (sob a perspectiva espiritual) *Adhybutha* estão marcando nas personalidades dos *avatares* mais recentes. As próximas expressões de vocês, doravante, precisam estar ligadas diretamente às expressões *Adhyagya* superiores e não ligadas à intermediação das expressões *Adhybutha* inferiores – no sentido de ainda portarem problemas no campo demo-mental de sempre se acharem “isto ou aquilo”. Vocês me compreendem?

Observei aqueles três seres, agora cercados e envolvidos – de um “modo doentiamente próximo” – por uma multidão disforme que os interpenetrava de tal modo que eu já não sabia muito bem onde estava o foco da consciência deles.

Estranhamente, alguns dos anjos de Brahma/Javé se postaram à frente para que eu os percebesse – pelo menos era esta a minha impressão – ao mesmo tempo em que algumas das formas *Adhyajna* humanas de Vishnu e Shiva também se faziam presentes, como se me pedindo para que eu continuasse a explicar.

— O tempo de vocês três se esgotou! Ainda que permaneçam vivos e ativos durante algum fluxo temporal correspondente à minha permanência na Terra, saibam que, caso isso venha a acontecer, vocês perderam o único “intervalo de tempo” em que ainda lhes era possível redimensionar o problema sobre o qual perderam o controle, lá atrás. Vou tentar lhes explicar o que eu penso ser este tipo de “janela do tempo” que está se fechando na medida em que meu corpo físico sucumbe. Ao longo da evolução do pensamento científico terrestre, ao tempo desta minha vida, sempre se pensou que o avanço da idade corporal implicaria na perda de neurônios – as células cerebrais – o que deixaria as pessoas “mais velhas”, inevitavelmente, na situação de perda dos mesmos. Mais recentemente, se descobriu que não era bem assim. Havia, sim, a neurogênese, e mesmo pessoas velhas poderiam se beneficiar deste processo, pois os exercícios, tanto físicos quanto mentais, promoveriam o surgimento de novos neurônios, ainda que em pessoas de idade corporal avançada. O que isto tem a ver com a questão de vocês? É a metáfora do possível! Imaginem que uma pessoa na Terra nasça com um corpo com problemas e que esse corpo somente poderá ser redimensionado até o limite temporal em que o seu cérebro ainda for “jovem”, no sentido de não ter entrado na fase da perda de neurônios. Isto porque, quando se entra

nesta fase, dependendo do que aquela pessoa venha a fazer, dependendo dos seus hábitos, o seu corpo poderá ou não produzir novos neurônios. Se produzir, bem; caso contrário, a neurogênese nele não terá lugar, e o mesmo morrerá mais cedo, provavelmente, com mais problemas. Qual a questão? O universo nasceu com problemas! O “cérebro-motor” dele jamais funcionou adequadamente, e o mesmo passou a se desdobrar por força das leis que as expressões *Adhyatman* de vocês produziram ainda antes da “queda” e do “mergulho” que posteriormente fizeram na Obra recém-criada. Na medida em que a entropia tem lugar e a tudo destrói, em contrapartida, o nível de informação aumenta junto com a consolidação de uma “Mente Universal Emergente” que, após uma certa massa crítica de informações quanticamente alojada nela, passará a exercer a sua influência no “todo universal”, sendo esta a única maneira que, segundo a Espiritualidade Superior – onde atuam os espíritos de vocês, nas suas expressões *Adhyagya* –, a Obra poderá ser corrigida, redimensionada, para que consiga chegar a bom termo, no final. **A emergência dessa “Mente Universal” é a única solução possível para consertar o que vocês fizeram.** Qual o problema? A presença de vocês três, dementes como estão, tentando dominar um processo que sequer compreendem, já desgastou e procrastinou a tal ponto esta “cessão de poder” para as suas formas *Adhyajna* – a tão esperada divisão de comando entre Brahma e as expressões personificadas Vishnu/Sophia/Jesus, representada pela sua prometida volta, num primeiro momento, e Shiva/Prema Sai (ainda por ocorrer ao tempo em que escrevo estas páginas) –, que **o limite para a aquisição de informações preciosas por parte da “Mente Universal Emergente” parece se esgotar, por efeito de alguma sincronicidade estranha, junto com o tempo da minha vida.** Em outras palavras, se essa “Mente Universal” não produzir, “agora”, os seus “caminhos neuronais” – desculpem, mas é analogia possível, torno a dizer – que despertem a tal massa crítica de informações para que um “salto quântico universal” possa ter lugar no “jogo mental” de vocês, não poderão ser produzidos mais tarde. Quais as implicações disso? Não sei nem quero saber! Tudo o que consegui depreender é que o universo poderá ter, sim, uma solução para os seus desacertos iniciais e para as mentes que o geraram, e, para tanto, **é necessário que a tal “Mente Universal Emergente” assuma o processo junto com algumas personificações *Adhyajna* no comando do mesmo, e junto com os demais seres universais que ainda irão surgir a partir do DNA humano terráqueo.** De todo modo, ainda que não se tenha a construção dessa solução

adequada à “janela do tempo universal”, que já está sendo fechada pela aceleração da expansão cósmica – do mesmo jeito que as *lokas* foram fechadas no ano 2012, por força do mesmo efeito *tamásico* ou da chamada energia escura – o universo chegará a seu fim, só que sem os problemas gerados terem sido resolvidos. E é sobre o conjunto das implicações disso decorrentes que nada sei nem desejo saber. Entretanto, sei que vocês três estão tendo a última oportunidade, depois desses quase 14 bilhões de anos, desde que toda esta história começou, de terem uma chance de contribuir decisivamente para a continuidade do que um dia vocês mesmo sonharam, que foi a de conseguir chegar, até aqui, com um projeto que pudesse funcionar. E agora, aí estão vocês três profundamente doentes, até o ponto de precisarem que um “miserável” ser humano possa enxergar o drama, compreendê-lo e, apesar de “violentado”, ainda tentar explicar aos que lhe “violentam”, o que está acontecendo, com toda a sorte de consequências que isto possa acarretar. Enredo mais tragicômico não poderia mesmo ter sido idealizado por vocês! Ridículo, não? Se vocês não acham, deveriam achar! Seria sinal de alguma vergonha, de algum nível de honra verdadeira nestes seus psiquismos criminosos. Seguramente, o espírito que me anima voltará a produzir novas personalidades no futuro terrestre, por força dos seus compromissos no campo do “favor divino”. E quando da sua próxima personalidade terrena, se esta, ao reler todas estas informações – é sempre inevitável que tal se dê – ainda perceber, no seu tempo de vida, que estão chegando para os humanos, via concurso mediúnico, “mensagens” – e/ou tentativas – de seres, presos nos astrais planetários, se passando por vocês três, é porque, das duas uma: vocês mais uma vez foram medíocres e conseguiram perder a última oportunidade gerada por vocês mesmos, em tempos anteriores, e agora não tem mesmo mais jeito, ou vocês conseguiram agir corretamente e/ou foram “amorosamente destruídos” pelos seus pares e o comando do processo universal já se encontra sob a égide do retorno prometido de Jesus/Sophia, e as tais mensagens representam tão somente a “sujeira espiritual” que ainda permanece sob a forma de “trevas”, tentando ainda desestabilizar o rumo da gestão desses novos tempos universais. Caberá à futura inteligência dos terráqueos perceber isso, caso venha a ocorrer nesses moldes. Isto ressalto porque não tenho mesmo a mais remota ideia do que vocês irão decidir fazer ou, mesmo decidindo corretamente, se conseguirão cumprir com o desejado. De todo modo, com esta personalidade humana, aqui me despeço de vocês e dos demais que, para minha surpresa,

acompanharam este encontro desde o princípio, desejando que, realmente, vocês três consigam perceber que o destino de todos estes seres dependem do que for realizado nestes tempos próximos. Comigo vocês não mais se entenderão, tratem, portanto, de se entender entre si ou com o ser “Indecifrável”.

Não sei do futuro, mas assumi todo o risco, imaginário ou não, de assumir qualquer tipo de confronto mental, mas eu iria tentar me ausentar dali e definitivamente não mais voltar a ter contato, naqueles moldes, com aqueles seres.

Fosse lá que corpo estivesse usando, pus-me de pé, enquanto uma estranha tranquilidade se apoderou do meu psiquismo, ao mesmo tempo em que sentia uma pressão vibratória terrível, cuja intenção era a de me fazer novamente sentar.

— Você não se recorda, ó humano, o que sentiu em uma das suas tentativas de se ausentar daqui? – questionou Shiva, algo irônico, conforme presumi.

— Sim, recordo-me muito bem, contudo, nas outras vezes, resolvi não confrontar a violência mental de vocês. Como sou o lado mais fraco, sei que vou perder, mas pretendo exercer a minha vontade cada vez que eu puder, até que a minha condição humana seja finalmente liquidada... um pouco mais e outra violência liquida de vez o corpo animal que utilizo. Seja ele este que agora uso, travestido do “éter” especial que permite corpos materiais e antimateriais aqui se encontrarem sem que se destruam mutuamente, ou mesmo o que se encontra em repouso na Terra, forçarei a minha mente até que toda esta farsa se acabe.. não suporto mais isto.

— Nem tente... – começou a dizer Brahma. — Precisamos deixar tudo resolvido... agora, isto se faz mesmo necessário.

— O momento é grave... jamais vivenciamos um momento assim. Precisamos agir! – ponderou Vishnu, lentamente.

Fechei os olhos e concentrei a energia que assimilei dos últimos ciclos respiratórios tentando me manter de pé. Algo poderosíssimo me fez sentar contra a minha vontade.

Deixei-me repousar por alguns instantes e voltei a me levantar, numa pura atitude instintiva de um animal terráqueo, enquanto novamente senti um “trágico puxão” no sentido inverso e tão forte foi aquilo que, por alguns momentos, novamente hesitei, porém logo resolvi ser imperativo, pois tinha que sair dali ou morrer tentando.

Olhei para o trio mais enigmático que já me foi dado perceber, e que era superior em estranheza até mesmo ao mais profundo grau de ficção que a minha mente pudesse dele se utilizar para imaginar seres tão bizarros e doentes.

— Vocês não valem nada! – disse, e novamente me levantei, enquanto me esforçava por caminhar na direção pretendida, sem a menor noção de onde ela poderia me levar, mas era tão somente para ter um “norte” que me permitisse direcionar os meus esforços.

— Não nos deixe, ó humano, antes de ajustarmos tudo, pois agora o poder está concentrado em você e não podemos terminar deste modo – exclamou Brahma. — Você não compreende... o poder está com você. Precisamos negociar este fechamento de etapa... as apostas que foram feitas e que permanecem em aberto.

“De pé” e despendendo esforço para poder caminhar, voltei-me para Brahma e perguntei:

— A que poder você se refere?

— O que lhe foi outorgado pelo ser “Indecifrável”, porque, por sua ordem, agora, ele nos poderá destruir a qualquer momento – respondeu Brahma. — Nós não sabemos lidar com isto! Lembre-se que uma vez eu lhe disse que não aceitava repassar o poder para nenhum dos dois que comigo convivem neste triunvirato mental, mas para você eu concordava em repassar o poder... Lembra-se? De um modo que não intentei, terminou por acontecer o que vaticinei, pois, se de mim tal foi expressado, terá que se transformar em verdade de um modo ou de outro. Assim se deu, o poder está consigo!

— Se assim for efetivamente, não se preocupem pois de mim ninguém jamais receberá ordem alguma. Desdenho qualquer tipo de poder que flua pela “podridão” do modo de ser de vocês. Compreendo o processo, mas dele não quero participar. Se o ser que aqui se fez presente decidir, por ele mesmo, destruí-los, de mim ele não receberá nenhum pedido no sentido de que não o faça, porque este é um problema criado por vocês e terá que ser finalizado pelos mesmos agentes. Deixem-me ir embora porque me recuso a assumir qualquer tipo de papel que “apodreça” o que resta da minha sensibilidade. Como já lhes disse, sou tão somente um alguém “miserável”, pela condição que ostento, porém não sou “podre”. Que as “cores da podridão” resolvam o que elas mesmas geraram.

— Ó humano, pela segunda vez na minha existência lhe imploro por algo: assumo este poder porque na sua consciência confiamos, mas na do ser

“Indecifrável” não podemos confiar... nós não o conhecemos desta maneira que ele se apresentou – clamou Brahma, de um modo estranho. — Conduza o processo doravante, pois que todos os eventos das apostas já ocorreram e tão somente permanecem em aberto os ajustes... e nós confiamos no seu senso de justiça.

— Não, ó Brahma, realmente são chegados os tempos da apostasia porque todos os três ganharam e perderam apostas ainda não pagas, contudo, o dramático é que todos vocês perderam a capacidade de pagá-las devido ao enfraquecimento mental que agora os domina. É a apostasia em torno da *Lila*, o seu fim que se dá de modo antes impensável, mas que ocorre por absoluta incapacidade de vocês três de levarem isto adiante e nestes termos. Os problemas e os novos desafios inerentes à Criação reclamam por mais sofisticação mental da parte de quem agora irá gerir todo este contexto e vocês já sucumbiram aos fatos. Vocês perderam e se tornaram apóstatas da *Lila*, do tipo de governança que vocês mesmos criaram. A minha luta pessoal é por me apartar disto e não fazer parte do que mentalmente é “podridão” em todos os seus aspectos. Se eu não fizer isto, o que na Terra existir como desdobramento da *Lila*, permanecerá atrapalhando o progresso do mundo, aprisionando as pessoas em sistemas que as estacionam em torno de coisas sem significado e sem valor, apesar de por elas serem consideradas como sagradas. As gerações do futuro precisam estar livres deste peso, deste desconforto mental, desta criminosa submissão a fantasmas falidos e travestidos de deuses, para que a função da humanidade possa um dia ser cumprida no progresso universal. A *Lila* precisa perecer... eu me recuso a fazer parte disto! Há tempos, você me perguntou o que eu achava da sua Criação. Não lhe respondi, mas penso que é melhor que o diga agora, pois não pretendo voltar a me dirigir à sua pessoa, ainda que ela possa estar ligada energeticamente à minha condição humana: como pretendo deus, você é uma grande farsa e, como Criador, uma piada, afinal, tudo o que você sabe criar é tão somente sofrimento, seja para você, como também para os demais que passam a habitar – com o intuito de ajudar – a sua tosca, violenta e perversa Criação.

Brahma se encheu de fúria para comigo, todavia não lhe dei nenhuma importância.

— Não o deixe ir... – exasperou-se Shiva. — Como ficamos, ó Brahma? O que você tem a nos dizer, ó humano? Somos fortes e poderosos para muitas coisas, porém agora percebo que toda a nossa força já não nos resolve os

problemas e não sei mais que equação propor para resolvermos esta questão com você. Não temos como nem podemos destruí-lo! Ó Brahma, você cuja organização pessoal se encontra direta e completamente ligada a este humano, faça alguma coisa. Retenha-o!

Continuei a caminhar enquanto disse, em resposta:

— O que vocês vão fazer, não sei, mas vou voltar a caminhar, não sei exatamente para onde, já que não posso desaparecer... até que este meu ser sucumba pelo esforço inútil, entretanto aqui não fico mais. Somos zumbis, nós quatro, vocês, a seu modo, e eu ao meu. Contudo, vocês são zumbis que não querem “descansar”... eu quero, independente do que isto possa representar.

Senti um “puxão” enquanto pude ainda ver Shiva me endereçar algumas palavras.

— Diga-nos, ó Ellam, se você estivesse no nosso lugar o que faria? – perguntou Shiva.

Sem me deter, respondi como se estivesse falando comigo mesmo, sem saber, ao certo, se eles me escutariam, pois o meu esforço neste sentido era nenhum.

— Que tal esta sua forma *Adhydaiva* fazer aquilo que a sua forma *Adhynatha* ensinou aos demos e aos humanos? Feche um dos seus três olhos e respire bastante; feche outro mais, pacifique-se por muito tempo e, por fim, feche o último olho, desligue-se da Criação de Brahma, a qual sua energia se encontra associada e, quem sabe assim, sua mente cansada não decide, com a ajuda do seu espírito superior *Adhyagya*, parar de operar enquanto Shiva! Tente isto. Talvez assim a *Lila* deixe de ser operacional e vocês três possam se pacificar antes de deixarem de existir nestas formas.

— Deverei eu fazer a mesma coisa, ó humano? – perguntou Brahma.

Ainda sem me deter, voltei-me na direção de Brahma para ver se aquilo era alguma “ironia demo”, recém-surgida naquele contexto, quando escutei Vishnu responder no meu lugar.

— Você não precisa, ó Brahma, pois seus olhos já estão se fechando naturalmente – explicou Vishnu. — Feliz de você por assim estar acontecendo. Apenas se deixe conduzir... Eu, porém, devo seguir os passos de Shiva... é o que nos resta fazer perante os fatos.

Pensei ter escutado um murmúrio de inquietação vindo do conjunto dos seres ali congregados, enquanto continuava a caminhar, agora sem mais me voltar na direção daqueles seres.

Após alguns instantes, para minha própria surpresa, vi-me saindo daquele ambiente (na verdade, um teatro de operações da *Brahmaloka*) ao mesmo tempo em que percebi alguns espíritos postados ao meu lado e que procuravam me envolver vibratoriamente.

— Podemos orientá-lo em algo? – perguntou graciosamente um amigo espiritual a quem já conhecia.

— Ainda estou com meu senso de encarnado, mas não sei se estou “vivo” ou “morto” para a vida terrena nem mesmo para onde estou indo. O que devo fazer? Estou cansado e bastante atordoado!

— Que tal você parar, fechar os olhos, pacificar o que lhe resta da sua consciência pessoal e deixar que nós o ajudemos a se conduzir...? – disse-me ele como que repetindo, de um outro modo, o que eu havia dito a Shiva.

— Estou ainda entre os vivos da Terra?

— Sim, está – disse meu amigo espiritual.

Parei ao mesmo tempo em que me virei para perceber que, apesar de um aparente novo ambiente me rodear, ali estavam os três seres a me olharem como se eu não tivesse me deslocado coisa alguma.

Comecei a me recordar dos meus afetos terrenos enquanto respirava mais profundamente, ao mesmo tempo em que deixei de perceber os amigos espirituais que ali deveriam estar, mas que, devido ao fato de novamente ter direcionado o foco da minha atenção para a situação daqueles seres desesperados, naquele exato momento não me foi dado mais percebê-los.

Alinhei-me comigo mesmo o quanto pude e, repousando na rememoração dos arquivos do “bem” que sei existirem em mim, apesar da minha “miserável condição pessoal”, consegui me apartar das vibrações perturbadoras da *Brahmaloka* e dos seus habitantes.

Conduzido por amigos espirituais, virei à condição humana, que me ofertou um longo sono repousante num corpo que acordou gripado e alquebrado. A mente, porém, fluía livre e, lentamente, pontuando as vivências da consciência particularizada que me definia, enquanto a decisão de não voltar a me permitir ser útil em qualquer tipo de encontro conjunto com aqueles três seres se renovava no meu psiquismo.

E foi ao longo daquele dia febril que, vivenciando a minha “pequenez” humana – e mais fraca ainda devido ao resfriado – tive a mais tranquila das certezas: a de que a natureza humana, apesar de produzida a partir de um corpo animal cuja condição é primitiva, tem capacidades que surpreendem até àqueles que a geraram e, mais ainda, aos que a vivenciam.

Fico mesmo imaginando um dia, quando estes corpos humanos estiverem sendo administrados por espíritos evoluídos – e não mais por consciências particularizadas “pobres” em bagagem espiritual e “ricas” em problemas cármicos pesados – em que nível se dará a contribuição que os modos humanos de pensar e de sentir poderão fornecer ao progresso universal.

Ainda que produzida para ser escrava, ao mesmo tempo em que era (e ainda é) “cobaia inconsciente” de uma experiência cujo projeto sequer vingou nos moldes esperados, a espécie humana, apesar de animalizada, permite que os seus pares possam viver de modo superior no campo da sabedoria, da beleza e da fraternidade amorosa, o que parece ser raro no âmbito desta Criação.

Um pouco mais de foco na ternura, na retidão de caráter e na honestidade de princípios e de propósitos e, quem sabe, as gerações futuras poderão superar o nosso presente primarismo e a ignorância que nos fazem estacionar no atual modo de vida que temos. Feito isso, começarão a cumprir, conscientemente, o papel que somente a natureza humana pode ofertar no concerto da vida cósmica.

Quem viver verá!

POSFÁCIO

Posso estar enganado – e parece ser esta a minha especialidade – mas penso que o encontro aqui descrito foi o último, assim espero, em que a minha condição humana se viu envolvida com estes seres.

No que depender de mim, perco a vida, porém “lá” não permaneço, e pena que não possa dizer que “lá não volto”, pois a decisão não é minha – as nossas consciências espirituais decidem ou mesmo permitem que certos fluxos do pretérito continuem, e, infelizmente, não é a condição humana quem decide neste nível. As nossas decisões se dão em outros patamares, e é sobre estes que posso atuar.

Ainda que me levem e que o espírito que me anima a isso se proponha por força da missão que ele abraça, lá tentarei não permanecer e não mais registrarei coisa alguma.

Deixo este registro, se não para ninguém, mas para mim mesmo, no futuro.

O estranho, nesta história, é que, para quase tudo, o meu ego humano se encontra alinhado com o espírito que me anima e por ele me deixo conduzir. Contudo, quero, pelo menos, ter a pretensão de que, perante este contexto, a partir daqui, o meu grau de “encrencar com os fatos” aumentará bastante, enquanto vida houver.

Desde o ano de 2008 até este de 2015, que fui forçado a conviver com o contexto da governança destes três seres. Pelo inusitado dos fatos, parece ser muito tempo de convivência constante entre os “Senhores da *Lila*” e alguém do meu “tamanho”, preso à realidade da condição humana, cheio de problemas terrestres e, ainda, tendo que “tratar de assuntos celestiais” como se deles fizesse parte. Mesmo que, aparentemente, pareçam muitos anos de

convivência, pelo meu “tamanho”, é pouco tempo para que eu possa pretender ter compreendido devidamente este contexto tão complexo, pelo que rogo a prudência de quem, por ventura, venha a ler estes registros.

Quando exerço conscientemente parte da minha “feiura” espiritual, costumo “espantar algumas companhias” que me espreitam à noite e durante as madrugadas produtivas, com músicas cujas vibrações os possam “convidar a se retirarem do recinto” ou coisa que o valha. Às vezes, porém, esqueço-me que a intenção deveria ser esta, e me vejo escutando algumas músicas que me encantam a sensibilidade, de algum modo.

Gosto muito de música e, ao longo da minha vida fui associando certos momentos a alguns temas musicais, fossem os mesmos agradáveis ou não. Assim, na cota dos desagradáveis, onde enquadro qualquer coisa vinda destes três seres, estava sempre o “depois” dos encontros com eles, o que me “secava” o humor, o “oxigênio”, enfim, a vontade de acordar e dar continuidade à vida.

No dia seguinte, ao me perceber “retornando” à condição humana, uma música de Richard Wright, da banda Pink Floyd, “*Wearing the inside out*”, fluía pelo meu psiquismo, marcando com sua letra e com o seu ritmo lento e singular, o fluxo dos meus pensamentos.

Esta é a letra do refrão da música que, a cada vez que voltava dos tais encontros, cantava para mim mesmo, ao me sentir totalmente pelo “avesso”:

I’m creeping back to life

(Eu estou me arrastando de volta para a vida)

My nervous system all awry

(Meu sistema nervoso está todo desregulado)

I’m wearing the inside out

(Eu estou pelo avesso)

Somente a *Yoga* profunda me propiciava a condição de indiferença amorosa e de não afetação para continuar a “tocar” a vida enquanto esta era manipulada por agentes que, estranhamente, falam em ética, mas, costumam disto esquecer quando decidem que um ser humano “deve” fazer “tal coisa”, por necessidades comuns aos seus “podres” interesses.

Fazer a vontade destes seres como, em tese, Jesus se propôs, não é tarefa tão simples. Nem mesmo ele o fez, tanto que foi crucificado, apesar do seu pedido para ser poupado daquele “cálice”. Se assim foi com ele, como não o seria com alguém do meu “tamanho”.

Deixo este registro para que a humanidade futura – num tempo em que

estas coisas possam ter sido, então, melhor aferidas – possa se precaver em relação à convivência com a “descendência estratificada” desta cultura demo, que me parece impossibilitada de evoluir além do padrão em que chegaram. Desejaria bastante estar enganado, porém penso que não estou! Eles não “jogam limpo”, jamais “jogaram” de modo decente para com esta humanidade, e disto não poupo sequer as suas melhores expressões *avatáricas*, porque estas tinham questões “mais urgentes” para resolver na cota dos “problemas demos”.

Os humanos sempre foram “secundarizados” e, como “boas cobaias” a serem subjugadas – ainda que pela fé religiosa, quando outras “rédeas” não mais a conseguiam adestrar –, encheram a sua carência existencial com a sobra de promessas feitas por estes seres, apesar da inegável boa vontade, da parte deles, em cumpri-las – pelo menos é preferível que pensemos deste modo.

Ainda assim, até mesmo o tal “cumprimento de promessas” é refém de um “pagamento de apostas” que a ingenuidade, que marca o psiquismo humano, desconhece. Por isto as coisas são como são e a única dose de ternura e de decência que vemos na vida é a que a própria condição humana produz – inclusive a dos próprios *avatares*. No entanto, somos levados a pensar que recebemos isto de outros níveis e vindo de seres singelos. Que seja! Se faz bem acreditarmos nisto, que acreditemos. Entretanto, não esqueçamos de que, se somos os “bandidos”, que nascem por “obra do demônio” e já com o peso da sina do “pecado original” pelo simples fato de termos nascido – como nos culpa a “romântica” teologia católica –, somos também os heróis que carregam sobre os ombros um “vampirismo” produzido exatamente por aqueles que querem que pensemos o que pensamos, para, assim, poderem nos controlar e continuar o processo de absorção de fluidos dos espécimes da experiência biológica terráquea.

Pelo menos podemos ser uma coisa e/ou outra e, o paradoxal é que podemos ter esta dupla face ao mesmo tempo, em uma só vida, por breve que seja, conforme a resultante dos acertos e dos erros, enfim, da nossa habilidade de sabermos semear a paz em nós mesmos e ao nosso redor. Eles, porém, não conseguem ser sequer heróis, a não ser das românticas histórias que construímos para tornar a vida mais aceitável, e ainda os tratamos como deuses. *Sancta simplicitas!*

Ao longo da convivência com estes pretensos deuses, a desilusão sempre foi de tal ordem que muitas vezes me vi procurando modificar o meu modo

de pensar, para ver se era possível me autoenganar, um pouco que fosse, para melhor sobreviver àquele assédio e ao “aprisionamento” que o mesmo produzia.

Este ser – Brahma/Javé – me defraudou deliberada e calculadamente em inúmeras situações e voltará a fazê-lo – por mais que se pense humanizado – quantas vezes puder, ainda que neste seu estado de decadência. É da sua natureza “torpe” atormentar os seus “eleitos”.

Parafraseando um dito da cultura política bolchevique, muito em voga nas terras brasileiras no presente ano – ano de 2015 –, Javé nos acusa do que ele faz e nos chama do que ele é!

Não pensem que eu exagerei ou exagerei nas “cores” – estas eram e são realmente extravagantes! Usei palavras fortes e pouco gentis para poder deixar claro o significado, para o entendimento deles. Se não fizesse isto não teria sido honesto com os fatos, e com as gerações futuras, como penso que fui ao descrever os painéis do que ocorreu.

Entre apostas, enigmas e espasmos mentais incontroláveis que produziam as metamorfoses das suas formas, esta estranha aristocracia permaneceu atuante até estes tempos. Em sendo verdade tudo o que presenciei, parece que a entropia renovadora os aprisionou com vistas à finalização da participação demo no estabelecimento dos destinos pessoais dos seres evolutivos, o que, talvez, seja a única boa notícia de toda esta história. O futuro dirá.

Necessito, porém, fazer ainda mais um registro.

Somente escrevi este livro a pedido do Senhor Javé. Se não fosse ele, de forma insistente, a me envolver neste sentido, jamais o faria.

O aspecto mais complicado de toda esta história é o de alguém do meu “porte” ter que se responsabilizar por tamanho despautério filosófico em relação a um ser que é o “deus Criador deste universo e Senhor das Religiões” e de tudo o mais que existe na Terra.

Somente alguém com a personalidade do Senhor Javé agrediria um “verme” mortal com o intuito de fazê-lo perceber, por força da agressão, as características morais do agressor, para dele poder então falar com um mínimo de propriedade e de conhecimento de causa.

De todo modo, forçado pelos fatos, assumo que a “Revelação Cósmica” é a pedagogia do possível, conforme o momento que se vive na Terra, obedecendo ao “Programa de Revelações Sucessivas”, prometido pelo Cristo Cósmico/Sophia, conforme apontado pelo mentor espiritual Emanuel, por meio de Chico Xavier, no livro *“A Caminho da Luz”*.

Esta, portanto, é tão somente mais uma de suas páginas.
Espero que a alguém mais possa servir.

Jan Val Ellam

SOBRE O AUTOR



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Para mais informações:

www.ieea.com.br

contato@conectareditora.com.br



PROJETO ORBUM



Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande

parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

ROTEIRO DE LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante. Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**:

Reintegração Cósmica

Caminhos Espirituais

Carma e Compromisso

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre

Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de

amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus

Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia

Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I e II

Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final a da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo - Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos três grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino - Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretense domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

* * *

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

IEEA



INSTITUTO DE ESTUDOS Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
 - Leia livros do autor antes mesmo dos lançamentos oficiais.
 - Assista vídeos de palestras não públicas
 - Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smarthones.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

CRÉDITOS

Inquisição Trimurtiana - Tempo de Apostasia Copyright © Jan Val Ellam, 2017. Todos os Direitos Reservados Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Revisão: Maria Helena Kummer

Capa e Diagramação: Luciana Lebel



Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

Rua Açú, 569/Sala 6 – Tirol – CEP 59020-110 – Natal – RN

Telefone: (84) 3081-0199 – contato@conectareditora.com.br

[Website Conectar Editora](#)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E46s Ellam, Jan Val, 1959-

Inquisição Trimurtiana - Tempo de Apostasia /Jan Val Ellam. Natal : Conectar Editora, 2017.

244 p., 21 cm.

1. Filosofia. 2. Espiritismo. 3. Passado planetário. 4.

Civilizações extraterrestres. 5. Origem planetária. 6.

Espécie cósmica. 7. Instituto de Estudos Estratégicos e

Alternativos (IEEA). I. Título.

CDU 133.93



ISBN: 978-85-62411-34-2